



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**

LUIZ SÉRGIO SANTOS SOUZA

A ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS E A TEORIA FREUDIANA

Salvador
2011

LUIZ SÉRGIO SANTOS SOUZA

A ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS E A TEORIA FREUDIANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Filosofia das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Salles,

Salvador
2011

S729 Souza, Luiz Sérgio Santos

A associação de ideias e a teoria freudiana / Luiz Sérgio Santos Souza . – 2011.
134 f. : il.

Orientador : Prof. Dr. João Carlos Salles.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

1. Ciência- Filosofia. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939.3. Inconsciente – formação.
4. Hume, David 1711-1776 .5. Determinismo (Filosofia).6 . Associação de ideias.
I.Salles, João Carlos. M.II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Física.III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU – 101.1
CDD – 501

TERMO DE APROVAÇÃO

LUIZ SÉRGIO SANTOS SOUZA

A ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS E A TEORIA FREUDIANA

Tese aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Filosofia das Ciências, pela Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Aurino Ribeiro Filho. _____
Doutor em Física Teórica pela University of Essex (Inglaterra)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Denise de Oliveira Lima _____
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Faculdade Social da Bahia (FSBA)

Eduardo Chagas Oliveira _____
Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

João Carlos Salles – Orientador _____
Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Sérgio Augusto Franco Fernandes _____
Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Salvador, ____ de _____ de 2011.

A meu pai, a minha mãe e a minha irmã.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador João Carlos Salles, cujo rigor teórico e saber abrangente inspiram a minha busca por qualidade.

À professora Solange Fonsêca, pela sua disponibilidade e competente apoio.

Ao meu amigo e colega Helson Ramos, psicanalista e teórico da psicanálise, com quem mantive conversações enriquecedoras.

À Luzia Santhana, amiga valorosa, que incentivou incessantemente a feitura deste trabalho.

Ao meu amigo e colega Wagner Teles, com quem mantive conversas bastante interessantes e inspiradoras.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela bolsa oferecida.

Detalhes tão pequenos [...] são coisas muito
grandes [...].
(Roberto & Erasmo Carlos)

Não fala de Maria / Maria lembra mar /
e lembra aquele dia / que não é bom lembrar.
(Chico Buarque)

RESUMO

Neste trabalho, reflete-se sobre a maneira como as ideias associam-se entre si na mente humana. Partindo-se do ensaio de Hume “Da Associação de Ideias”, que expõe o papel fundamental da associação de ideias na estruturação do pensamento, examina-se a função da associação na elaboração dos pensamentos rotineiros. Examinam-se, também, a natureza dessas associações e o grau de percepção da sua atividade pela atenção consciente. Utilizam-se trechos de obras literárias para nelas examinar as maneiras pelas quais as ideias estão associadas uma às outras, e qual a percepção consciente que se tem dessas associações. Para este exame, debruça-se sobre trechos literários das obras de Marcel Proust, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Voltaire, Primo Levi, James Joyce e outros autores. Examinam-se, também, artigos de jornais e experiências da vida cotidiana do próprio autor, procurando sondar a natureza das associações, com o objetivo, entre outros, de entender a autonomia que este processo possui em relação à atenção consciente. Em seguida, contempla-se a teoria freudiana através da análise das Formações do Inconsciente: os atos falhos; os sonhos e os sintomas neuróticos. Examinam-se alguns exemplos de interpretação desses três representantes disfarçados dos desejos inconscientes, para perscrutar a natureza do vínculo associativo entre os pensamentos que ligam essas formações, que se processam do lado da consciência, e os pensamentos recalcados, de natureza inconsciente, aos quais estas formações estão atreladas. Utilizam-se, na explanação da teoria freudiana, os conceitos da topologia mental estipulados por Freud na estruturação da sua “Primeira Tópica”, usada nos seus textos fundadores da teoria psicanalítica. O conceito do Princípio do Prazer recebe um destaque expositivo, devido a sua importância na elaboração das formações do Inconsciente. Comparam-se os mecanismos presentes nos fenômenos das formações do Inconsciente com aqueles responsáveis pelo encadeamento das ideias que estruturam os nossos pensamentos cotidianos, utilizando-se para este contraponto os exemplos explanados nos primeiros capítulos deste trabalho. Por fim, nas Considerações Finais, expõe-se a semelhança que há entre a associação de ideias constituintes das atividades mentais usuais e a forma como os fenômenos representantes da ação das ideias inconscientes são elaborados. Verifica-se, por fim, o estatuto de ciência humana das ideias freudianas, considerando a sua articulação com a natureza linguística da mente no desenvolvimento de suas investigações.

Palavras-chave: Freud; Hume; associação de ideias; formações do inconsciente; determinismo psíquico; Filosofia da Ciência.

ABSTRACT

In this current work, a reflection is done on the way in which the ideas associate with each other in human mind. Taking as a starting point Hume's essay "Of the Association of Ideas", which shows the fundamental role of the association of ideas on thought structuring, the function of the association in the development of everyday thoughts is examined. The nature of these associations and the degree of perception of its activity by the conscious attention are also examined. Excerpts from literary works are used for analyzing the ways in which ideas are associated with each other, and what conscious perception one may have from these associations. For this examination, it is used literary excerpts from works by Marcel Proust, Machado de Assis, Edgar Allan Poe, Voltaire, Primo Levi, James Joyce and other writers. Newspaper articles and everyday life experience from the author himself are also examined, seeking to investigate the nature of the associations, with the purpose, among others, of getting to understand the autonomy which this process possess in relation to conscious attention. Next, Freudian theory is contemplated through the analysis of the formation of the Unconscious: parapraxes; dreams and neurotic symptoms. Some examples of interpretation of these three disguised representatives of unconscious desires are verified in order to study the nature of the associative link between the thoughts that connect these formations, which are processed on the side of consciousness, and the repressed thoughts, of unconscious nature, to which these formations are tied. On the explanation of Freudian theory, it is used the concepts of the mental topology stipulated by Freud on the structuring of his First Topology, employed in his founding texts of psychoanalytical theory. The concept of Pleasure Principle receives an expository prominence, due to its importance in the development of the formations of the unconscious. The mechanisms present in the phenomenon of the formations of the Unconscious are compared to those responsible for the concatenation of the ideas that structure our everyday thoughts, employing for this counterpoint the examples provided on the first chapters of the current work. On the Final Considerations, it is shown the similarity between the association of constituent ideas of the usual mental activities and the way in which the representative phenomena of the action of the unconscious ideas are built. Finally, it is verified the status of human science of Freudian ideas, considering its articulation with the linguistic nature of the mind on the development of its investigations.

Keywords: Freud; Hume, association of ideas; formations of the unconscious; psychic determinism; Philosophy of science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do esquema do ato falho “Signorelli”	75
Figura 2 – Modelo de Rébus	82
Figura 3 – Placa em Viena: Bellevue	83
Figura 4 – Moisés (de Michelangelo)	118
Figuras 5, 6, 7 e 8 – Representações do Moisés com as Tábuas da Lei (Conjunto das Figuras 1,2, 3 e 4).....	119/120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A NATUREZA UBÍQUA E FUGAZ DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS	17
2 O ASPECTO NÃO CONSCIENTE DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS	29
3 A FUNÇÃO DETERMINADORA DO AFETO	45
4 A REGRA DUAL DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS	58
5 A DINÂMICA ASSOCIATIVA DO INCONSCIENTE	68
5. 1 O EQUÍVOCO EXPRESSIVO.	72
5. 2 O RÉBUS ONÍRICO	79
5. 3 O SINTOMA DESEJANTE	98
5. 4 A REGRA FUNDAMENTAL	108
5. 5 A ANÁLISE DE UMA ESTÁTUA	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

O conceito de ‘associação de ideias’ possui uma importância capital no arcabouço teórico freudiano, embora seja pouco examinado pelos comentadores de sua teoria, considerando o diminuto número de textos que se aprofundam neste tema, investigando sua atuação no corpo do profusamente comentado edifício teórico da psicanálise.

Esse aspecto da teoria freudiana, que, talvez por se afigurar óbvio, quase nunca parece merecer atenção dos comentadores, é a sua natureza essencialmente associativa. A grande descoberta freudiana – o inconsciente dinâmico – só pode ser vislumbrada e examinada através das associações entre as ideias que conceitualmente o habitam – inacessíveis à perscrutação consciente – e aquelas com que estão conectadas e são passíveis de serem acessadas pela consciência.

As ideias de Freud, que incluem a descoberta da dinâmica da nossa vida simbólica inconsciente, e a técnica da associação livre, rastreadora da cadeia associativa, no seu percurso, ao longo dos diferentes tópicos mentais, em busca de ideias de difícil acesso consciente, são respaldadas pela tradição associacionista, surgida nos primórdios da preocupação humana com a estrutura mental. Ao mesmo tempo, essas ideias oferecem uma complementação fundamental para a teoria associacionista, por ter como prática investigativa o percurso associativo através de regiões mentais não conscientes, que são construtos teóricos psicanalíticos e dão conta de estados de consciência até então esboçados, porém nunca antes formulados.

A psicanálise, portanto, propõe-se examinar, como objeto de estudo, o material mental oculto da consciência, mas que se associa, invariavelmente, com alguma ideia capaz de ser acessada por esta – portanto, capaz de ser verificada –, produzindo, assim, uma cadeia associativa que percorre todo o território mental. Isto é, tanto a consciência como o inconsciente são regiões, por assim dizer, atravessadas pela cadeia associativa no decurso do seu trajeto.

A associação que as ideias fazem entre si na mente de cada um de nós consiste numa operação inerente aos fenômenos fundamentais da teoria freudiana. Podemos mesmo afirmar que a associação de ideias é o tema central, ainda que implícito, desta teoria. Entretanto, como procuraremos demonstrar no corpo deste trabalho, a associação de ideias possui uma abrangência muito mais ampla do que aquela que diz respeito aos fenômenos estudados pela

psicanálise. Como veremos, esse fenômeno está presente em todas as atividades mentais e, através dele, podemos compreender a natureza das formações dos pensamentos que nos povoam.

Podemos nos deparar com o processo associativo das ideias no desenrolar da vida subjetiva dos personagens fictícios da literatura universal. A boa literatura constrói seus personagens de maneira que reproduzam o comportamento e a elaboração de ideias conforme se dá na vida factual. Neste trabalho, examinamos alguns trechos de literatura, de autores tais como Machado de Assis, James Joyce, Edgar Allan Poe e Marcel Proust, entre outros, com a finalidade de perscrutar as *nuances* associativas da articulação das ideias das personagens por eles elaboradas. Além disso, analisamos alguns exemplos de colunas jornalísticas, para constatar o uso generalizado do processo de associação de ideias.

Trata-se de um processo que se dá de uma maneira tão automática e frequente que, apesar da sua enorme importância na estruturação de nossos pensamentos, não nos damos conta de sua atividade. Porém, é esta atividade que é responsável pelas formações dos pensamentos que povoam nossa vida simbólica.

Consideramos que a compreensão da natureza da formação de nossas ideias tem extrema importância conceitual para a compreensão da natureza humana. Esta compreensão poderá contar com a teoria freudiana como um manancial teórico relevante, tendo em vista, principalmente, o uso que ela faz da associação entre as ideias, estendendo a amplitude dessa conexão para além dos limites de nossa razão consciente. Isto possibilita que a análise das formações das ideias, através das suas conexões associativas, possua uma abrangência bem maior do que aquela que limita o percurso do encadeamento associativo ao material psíquico dividido apenas pela percepção consciente.

A estrutura da teoria freudiana é de tal forma que toda sua explanação implica a demonstração do processo de associação de ideias entre as representações constituintes das unidades topológicas do aparelho psíquico. Uma ideia dita “inconsciente” não pode ser considerada como existente e, nem ao menos, ser mencionada, se não houver uma representação que lhe corresponda do lado do “eu” consciente. Esta correspondência é essencialmente a da conexão associativa entre a ideia inconsciente presumidamente existente e a sua representação constatada conscientemente. Isto porque as ideias ditas inconscientes não se apresentam à observação direta. É necessário que haja uma outra ideia conectada com ela que a represente na consciência. Esta conexão se dá através da associação. É esta associação, portanto, que precisa ser investigada para que a existência da ideia inconsciente possa ser confirmada.

Um dos pilares básicos da psicanálise é a convicção de Freud de que nada acontece por acaso na vida mental. Nenhuma ideia ou nenhuma representação mental surge do nada. Em um artigo sobre sonhos, dissertando sobre a escolha de uma determinada representação onírica, ocasionada por um estímulo externo deliberado, afirma que “[...] não existe coisa tal como determinação arbitrária na mente” (FREUD, 1976, v.5, p.720).

Numa conferência, podemos ouvi-lo dizer que, se pedirmos para uma pessoa, que nada saiba sobre psicanálise, explicar as ocorrências dos atos falhos, ela “certamente” dirá que “nada há para ser explicado”, que isto não passa de pequenos acontecimentos ao acaso. Mas esta pessoa estaria, com isso, negando a cosmovisão¹ científica. Mesmo a cosmovisão religiosa comporta-se de maneira mais coerente, pois nos dá “[...] a explícita garantia de que nenhum pardal cai do telhado sem a vontade de Deus” (FREUD, 1976, v.15, p.42). Dessa forma, ele expõe a sua crença numa regra de causa/efeito para os fenômenos mentais, similar àquela existente na Física². Há, para Freud, um determinismo psíquico nas ideias que povoam o “eu” consciente, cuja determinação está ligada ao desejo inconsciente. A articulação desta concepção será discutida neste trabalho.

Portanto, todas as representações originadas por um determinado sujeito – seja uma palavra, um gesto, um devaneio ocasional, uma imagem onírica, um sintoma neurótico, um lapso das suas intenções, ou qualquer outro símbolo por ele elaborado – estão conectadas, por associação, a alguma outra representação da sua vida mental inconsciente. O trabalho psicanalítico consiste em seguir a trilha encadeada de ideias, para que estas, ao se desvelarem, apresentem ao sujeito algum material significativo daquilo que por ele é representado, mas cujo sentido lhe escapava até então.

É essa concepção de causa/efeito, sempre presente na vida mental, que afasta a hipótese de que haja qualquer representação simbólica sem uma causa que a preceda – cuja comprovação está respaldada no encadeamento associativo das representações mentais –, o que estrutura o edifício teórico freudiano. Por outro lado, esta teoria complementa e ilustra – com seus inúmeros casos clínicos e exemplos de eventos cotidianos, tais como os sonhos e os atos falhos –, à primeira vista irrelevantes, as teorias associacionistas que a precederam e a facultaram.

¹ A palavra usada na tradução das obras de Freud consultada é o original alemão, internacionalmente usado: *Weltanschauung*. A nova tradução, estabelecida por Paulo César de Souza, traduz este termo para: visão do mundo. Preferimos “cosmovisão” por se tratar de apenas uma palavra, como a original, e a escolhemos no lugar desta, entre outros motivos, por ser mais factível sua pronúncia.

² Freud refere-se, sem dúvida, à Física Clássica. Não há registro de que tenha conhecido a Mecânica Quântica, que tornou a questão do determinismo na Física, no mínimo, controverso. Freud era um homem de seu tempo, seria verossímil imaginá-lo parafraseando Einstein, afirmando algo como: “Deus não joga dados com a mente humana”.

A partir do acima exposto, percebemos que as ideias de Freud só podem possuir aplicação clínica se respaldadas na garantia associativa de todas as representações mentais. Torna-se, portanto, a teoria da associação das ideias fundamental para a estruturação teórica dessa prática.

Este trabalho examina alguns exemplos ilustrativos da teoria freudiana, nos quais pode ser contemplado o funcionamento das suas principais concepções teóricas. São apreciados textos freudianos, como os primeiros casos clínicos, assim como fragmentos significativos de relatos clínicos de períodos posteriores. Além disso, são verificadas suas explicações sobre as interpretações de sonhos, considerando os sonhos mais significativos de sua “A Interpretação dos Sonhos”. Atos falhos integrantes de sua “A Psicopatologia da Vida Cotidiana” são examinados, buscando, em todos esses relatos, analisar a participação do mecanismo da associação de ideias na estruturação dos fenômenos psíquicos apresentados. Além disso, examinamos uma aplicação do método da associação livre, instrumento fundamental da investigação psicanalítica, e que expõe, de forma inequívoca, a importância da análise da associação de ideias na prática da teoria freudiana

Como já mencionamos, o processo de associação de ideias é um fenômeno sempre presente nas elaborações mentais. É exatamente por possuir esta natureza universal em nossa vida simbólica que a associação entre as ideias pode ser usada como instrumento epistemológico nas proposições freudianas, que se propõem explicar o funcionamento dos processos mentais. Neste trabalho, inicialmente, desenvolveremos o conceito de associação de ideias, para então aplicá-la no exame do corpo teórico das ideias de Freud.

Ilustramos, ao longo dos próximos capítulos, alguns dos nossos argumentos com exemplos derivados da experiência de vida do próprio autor, à maneira da obra mais importante da teoria freudiana: “A Interpretação dos Sonhos”. Esta menção não pretende, obviamente, nenhuma comparação qualitativa com a eminente obra, mas apenas registrar o ilustre precedente desta atípica forma argumentativa.

A estrutura que se propõe para a organização dos capítulos é a seguir explicitada.

Nos primeiros quatro capítulos, procuramos apresentar a noção de associação de ideias apartada da teoria psicanalítica, mesmo quando citamos exemplos fornecidos pelo próprio Freud. Atividades mentais são examinadas, deixando de fora, na medida do possível, as explicações psicanalíticas, com o intuito de abordar plenamente o fenômeno associativo fora do contexto dessa teoria, procurando, assim, construir um instrumento epistemológico independente dessas ideias, para com ele verificar sua eficácia argumentativa.

No primeiro capítulo – A NATUREZA UBÍQUA E FUGAZ DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS –, parte-se do ensaio de David Hume, “Da Associação de Idéias”, inserido em sua obra *Investigação sobre o entendimento humano* (1999), e no qual o filósofo demonstra a importância da função associativa para a estruturação de nossos pensamentos, para argumentar sobre a presença contínua do fenômeno da associação de ideias nos processos mentais, como também sobre a fugacidade ou rapidez com que este fenômeno se processa, configurando-se de difícil apreensão para a atenção consciente.

No segundo capítulo – O ASPECTO NÃO CONSCIENTE DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS –, examina-se o fato corriqueiro de as associações ocorrerem fora do domínio da consciência, a ponto de causar espanto àquele que experimenta a percepção do aparecimento de uma nova ideia, fazendo com que experimente a sensação de que esta lhe tenha surgido do nada. Ao mesmo tempo, mostram-se alguns exemplos de que é possível, a partir de uma atenção desenvolvida através de treino, adquirir-se a aptidão de rastrear a cadeia associativa responsável pelo surgimento de determinada ideia à mente.

O terceiro capítulo – A FUNÇÃO DETERMINADORA DO AFETO – trata da questão do afeto que está ligado a cada ideia, ressaltando a sua função determinadora da apreensão de uma dada ideia pela atenção consciente, entre as demais componentes da corrente associativa.

No quarto capítulo – A REGRA DUAL DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS –, analisam-se algumas regras propostas para a associação de ideias ao longo da história do desenvolvimento de seu estudo, adotando-se a regra dual (da similaridade e da contiguidade), estruturada pelo linguista Roman Jakobson (1995) como regra padrão deste trabalho. Explica-se a maneira pela qual alguns dos princípios da associação podem ser englobados por um dos dois princípios adotados. A partir da aplicação desses dois princípios, examinam-se alguns exemplos de associação já comentados nos capítulos anteriores, com a finalidade de tornar clara a sua aplicação.

No quinto capítulo – A DINÂMICA ASSOCIATIVA DO INCONSCIENTE –, examinam-se o texto freudiano, seus diversos exemplos de casos clínicos, sonhos e atos falhos, o método investigativo da livre associação, assim como a análise efetuada por Freud do formato peculiar da estátua de Moisés de Michelangelo, utilizando-se o conceito de associação de ideias, desenvolvido nos capítulos anteriores. Utiliza-se, então, a especificidade da regra dual, explanada no capítulo anterior, objetivando uma acurada análise, através da verificação das cadeias associativas, do trânsito das ideias entre o inconsciente e a

consciência, com a finalidade de verificar a presença do mecanismo associativo no desenvolvimento dessa teoria.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, consideram-se as associações exemplificadas nos primeiros capítulos deste trabalho, examinando sua importância para uma percepção do mecanismo associativo, que age independentemente do controle consciente, antecipando, com a sua natureza inconsciente, a dinâmica apresentada por Freud no desenvolvimento de suas ideias. Examina-se o estatuto de ciência humana da psicanálise, identificando o seu traço distintivo na investigação da mente, através da articulação da linguagem, subordinada a regras lógicas, fazendo da psicanálise um método de pesquisa que tem como paradigma princípios de representabilidade.

1 A NATUREZA UBÍQUA E FUGAZ DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

A mente humana consiste em um conjunto de ideias que interagem entre si, produzindo pensamentos de complexidades variadas. Este conjunto possui um conteúdo tal, que varia de sujeito para sujeito, de forma amplamente diversificada, constituindo-se no que denominamos “nossas ideias”, e imaginamos, com certa razão, que nos são próprias e exclusivas. As ideias que compõem nossas mentes podem assumir qualquer forma logicamente imaginável ou, até mesmo, serem destituídas de qualquer lógica. As maneiras pelas quais as ideias interagem entre si, porém, constituem-se em regras fixas, passíveis de investigação e classificação. Uma dessas regras diz respeito às formas pelas quais as ideias conectam-se umas com as outras, possibilitando que, a partir de ideias simples, construamos pensamentos elaborados, capazes, quase sempre, de serem entendidos ao longo de exposições discursivas. Esse tipo de conexão, estabelecido entre uma ideia e outra, é denominado de “associação de ideias”.

A abrangência desse fenômeno não se restringe ao seu desempenho em determinados fatos mentais, mas se estende a todos os processos em que pensamentos são constituídos, e podemos mesmo afirmar que, essencialmente, ele é o responsável pela existência de pensamentos inteligíveis. Portanto, haver um mecanismo mental que se incumba da conexão associativa entre as ideias em nossas mentes, é uma condição imprescindível para que possamos simbolizar o mundo que nos contém.

Num sentido rigoroso, ‘pensar’ é o mesmo que ‘associar ideias’. Embora usemos o termo ‘associação’ num sentido restrito, como se o fenômeno acontecesse apenas em situações peculiares da nossa vida mental, ele é parte constituinte do processo de organização de ideias, a própria ação de pensar.

Sem a existência desse processo conectivo que atua de forma involuntária e, no mais das vezes, fora do domínio da consciência, nossas ideias não comporiam um conjunto lógico, o que vale dizer que não poderíamos nem mesmo estabelecer algum tipo de pensamento.

Esta imprescindibilidade do fenômeno da associação de ideias, na constituição de pensamentos inteligíveis, está bem comentada nas palavras de David Hume, filósofo que deu ao seu estudo uma grande importância. Para ele, “Fossem as ideias inteiramente soltas e desconexas, apenas o acaso as juntaria [...]”. Numa situação como esta, não haveria lugar para reflexões elaboradas. Assim, deduz-se que a uma ideia não se poderia seguir outra, numa

sequência lógica, “[...] se não houvesse algum laço de união entre elas, alguma qualidade associativa, pela qual uma ideia naturalmente introduz outra” (HUME, 1999, p.31).

A expressão “naturalmente”, nessa oração, remete-nos à espontaneidade do fenômeno, revelando-nos a sua característica “automática”. Isto é, a introdução de uma nova ideia no contexto discursivo, pelo fato de estar associada àquela que ocupa nossa consciência no momento, é um fato independente da nossa escolha.

Outra imagem, usada por Hume nesse texto, a de “laço de união”, ilustra bem a concepção da fusão entre uma ideia e outra a que está associada, indicando que esta é uma conexão imperativa. As ideias estão conectadas entre si, na mente de cada um de nós, de uma maneira que foge ao nosso controle, sendo sua cisão passível de ocorrer apenas pela sua própria dinâmica, apartada da volição do sujeito que as possui. Esta independência do processo associativo das ideias remete-nos à característica involuntária dos nossos pensamentos, o que se constitui numa importante formulação para o desenvolvimento deste trabalho.

Essas conexões associativas ligam as ideias entre si, dando-lhes um encadeamento inteligível, ao mesmo tempo em que possibilita que uma ideia qualquer seja capaz de evocar outras que com ela estejam associadas.

Essas associações não são fixas, isto é, na mente de um mesmo sujeito, uma ideia que se associe com outra, num determinado momento, poderá, no instante seguinte, associar-se a outra ideia diferente. A dinâmica dessas associações é tão incessante, quanto o é a formação de novas ideias em nossa mente. A cada nova ideia que concebemos, um novo vínculo entre ideias diferentes surgirá, possibilitando, assim, uma conexão associativa que até então não existia. Se uma ideia *A* está conectada na mente à ideia *B* e um determinado mecanismo – ligado a uma conexão interna ou ambiental – conecta a ideia *B* à ideia *C*, esta, por sua vez, passa automaticamente a associar-se com a ideia *A*.

Esse tipo de conexão é onipresente em nossa vida mental, e o efeito desse fenômeno é aquilo que engendra a nossa psicologia.

As ideias associam-se na mente, umas com as outras, o tempo todo e em todos os casos em que um pensamento ocorre. Não há nada na mente que possa ser considerado como *uma ideia que surgiu do nada*, pois, se tal fenômeno fosse possível, teríamos que abdicar da nossa crença na lei de causa e efeito e passar a dar crédito à criação espontânea. Uma ideia surge na mente de cada um de nós porque se associa a alguma outra que nos ocupa num determinado instante, ou porque uma representação ideativa externa – originada no ambiente que nos circula – ativou outra a ela associada em nossa vida mental. A associação de ideias é,

entre outras coisas, a causa da existência daquelas ideias que nos surgem de repente e parecem saídas do nada.

É importante ressaltarmos que nosso entendimento de “ideia” tem uma significação totalmente abrangente. Seu significado, além daquele usado correntemente: um pensamento que nos ocorre, ou que nos é transmitido, é o de uma representação que, de alguma forma, nos estimule e seja simbolizada mentalmente, podendo tratar-se de qualquer som, odor, sensação tátil ou imagem que tenham sua origem no mundo exterior, ou em nosso interior. A fragrância de um perfume, uma nota musical – ou um ruído desagradável –, um sutil toque corporal, a repentina sensação de fome ou a visão de uma determinada cena, entre outras ocorrências, podem evocar inumeráveis ideias que até então não ocupavam a nossa consciência. Um dente que, de repente, começa a nos incomodar, poderá evocar, entre outras coisas, a torturante cadeira do dentista, um baque no nosso orçamento, ou ainda Sir Laurence Olivier, em *Marathon Man*³. As possibilidades são infinitas.

Nossa vida mental cotidiana nos fornece bons exemplos do funcionamento das conexões associativas entre as ideias. Se atentarmos para o motivo pelo qual uma ideia surge em nossa mente, aparentemente do nada, poderemos, muitas vezes, traçar a trilha associativa que a conectou com a ideia que tínhamos em mente pouco antes do seu surgimento, ou então, perceberemos que esta conexão se deu através da associação entre essa ideia e uma outra recém-ocorrida no ambiente que nos circundava, que, ao associar-se com o repertório das ideias que compõem a nossa vida mental, despertou algum pensamento, que se encontrava, por assim dizer, até então em repouso. A percepção dessas conexões, entretanto, não é tão fácil como pode parecer à primeira vista. Requer um alto grau de reflexão introspectiva e prática, pois a conexão associativa entre as ideias não é fruto de nossa volição, mas de um processo automático da vida mental, agindo independente de nossa tomada de consciência.

Hume (1999, p.31) afirma, no texto acima mencionado, que

[...] se a mais negligente e indisciplinada das conversas fosse transcrita, observar-se-ia imediatamente algo que a manteve coesa em cada uma de suas transições. Ou, se isso estiver ausente, a pessoa que quebrou o fio da discussão poderia ainda informar-nos que uma sucessão de pensamentos percorrerá secretamente sua mente, levando-a gradualmente a afastar-se do assunto da conversação.

Isso nos faz crer que se trata de uma tarefa fácil, aquela de percebermos a corrente associativa que nos levou de um pensamento a outro.

³ Nesse filme, a personagem de Laurence Olivier tortura a de Dustin Hoffman numa cadeira de dentista, usando ferramentas dentárias.

Na prática, apreendemos que, na maioria das vezes, a pessoa que “quebra o fio da discussão”, quando inquirida, não tem a menor noção de qual fora a “sucessão de pensamentos [que] percorrerá secretamente sua mente”, conectando-a com a ideia que agora lhe ocorre. Ela nem ao menos saberia dizer qual a ideia que deflagrou esta “sucessão de pensamentos”, desviando-a do “fio da discussão”. Mais ainda, ela não seria capaz nem mesmo de perceber que “uma sucessão de pensamentos” antecedeu e introduziu a ideia que agora lhe ocorre.

A explicação dessa ocorrência é que, tão logo uma conexão nos leva de uma ideia para a outra, os laços conectivos que uniram as ideias desaparecem da consciência, deixando-nos com a sensação de que as ideias sucederam às outras por puro acaso. Exceções a essa falta de conhecimento das conexões responsáveis pelo fluxo associativo das ideias que se formam em nossa mente podem acontecer no caso de pessoas bem treinadas no exercício desse tipo de atenção, considerando que as conexões entre as ideias não abranjam nenhuma ideia incompatível com o nosso “eu”. Aprofundaremos a análise dessa questão no capítulo cinco.

Na literatura, encontramos inúmeros exemplos do processo de associação de ideias, alguns dos quais dignos de nota. A seguir, apresentaremos algumas passagens literárias, nas quais esse processo está presente de maneira particularmente ilustrativa.

Edgard Allan Poe criou a personagem de Charles Auguste Dupin, “[...] o primeiro detetive da história da literatura” (BORGES, 1999, p.224), inaugurando, assim, uma longa tradição de detetives dedutivos, que, a partir de uma pista encontrada na cena do crime, são capazes de seguir uma trilha, na qual os indícios associam-se entre si, quase incessantemente, até alcançar a conexão final, ou seja, a prova do crime cometido. Esses indícios – mais precisamente, a representação mental deles – enquadram-se na concepção de “ideia” que usamos neste trabalho.

Na sua história de estreia, “Os Crimes da Rua Morgue”, Dupin nos é apresentado pelo narrador como um jovem francês com “uma peculiar capacidade analítica” (POE, 1978, p. 116). O significado atribuído à expressão “analista” vai aos poucos se delineando nas primeiras páginas da história, antes mesmo de sermos apresentados à figura do detetive.

Para exemplificar a atitude de um bom analista, o narrador nos remete a um jogo de cartas, o *whist*, informando-nos que o jogador bom de análise é aquele capaz de associar cada expressão facial e movimento corporal de seus adversários às cartas que estes recebem ou àquelas que têm nas mãos, assim como, através dessa análise, perceber sua predisposição para o blefe e demais comportamentos inerentes ao processo do jogo. O analista, portanto, é aquele que, “[...] as primeiras duas ou três rodadas tendo sido jogadas, conhece perfeitamente o jogo

de cada um e, a partir de então, lança suas cartas com tão absoluta precisão como se os outros jogadores tivessem as suas cartas com as faces voltadas para ele” (POE, 1978, p.114).

Essa capacidade analítica corresponde ao poder de percepção – sem dúvida, obtido ao longo de esmerado treinamento – das conexões existentes entre uma ideia e outra ao longo de uma cadeia associativa. Aqui, estamos tratando de um fato novo: a capacidade de que algumas pessoas dispõem de desenvolver para vislumbrar o fluxo associativo entre as ideias, não nos seus próprios pensamentos, mas no daqueles que o cercam.

No desenvolvimento da história, o narrador exemplifica a capacidade analítica de Dupin com um relato prodigioso:

Caminhávamos, certa noite, por uma rua longa e suja, nas imediações do Palais Royal. Mergulhado ambos em nossos pensamentos, nenhum de nós proferira uma única palavra pelo menos durante os últimos quinze minutos. Súbito, Dupin irrompeu com estas palavras: “na verdade, esse rapaz é muito pequeno e estaria melhor no *Théâtre des Variétés*”. (POE, 1978, p.117).

O narrador, para quem aquelas palavras eram dirigidas, no primeiro instante, responde naturalmente a Dupin, mas, logo em seguida, dá-se conta de que algo de espantoso havia ocorrido. Como Dupin havia sido capaz de adivinhar o que lhe passava pela mente? Quando ele, estupefato, questiona Dupin, este lhe diz que tinha sido claro para ele que o outro estava pensando em Chantilly, o ator da peça que ambos tinham acabado de assistir. Seu companheiro então lhe implora: “Diga-me pelo amor de Deus [...], qual o método, se é que havia algum método, pelo qual você conseguiu penetrar em minha alma, neste caso” (POE, 1978, p.117-118).

A explicação exposta, em seguida, por Dupin, de como foi capaz, observando as atitudes e expressões de seu companheiro, de acompanhar a trajetória dos seus pensamentos até o instante em que resolveu intervir, deduzindo o que lhe passava pela mente, ilustra muito bem a capacidade que algumas pessoas desenvolvem, de uma hábil observação do fluxo de associação de ideias, mesmo se tratando das ideias de outrem.

Dupin lhe satisfaz o desejo:

Explicarei – disse ele – e, para que você possa compreender tudo claramente, refaremos de novo o curso de suas meditações, desde o momento em que falei com você até o nosso encontro com o vendedor de frutas em questão. Os elos principais da cadeia seguem a seguinte ordem: Chantilly, Órion, Doutor Nichols, Epicuro, estereotomia, as pedras da rua, o vendedor de frutas. (POE, 1978, p.118).

Em seguida, explica a sua percepção do encadeamento associativo pelo qual transitou a mente do seu amigo.

Se bem me lembro, falávamos de cavalos, pouco antes de deixarmos a rua C... Foi a última coisa que discutimos. Ao entrarmos nesta rua, um vendedor de frutas, com um grande cesto à cabeça, passando rapidamente por nós, empurrou você sobre um monte de paralelepípedos, num lugar em que o calçamento está sendo reparado. Você pisou numa das pedras soltas, escorregou, magoou ligeiramente o tornozelo, revelou um pouco de desagrado ou mau humor, murmurou algumas palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e, depois, continuou seu caminho em silêncio. Não prestei, particularmente, atenção ao que você fez, mas, nos últimos tempos, a observação se tornou, para mim, uma espécie de necessidade. Você conservou os olhos fixos no chão – olhando, com um ar petulante, para os buracos e sulcos existentes na rua (de modo que vi que você pensava ainda nas pedras), até que chegamos a uma travessa chamada Lamartine, que fora pavimentada, à guisa de experiência, com as pedras superpostas e bem unidas. Seu rosto, então, se animou, e percebi que você murmurou a palavra “estereotomia”, termo muito bem aplicado a essa espécie de pavimentação. Sabia que você não podia repetir para si mesmo a palavra “estereotomia” sem ser levado a pensar em átomos e, por conseguinte, nas teorias de Epicuro; e como, quando discutimos, ainda recentemente, esse tema, eu me referi à maneira singular, embora notada, com que as vagas suposições desse nobre grego, haviam sido confirmadas pela recente cosmogonia nebular, compreendi que você não poderia deixar de erguer os olhos para grande *nebula* de Órion, coisa que, com toda segurança, esperei que você fizesse. E você olhou para o alto – e eu tive, então, a certeza de que seguira acertadamente os seus pensamentos. Mas, naquela amarga *tirade* sobre Chantilly, duplicada ontem no *Musée*, o escritor satírico, fazendo certas alusões maldosas à mudança de nome do sapateiro ao usar o coturno, citou um verso latino sobre o qual temos conversado muitas vezes. Refiro-me ao verso: *Perdidit antiquum litera prima sonum*. Eu lhe dissera que isso se referia a Órion, que, a princípio, se escrevia Úrion. E como tivemos algumas discussões um tanto quanto apaixonadas sobre essa minha interpretação, tive certeza de que você não a havia esquecido. Era claro, que você não deixaria de relacionar as duas ideias: Órion e Chantilly. Que você relacionou, vi-o claramente pela expressão do sorriso que lhe passou pelos lábios. Pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, estivera andando com o corpo curvado; mas, a partir daquele instante, você endireitou o corpo. Tive, então, a certeza de que você pensava na minúscula figura de Chantilly. Nessa altura, interrompi suas meditações para observar que, na verdade, ele era um sujeito muito pequeno... esse tal Chantilly... e que estaria melhor no *Théâtre des Variétés*. (POE, 1978, p.118-120).

Dupin, por ser um competente “analista”, foi capaz de perceber a representação que deu início à cadeia associativa na mente de seu companheiro, assim como as conexões que se seguiram, através da observação de sua atitude, expressão corporal, objetos observados, bem como a conexão destes com os assuntos recentemente discutidos entre os dois. Constrói, então, mentalmente a cadeia associativa pela qual transitava seu companheiro, acompanhando

a formação das ideias na sua mente, até o momento em que julgou adequado interferir, proferindo o comentário surpreendente.

No momento, enfatizamos o fato de que as associações divisadas pelo detetive ocorreram entre as exteriorizações comportamentais que observou e as ideias que, presumivelmente, as provocaram. Como podemos constatar, essas exteriorizações enquadram-se no significado abrangente do termo “ideia”, que denominamos de “representação que tenha sua origem no mundo exterior”.

Uma mente aguçada tal qual a do herói deste conto não é fácil de ser encontrada. Uma capacidade “analítica” capaz de tamanha façanha perceptiva é quase inverossímil. Porém, a história ilustra uma possibilidade, aquela de que os elos da cadeia associativa podem ser rastreados se nos dedicarmos com afínco à sua observação. O exame das conexões entre as ideias que levam de um pensamento a outro, aliás, não é coisa rara. As ideias que aparecem, de repente, nos surpreendem, como se surgissem do nada, intrigando-nos, e podem nos levar a querer investigar a sua gênese. Com efeito, o companheiro de Dupin, a certa altura da sua narrativa, comenta:

Poucas pessoas existem que não se hajam divertido, em algum momento da sua vida, em reconstruir os passos pelos quais chegaram a certas conclusões. Tal ocupação é, não raro, cheia de interesse, e aquele que tenta pela primeira vez fica surpreso ante a aparente distância ilimitada e a incoerência existente entre o ponto de partida e o objetivo final. (POE, 1978, p.118).

Essa “distância ilimitada” e a “incoerência existente entre o ponto de partida e o objetivo final” são, em parte, responsáveis pela nossa dificuldade de perceber a cadeia associativa que gerou a ideia que nos salta à mente, e preferirmos aceitar o surgimento desta como obra de um acaso psíquico que nos imporia ideias como num passe de mágica.

Quarenta e seis anos depois do surgimento de Dupin, entra em cena, seguindo o rastro deixado pela sua técnica, o detetive dedutivo mais popular da literatura: Sherlock Holmes.

Em sua história de estreia, quando o relacionamento entre ele e Watson está delineando-se, este, à guisa de elogio, comenta: “Você me lembra o Dupin de Edgar Allan Poe. Nunca pensei que esse tipo de gente existisse na vida real”. Holmes, ao contrário do esperado, não se apraz com a comparação e comenta que, em sua opinião, “Dupin era um tipo bastante inferior”, e cita com desprezo a admirável elucidação associativa do francês:

Aquele seu truque de interromper os pensamentos do amigo com um comentário oportuno, após um silêncio de 15 minutos, além de espalhafatoso, é superficial. Não duvido que ele tivesse um certo dom

analítico, mas não era de modo algum o fenômeno que Poe parecia imaginar. (DOYLE, 2002, v.1, p.24).

Sem dúvida, Holmes procura depreciar o rival literário, que o antecipou, numa evidente tentativa de minimizar sua influência, tornando, ao contrário, mais evidente a sua dívida para com ele.

Em outra passagem, nessa mesma história, no primeiro contato entre o detetive e o seu futuro inseparável parceiro, Holmes, ao ser apresentado a Watson, espanta-o, afirmando: “vejo que esteve no Afeganistão”, fato sobre o qual o leitor já se inteirara. Mais tarde, o método para deduzir tal constatação é explicado, com o seguinte preâmbulo: “Eu sabia que você vinha do Afeganistão. Devido a um hábito antigo, o encadeamento de pensamentos passou pela minha mente com tamanha rapidez que cheguei à conclusão sem ter consciência das etapas intermediárias. Mas essas etapas existiram” (DOYLE, 2002, v.1, p.23). Depois de explicar a cadeia associativa que o levou à constatação do fato, o detetive acrescenta (p.24): “Toda esta fieira de pensamento não levou mais do que um segundo”.

Holmes não ignora tanto a rapidez com que as conexões se dão ao longo da cadeia associativa, partindo da ideia inicial até aquela cuja relevância lança luz ao contexto, quanto o fato da “falta de consciência” do processo associativo – as “etapas intermediárias” – por parte daquele em cuja mente as associações se processaram.

Seis anos depois desse primeiro encontro, numa aventura denominada “O Caso da Caixa de Papelão” (DOYLE, 2002, v.3, p.177-194), Holmes reproduz, meio século mais tarde, a façanha de Dupin, adivinhando, para o espanto de Watson, o pensamento deste.

Em um dia particularmente quente de agosto, Watson, recostado numa cadeira, encontrava-se “mergulhado numa divagação”, quando “de repente a voz do meu amigo interrompeu meus pensamentos: você tem toda razão, Watson [...]. Na verdade, parece uma forma bastante absurda de se resolver uma disputa” (DOYLE, 2002, v.3, p.178)

A primeira reação do médico foi concordar naturalmente com o comentário do detetive, mas, logo em seguida, perplexo, deu-se conta de que o outro adivinhara seu pensamento e questionou ao amigo como ele poderia ter realizado tal feito. Holmes, então, esclarece:

Você se lembra [...] de que há algum tempo eu li para você um trecho de uma das peças de Poe, na qual um camarada segue o raciocínio mental de seu companheiro – e você tratou o assunto como um mero exagero do autor. Quando eu lhe disse que tinha a mania de fazer a mesma coisa, você não acreditou. (DOYLE, 2002, v.3, p.178).

Watson, ainda incrédulo, questiona:

[...] naquele exemplo que você me mostrou [...], o raciocinador tirou suas conclusões dos gestos do homem que ele observava. Se me lembro bem, ele tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas etc. Mas eu estava aqui, sentado tranquilamente na minha cadeira; então, que pistas eu posso ter lhe dado?” (DOYLE, 2002, v.3, p.178).

Holmes argumenta que “as feições humanas servem para que as pessoas expressem suas emoções [...]” e, para convencer o seu amigo, que mantinha uma atitude cética, narrou a sequência de seus pensamentos a partir do instante em que este desiste de ler o jornal e começa a divagar:

[...] você ficou uns trinta segundos com uma expressão vazia. Então seus olhos se fixaram no retrato recém-emoldurado do general Gordon, e vi, pela alteração no seu rosto, que estava começando a seguir um pensamento. Mas ele não foi muito longe. Seus olhos se fixaram no retrato sem moldura de Henry Ward Beecher, que está em cima de seus livros, na estante. Depois olhou para a parede e o significado era óbvio. Você estava pensando que, se o retrato tivesse moldura, ele serviria para preencher o espaço vazio e fazer par com o retrato de Gordon, ali. [...]. Não podia estar errado até aqui. Mas aí seus pensamentos voltaram para Beecher e você franziu o cenho, como se estivesse estudando o caráter nas feições dele. Logo depois seus olhos perderam a firmeza, mas você continuou a mirar o retrato e seu rosto ficou pensativo. Você estava se lembrando dos incidentes na carreira de Beecher. Eu tinha absoluta certeza de que você não poderia fazer isso sem pensar na missão que ele levou a cabo, em nome do norte, durante a Guerra Civil, porque me recordo de que você expressou sua indignação pelo modo como ele foi recebido pelas pessoas mais barulhentas. Você se sentiu tão indignado com isso que sei muito bem que não poderia pensar em Beecher sem se lembrar disso também. Quando, pouco depois, eu vi seus olhos se afastarem do retrato, suspeitei que seu pensamento se concentrara na Guerra Civil, e quando vi que seus lábios se cerraram, seus olhos brilharam e suas mãos se crisparam, tive certeza de que você estava pensando na bravura que os dois lados mostraram naquela luta desesperada. Mas aí, de novo, seu rosto ficou sombrio; você balançou a cabeça. Estava refletindo sobre a tristeza, o horror e o desperdício de vidas. Sua mão pousou sobre seu próprio ferimento e um sorriso surgiu em seus lábios, o que me mostrou que você estava pensando no aspecto ridículo deste método de resolver questões internacionais. Nesse ponto concordei com você que fora absurdo e fiquei satisfeito em ver que minhas deduções estavam corretas. (DOYLE, 2002, v.3, p.178-179).

Holmes não poderia deixar de exibir para seus leitores, através do seu narrador, a mesma capacidade “analítica”, que seu precursor, tão depreciado anteriormente, havia demonstrado possuir. Há aqui uma aparente amnésia da dupla com relação ao diálogo que mantiveram seis anos antes, por ocasião do seu primeiro encontro, sobre o feito de Dupin.

Tudo indica que Doyle, com o tempo, tornou-se mais sereno em relação à sua dívida com Poe, permitindo-se, à guisa de homenagem, reproduzir a proeza do seu herói, através de Holmes.

Em ambos os exemplos, no de Dupin e no de Holmes, há uma demonstração da habilidade observadora e dedutiva dos detetives, através da capacidade que têm para perceber a conexão existente entre o comportamento de seus companheiros e as ideias às quais estes comportamentos estão conectados ao longo de uma cadeia associativa.

Em ambos os casos, o espanto do companheiro, cujo pensamento é desvelado, denota o seu desconhecimento da trilha associativa, cujos rastros deixara ao longo das suas elucubrações mentais. De fato, em situações como essas, não apenas as conexões entre as ideias e as expressões externas dos pensamentos são desconhecidas pelas pessoas nas quais as associações se processaram, como também o é, o conteúdo ideativo dessas associações.

Em ambas as histórias narradas, há dois tipos de associação de ideias. O primeiro tipo é quando a ideia surge na mente dos companheiros dos detetives e produz uma expressão corporal correspondente. O segundo acontece quando o detetive, ao observar essa expressão, perfaz o caminho de volta, deduzindo a ideia que lhe deu origem, associando, portanto, a expressão percebida com a ideia presumida. Devemos atentar para o fato de que esse tipo de associação efetuada por dedução é de natureza especulativa, podendo estar sujeito a erros. Porém, se o analista erra ao interpretar o pensamento do outro a partir dos gestos que observa, a corrente de ideias que lhe surge à mente obedece, ainda assim, à regra associativa que opera segundo o conteúdo da sua vida mental. A análise teria sido equivocada, porém as ideias apresentadas não poderiam deixar de ser fruto de um encadeamento associativo da sua mente.

Nesses casos, duas cadeias associativas paralelas são constituídas, sendo que a matéria-prima da segunda é aquilo que foi o produto da primeira. Isto é, o que gera a ideia na mente do analista é o gestual do companheiro observado, que, por sua vez, é a correspondência externa de uma ideia internalizada. A capacidade dedutiva do analista irá determinar a equivalência entre as duas. Quando isto acontece, aquele que conduziu a análise compraz-se, tal qual Holmes, quando verbaliza sua satisfação: “[...] e fiquei satisfeito em ver que minhas deduções estavam corretas”.

Relataremos agora uma experiência que vivenciamos: Em certa ocasião, caminhávamos em companhia de uma amiga, possuidora, diga-se de passagem, de inteligência e cultura incomuns, por uma estrada de terra batida, ladeada por uma vegetação pantanosa, quando, logo depois de olhar para cima, observando o sol que se punha, ela exclamou: “Puxa, acabei de lembrar-me que esqueci de alimentar os gatos de minha filha”. Observei o comentário e lhe questionei se sabia o motivo pelo qual aquela lembrança lhe

ocorrera naquele momento. Diante da sua negativa e de certa perplexidade quanto à singularidade da pergunta, indiquei-lhe o sol que se punha e disse: “Eis aí o motivo pelo qual você se lembrou dos gatos”. Ela sorriu, compreendendo e concordando.

Não muito tempo antes do dia em que esse diálogo teve lugar, ela me havia contado, com especial entusiasmo, que a gata de sua filha, mas não o gato, possuía um senso estético bastante elevado, pois todo dia em que o pôr do sol poderia ser divisado da janela da cozinha, a gata, na hora do ocaso, subia até a murada da janela para apreciá-lo.

Este relato respalda um ponto relevante que nos esforçamos para demonstrar neste capítulo: a dificuldade que existe de apreendermos o conteúdo da cadeia associativa – ou mesmo de nos darmos conta da sua existência – que nos leva de uma ideia a outra, ainda que se trate de uma cadeia bem mais curta do que aquelas anteriormente examinadas. Essa cadeia compõe-se apenas das seguintes etapas: sol que se põe – gata contemplativa – gatos que se alimentam – recomendação da filha – esquecimento da tarefa.

Embora quase nunca percebamos a existência da corrente associativa que faz surgir uma ideia em nossa mente, quando examinamos um relato como este acima, o qual – do sol que se põe – leva à ideia do esquecimento da tarefa de alimentar os gatos, observando suas etapas intermediárias, não podemos deixar de nos surpreender com o fato de que, logo após o evento ter ocorrido, uma pessoa inteligente e observadora seja incapaz de dar-se conta do processo que originou a ideia que a comove. A resposta está no comentário de Holmes a respeito da velocidade com que a sucessão de pensamentos é desencadeada, impossibilitando sua apreensão consciente.

Outra experiência que vivenciamos serve para ilustrar essa apreensão, quando, através de esforço reflexivo, refazemos o caminho de volta, pela cadeia associativa, desde a ideia que nos instigou até aquela que deu início à cadeia:

Certa ocasião, quando eu estava ao volante de um carro, distraído, observando uma moça que passava na calçada ao lado, fui assaltado por uma lembrança, que me deixou com uma sensação de culpa. No mesmo instante, quedei-me curioso a respeito do motivo pelo qual aquela lembrança surgira assim, de repente, aparentemente do nada. Imediatamente, procurei rastrear a cadeia associativa que me havia levado até aquela ideia. Constatei que a visão da moça que passava na rua tinha iniciado a conexão. Quando a vi, pensei que talvez fosse uma antiga colega de trabalho que não via há anos, e seu nome veio-me então à cabeça. Tratava-se de um nome bastante incomum e imediatamente lembrei-me da única outra pessoa que eu conhecia que possuía esse nome. Era o de uma senhora, que eu conhecera, por ser a mãe de uma amiga. Esta amiga havia, recentemente, me enviado um *e-mail* que demandava uma

resposta com certa urgência, e eu me havia esquecido de enviá-la. Essa ideia, ao ser evocada, provocou um sentimento de culpa.

Esta cadeia associativa, embora se tenha processado em “menos de um segundo”, possui uma representação um tanto complexa. A visão da moça associou-se com uma pessoa similar da minha experiência. Sua imagem associou-se a seu nome. Este nome associou-se ao da única outra pessoa do meu conhecimento que o possuía. Essa pessoa associou-se à sua filha, pessoa do meu círculo de amizade, que, por sua vez, associou-se ao último contato que manteve comigo, o *e-mail* em que me solicitava uma informação. Esta ideia conectava-se com o não envio da informação solicitada, produzindo um mal-estar.

Cadeias associativas como essa, menor do que aquelas analisadas pelos detetives, porém maior do que a que conectou o pôr do sol ao esquecimento de alimentar os gatos, estão frequentemente provocando o surgimento de pensamentos inesperados, fazendo de nossa vida mental cotidiana um constante palco de aparições imprevisíveis.

Como já observamos, quase nunca atentamos para o fluxo de ideias que, originadas por alguma representação aparentemente irrelevante, traz à consciência alguma ideia que nos desperta a atenção. A não fixação da nossa atenção nesse fluxo associativo faz-se necessária para a manutenção de uma vida produtiva. Do contrário, se nos ativéssemos ao desenrolar das etapas edificadoras de nossos pensamentos, ao invés de atentarmos apenas para as ideias resultantes, dignas de atenção e geradoras de pensamentos úteis, seríamos levados a uma vida paralisante.

O exame desse fluxo associativo, sempre presente quando um pensamento progride, serve-nos, como no caso do presente trabalho, para que possamos nos aprofundar na percepção das maneiras pelas quais nossas ideias são construídas. Constatamos, através desse exame, que qualquer ideia surgida na mente testemunha a ubiquidade do fenômeno associativo em nossa vida mental, assim como o seu caráter extraordinário.

2 O ASPECTO NÃO CONSCIENTE DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

Nos exemplos de associação apresentados, o aspecto não consciente das conexões ficou pouco evidente. A capacidade que se tem de perceber a conexão que levou de uma ideia a outra pode, erroneamente, ter sido compreendida como sendo tarefa fácil, de óbvia conclusão. Um caso foi relatado, em que uma breve reflexão foi capaz de capturar a cadeia associativa, e algumas cadeias complexas de ideias associadas foram apreendidas por observadores externos, pela simples reflexão sobre o significado das expressões exteriorizadas dos seus companheiros. As conexões entre as ideias, entretanto, podem ser, e geralmente o são, bem menos acessíveis à consciência. A seguir, examinaremos alguns exemplos ilustrativos desse aspecto velado das operações associativas.

Devemos acrescentar, por razões do rigor epistemológico, que, na verdade, as conclusões a que se chega, quando se analisa o caminho que levou de uma ideia à outra, são inferências *a posteriori*. Não há lugar nesse processo para um acompanhamento observacional do fenômeno associativo no instante mesmo em que este se efetua, mas apenas uma verificação dedutiva, posteriormente, das etapas pelas quais o pensamento deve ter-se deslocado para chegar à ideia focada.

A seguir, os exames de alguns exemplos da literatura serão apresentados, com o objetivo de melhor expressar nosso ponto de vista sobre a natureza não consciente do processo associativo das ideias.

Em um dos mais famosos e belos trechos da literatura, Proust expõe, de forma poética, uma experiência associativa, vivenciada pelo personagem central de *Em Busca do Tempo Perdido*. Em um ponto do primeiro capítulo, do primeiro livro – *No Caminho de Swann* –, o narrador depara-se com uma sensação, há muito adormecida, que evoca sua infância e retorna devido ao sabor experimentado quando prova pedaços de uma *madeleine* embebida em chá. Esse pequeno bolo, que lembra uma concha, fragmentado e embebido numa xícara de chá, ao ser degustado, despertou no personagem uma época em que seu sabor fazia parte de um contexto peculiar e que jazia na sua memória, imersa nos abismos da alma, distante do acesso do exame consciente.

A sensação experimentada e o processo que a desencadeou, foram frutos de um fenômeno complexo, digno de apreciação. Proust nos põe a par das etapas constituintes do fenômeno, narrando magistralmente a conexão entre o sabor experimentado – primeira ideia –, o estado de espírito desencadeado por este sabor e, sabedor de que o sentimento que o

invadia não poderia estar ligado simplesmente ao sabor do bolo amalgamado àquele do chá, a sua busca obstinada pela ideia que provocara aquela sensação avassaladora.

Inicialmente, o narrador nos introduz em uma época em que tudo que ele conseguia relembrar da cidade em que passou a infância – Combray – eram os cômodos da casa em que morava e a hora do jantar de seus pais, enfatizando aquelas, nas quais, devido à presença de visitantes, ele era obrigado a subir ao quarto para dormir, sem ao menos receber o tão ansiado beijo de boa-noite da sua mãe.

No período em que, já crescido, eram essas as únicas lembranças da infância e de Combray que conseguia recordar, ocorreu o incidente associativo acima referido, que, a seguir, apreciaremos na narrativa de Proust, traduzida por Mario Quintana.

Muitos anos fazia que, de Combray, tudo quanto não fosse o teatro e o drama do meu deitar não mais existia para mim, quando, por um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra os meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de S. Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada de mais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas sim em mim. A bebida a despertou, mas não a conhece, e só o que pode fazer é repetir indefinidamente, cada vez com menos força, esse mesmo testemunho que não sei interpretar e que quero tornar a solicitar-lhe daqui a um instante e encontrar intacto à minha disposição, para um esclarecimento decisivo. Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? não apenas explorar; criar. Está em face de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz. (PROUST, 1981, p.45-46).

Deparamo-nos aqui com um exemplo em que uma associação de ideias é realizada, sem que saibamos do conteúdo da ideia conectada, e apenas o seu efeito emocional evidencia a sua existência. Nesse momento, para o personagem, é evidente que houve um fenômeno associativo devido à emoção surpreendente que a assimilação de um sabor lhe havia causado, sabedor de que o sabor por si só não seria capaz de despertar tamanha comoção. “De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la?”. Proust refere-se aqui à ideia que se conectou ao gosto do bolo embebido no chá, produzindo a comovente sensação. Qual seria esta ideia? Ela não se apresentava à sua consciência.

Um ponto importante para reflexões, que serão desenvolvidas neste trabalho, é que nesse exemplo fica evidente a existência de uma ideia que, pelo menos durante um espaço significativo de tempo, a consciência não consegue vislumbrar, embora o seu efeito sensível evidencie a sua existência.

Antecipando uma temática, que examinaremos no quinto capítulo, anunciamos que esse “efeito sensível” pode ser negativo e muitas vezes assumir proporções tão expressivas que se tornam altamente incômodas.

A grande maioria de nós não ultrapassaria a etapa da “sensação esquisita”, provocada pelo sabor da *madeleine* embebida em chá – “será que colocaram alguma coisa neste chá?”. Entre aqueles que se aventurassem na empreitada investigativa, a maior parte desistiria no meio do caminho. A personagem proustiana, porém, persevera bravamente.

A seguir, acompanharemos o seu trajeto, fruto de um esforço mental hercúleo, digno de um Ulisses intelectual, na sua obstinada busca por uma Ítaca simbólica.

E recomeço a me perguntar qual poderia ser esse estado desconhecido, que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência da sua felicidade, da sua realidade ante a qual as outras se desvaneciam. Quero tentar fazê-lo reaparecer. Retrocedo pelo pensamento ao instante em que tomei a primeira colherada de chá. Encontro o mesmo estado, sem nenhuma luz nova. Peço a meu espírito um esforço mais, que me traga outra vez a sensação fugitiva. E para que nada quebre o impulso com que ele vai procurar captá-la, afasto todo obstáculo, toda ideia estranha, abrigo meus ouvidos e minha atenção contra os rumores da peça vizinha. Mas sentindo que meu espírito se fatiga sem resultado, forço-o, pelo contrário, a aceitar essa distração que eu recusava, a pensar em outra coisa, a refazer-se antes de uma tentativa suprema. Depois, por segunda vez, faço o vácuo diante dele, torno a apresentar-lhe o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que se desloca, que desejaria elevar-se, qualquer coisa que teriam desancorado, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas. (PROUST, 1981, p.46).

O escritor refere-se, então, a um “[...] estado desconhecido, que não trazia nenhuma prova lógica, mas a evidência da sua felicidade, da sua realidade [...]”. A que “prova lógica” Proust se refere? Sem dúvida, a uma ideia que pudesse estar associada a todo esse turbilhão emocional que invade o personagem. A ideia associada ao sabor não podia ter a sua existência comprovada, mas a “sua felicidade” e a “sua realidade” eram evidências desta existência. Este tipo de evidência é fundamental para os tipos de associações que examinaremos no quinto capítulo.

O narrador sabe que o que busca é a ideia responsável pela produção da emoção arrebatadora. “Por certo, o que assim palpita no fundo de mim, deve ser a imagem, a recordação visível que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim” (PROUST, 1972, p.46). A ideia procurada, designada como uma “imagem” ou “recordação visível” tenta aflorar, mas o personagem sabe, é necessário ir à busca dela também, para não correr o risco de perdê-la.

A busca alvoroçada continua:

Mas debate-se demasiado longe, demasiado confusamente; mal e mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o ininteligível turbilhão das cores agitadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro, o sabor, pedir-lhe que me indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata. (PROUST, 1981, p.46).

Aqui, o autor demonstra saber aquilo que já observamos no capítulo anterior, o que Hume (1999) chamou de “traço de união” entre as ideias. O personagem anseia poder pedir “ao único intérprete possível” daquele sentimento que o invadia, que traduzisse “o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro, o sabor”. O “inseparável companheiro” reafirma a noção que, no primeiro capítulo, denominamos “a concepção da fusão entre uma ideia e outra a que está associada”, a inseparabilidade relativa de duas ideias associadas entre si.

Outro ponto a considerar nesse trecho é a designação de “seu contemporâneo” ao “reflexo neutro” – a ideia associada trânsfuga –, objeto da investigação. Essa contemporaneidade entre as ideias associadas expressa o aspecto de contiguidade desta associação, tema que desenvolveremos no quarto capítulo.

Acompanhemos, mais uma vez, a perseguição, realizada pelo incansável desbravador, da ideia que lhe acenava como uma terra profícua a conquistar.

Chegará até a superfície de minha clara consciência essa recordação, esse instante antigo que a atração de um instante idêntico veio de tão longe solicitar, remover, levantar no mais profundo de mim mesmo? Não sei. Agora não sinto mais nada, parou, tornou a descer talvez; quem sabe se jamais voltará a subir do fundo da sua noite? Dez vezes tenho de recomeçar, inclinar-me em sua busca. E, de cada vez, a covardia que nos afasta de todo trabalho difícil, de toda obra importante, aconselhou-me a deixar daquilo, a tomar chá pensando simplesmente em meus cuidados de hoje, em meus desejos de amanhã, que se deixam ruminar sem esforço. (PROUST, 1981, p. 46.)

A preguiça, que surge toda vez que um trabalho demasiado árduo antepõe-se entre nós e o objetivo pretendido, emerge como um canto de sereia às avessas, que procura manter na superfície a reflexão que deseja afogar-se no oceano da alma, em busca da ideia ansiada. Deparamo-nos aqui com uma das razões que mantêm a quase totalidade de nós ignorantes quanto à conexão entre as ideias que se processa em nossas mentes. O trabalho a ser efetuado na pesquisa da ideia associada é por demais intrincado para que uma pessoa prática, que tem mais o que fazer do que refletir sobre as esquisitices dos fenômenos mentais e o motivo por trás das emoções experimentadas, deixe de lado suas importantes tarefas para refletir sobre os mecanismos e o conteúdo de sua mente.

Entretanto, nosso herói, cuja sede de saber é fervorosa, persiste em sua jornada, até que:

[...] de súbito a lembrança apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto. (PROUST, 1981, p. 46-47).

A ideia, à qual o gosto do bolo embebido – a primeira ideia, desencadeadora da associação – está associado, emerge na lembrança; aflora à consciência. Neste momento, constatamos a apreensão de uma ideia que até então se encontrava fora do domínio da consciência e, mais ainda, ao contrário da maioria das ideias que podemos acessar com uma pequena reflexão mnêmica, essa lembrança, ainda que de grande poder afetivo, parecia, ao menos inicialmente, refratária a qualquer esforço de memória.

Gostaríamos, neste instante, de pôr em relevo o fato de que, embora a ideia estivesse ausente da consciência, ela se fazia presente pelo afeto a ela ligado, sentido profundamente

pelo personagem narrador. O afeto – correspondendo aqui a qualquer sensação percebida – é algo que se apreende conscientemente. De outra forma, não haveria afetação.

Deparamo-nos, portanto, neste ponto, com a ação do afeto associado à ideia, tema do nosso próximo capítulo. Nesta altura, gostaríamos apenas de ressaltar o fato de que, antes que a ideia associada – aquela dos “domingos de manhã em Combray” – pudesse ser divisada pela consciência, seu efeito afetivo já havia ressoado incisivamente no sujeito sem que ele soubesse o porquê.

Em seguida, o narrador nos transmite uma outra reflexão digna de exame aprofundado:

O simples fato de ver a madalena não me havia evocado coisa alguma antes de que a provasse; talvez porque, como depois tinha visto muitas, sem as comer, nas confeitarias, a sua imagem deixara aqueles dias de Combray para se ligar a outros mais recentes; talvez porque, daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara; as formas – e também a daquela conchinha de pastelaria, tão generosamente sensual sob a sua plissagem severa e devota, – se haviam anulado ou então, adormecidas, tenham perdido a força de expansão que lhes permitiria alcançarem a consciência. (PROUST, 1981, p. 47).

A simples visão da *madeleine*, inúmeras vezes efetivada desde a infância, não foi capaz de evocar nem a sensação nem a lembrança acima descritas. Talvez possamos ousar dizer que o personagem não seria capaz de experimentar a sensação descrita e a posterior lembrança a esta associada, mesmo que provasse do bolo sem embebê-lo no chá. Além disso, talvez o chá precisasse ser de natureza idêntica ou semelhante à daqueles utilizados pela tia Leônia, o que provavelmente era o caso, tratando-se do chá de uso da sua mãe. A ideia desencadeadora da corrente associativa não foi a visão da *madeleine* e, provavelmente, também não seria o seu sabor apartado da fusão com o sabor daquele chá. A ideia com a qual a lembrança dos domingos em Combray associou-se foi, em si mesma, uma associação entre sabores – estes sendo individualmente ideias simples que compuseram a ideia mais complexa do sabor combinado da *madeleine* com o chá –, transformando-se numa ideia capaz de evocar, por associação, a lembrança, há muito encoberta, geradora do turbilhão emocional.

O narrador reflete agora sobre a capacidade superior do sabor e do odor para estimularem associativamente recordações de tempos olvidados.

Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, – sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando,

esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação. (PROUST, 1981, p. 47).

O autor parece inclinado a categorizar estes dois estímulos como mais capazes do que, por exemplo, o visual, para desencadear um processo associativo rememorativo. Talvez a sobrepujança desses estímulos em relação àquele da visão possa ser explicada devido à menor incidência daqueles em relação ao último. Enquanto os objetos se expõem muito mais frequentemente ao olhar, seu paladar e seu odor permanecem recatadamente inacessíveis. Dessa forma, a visão do objeto desgasta-se com o tempo, pois, à medida que este é visualizado, associa-se com o ambiente que o circunda, diluindo-se em inúmeras associações, o que irá resultar na sua perda da capacidade para evocar uma associação específica do passado. Entretanto, o odor e o sabor, por se manterem mais afastados da experiência cotidiana, retêm tenazmente o seu potencial rememorativo.

Retornando agora à narrativa de Proust, chegamos ao momento em que a recordação atinge sua completude, e, do sabor combinado entre a *madeleine* e o chá, descortina-se todo um cenário até então relegado ao esquecimento. Um mundo antigo, porém novíssimo para o exame da consciência, aflora à superfície da mente, como num passe de mágica.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava [...], eis que a velha casa cinzenta, de fachada para a rua, onde estava o seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro, ao pequeno pavilhão que dava para o jardim e que fora construído para meus pais aos fundos da mesma (esse truncado trecho da casa que era só o que eu recordava até então); e, com a casa, a cidade toda, desde a manhã à noite, por qualquer tempo, a praça para onde me mandavam antes do almoço, as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo. [...] agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do sr. Swann, e as ninféias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá. (PROUST, 1981, p.47).

No exato instante da constatação de que o sabor experimentado correspondia àquele da combinação entre o bolo e o chá da tia Leônia, o mecanismo mental da associação de ideias, num átimo, reproduz na consciência aquilo que nunca saíra das regiões mais profundas da vida mental, todo o cenário da Combray da sua infância.

A experiência vivida pelo personagem proustiano, embora única na sua excepcional narrativa, não é coisa rara de ser vivenciada. Comigo, há alguns anos, ocorreu algo que, guardadas as devidas proporções, poderia ser considerada uma experiência semelhante.

Há alguns anos, por alguma razão já esquecida, numa manhã quente de verão, preparei um café solúvel com água gelada. No instante em que provei esta poção, fui invadido por uma sensação peculiar. Senti-me transportado para muitos anos antes, quando, adolescente, juntamente com alguns poucos colegas privilegiados, após o treino de caratê, éramos convidados pelo nosso mestre oriental para tomar café na sua companhia. A bebida era invariavelmente nescafé gelado, e ele, com seu sotaque peculiar – muito imitado por alguns discípulos na sua ausência –, nos afirmava que, numa cidade com um clima como o nosso, tomar café quente era um absurdo.

De repente, ao me deparar com aquele sabor já esquecido, toda a lembrança de décadas atrás veio à tona, trazendo consigo as sensações juvenis de momentos animados e descontraídos, recendendo a quimonos suados e, não poucas vezes, manchados de sangue recente do último treino.

A riqueza de informações capazes de assomar à consciência, em um espaço de tempo exíguo, através de associações de ideias, faz deste fenômeno um mecanismo mental com singular capacidade de produzir emoções arrebatadoras, podendo, não poucas vezes, criar, naqueles que as experimentam, uma crença inabalável de terem vivenciado um fenômeno sobrenatural.

Associações entre ideias, que se processam fora da consciência, podem, também, para além dos fatos aqui já examinados, ocasionar aparecimentos súbitos de soluções para investigações intelectuais, que pareciam árduas demais para o trabalho racional consciente.

Um exemplo notório desse tipo de fenômeno é a descoberta, pelo químico Kekulé, da estrutura molecular do benzeno. Enquanto pesquisava sobre a natureza deste hidrocarboneto, “[...] sonhou com uma serpente que mordida o seu próprio rabo (Trata-se de um símbolo antiquíssimo [...]). O sonho fê-lo concluir que esta estrutura seria um círculo fechado de carbono [...]” (JUNG, 1977, p. 38). O sonho comprovou-se acertado em experimentos posteriores.

Ideias associando-se em sonhos? Isto nos evoca Hume (1999, p.31): “[...] mesmo em nossos devaneios mais desenfreados e errantes – e não somente neles, mas até em nossos próprios sonhos – descobriremos, se refletirmos, que a imaginação não correu inteiramente à solta, mas houve uma ligação entre as diferentes idéias que se sucederam umas às outras”. A imaginação não corre inteiramente “à solta”. Há um elo entre as ideias de um sonho e toda experiência de vida do sonhador. Aquele que sonha, conecta ideias de suas preocupações recentes – como a busca da estrutura de uma molécula – com as informações que processou

ao longo da vida. Essas ideias se conectam e podem – como aconteceu com o químico – sugerir soluções em sonhos, que escaparam, até então, aos esforços lógicos da vida de vigília.

A razão para que um fenômeno dessa natureza ocorra pode ser explicada devido ao fato de que há muito mais informações que habitam as profundezas mentais do que aquelas aptas a aflorarem ao exame da consciência. Uma prova evidente disto é o fato de que, constantemente, tentamos nos lembrar de algo que, por mais esforço que façamos, nos escapa, para surgir espontaneamente em outras ocasiões. Como o sonho, entre outros processos mentais, abrange todo arsenal de ideias estocadas em nossa mente, está apto para associar mais informações do que a razão consciente.

Nem só em sonhos esse tipo de aparição surpreendente de elucidação de problemas é capaz de suceder. Também em nossa vida de vigília, quando, conscientemente, abandonamos, por alguns instantes, uma reflexão e deixamos as ideias vagarem despreocupadamente, problemas deixados de lado pela razão podem percorrer, associativamente, regiões não conscientes, fazendo-nos deparar com soluções surpreendentemente saídas das profundezas da alma.

A seguir, examinaremos uma associação dessa espécie, narrada pelo nosso escritor maior. Num conto de 1885, Machado de Assis nos faz visitar a mente de um cônego, justamente quando este tentava encontrar o adjetivo ideal para juntar a um determinado substantivo, no contexto de um sermão que preparava para uma festa beneficente.

“O Cônego” tem um segundo título, que expressa o tema psicológico do conto: *Metafísica do Estilo*. O conto aborda um esforço mental na composição de um texto literário, centrado na busca de nada mais do que apenas uma palavra, um adjetivo. De um tema tão árido como este, não poderíamos imaginar obra alguma rica em humor, estilo e poesia. Porém, a genialidade de Machado nos fornece tudo isto em doses generosas e muito mais. A “metafísica”, do título alternativo, refere-se a uma teoria do funcionamento mental. O “estilo” sugere a especificação desta teoria, que aborda este funcionamento no âmbito de uma criação literária.

No início do conto, vamos encontrar Mathias, “cônego honorário e pregador efetivo” prestes a iniciar a leitura de “uma grande obra espiritual, chegada no último pacote”, quando recebe a visita de alguns “festeiros” que lhe encomendam um sermão “para certa festa próxima”. Apesar da tentativa de recusa do cônego, a insistência dos festeiros não lhe deixa alternativa senão a de aceitar o encargo literário, expressando um sorriso “manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.570).

Mathias começou a escrever o sermão “de má vontade, mas no fim de alguns minutos já trabalhava com amor” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.570).

O sermão vai tomando forma, à medida que “a inspiração, com os olhos no céu, e a meditação, com os olhos no chão, ficam a um e outro lado do espaldar da cadeira, dizendo ao ouvido do cônego mil coisas místicas e graves” (p. 570). As palavras vão saindo da mão do cônego, “animadas e polidas” (p. 570), às vezes com alguma emenda, outras, sem nenhuma, até que, ao escrever um adjetivo, “suspende-se; escreve outro e risca-o; mais outro, que não tem melhor fortuna”. Chegamos, assim, ao “centro do idílio”. O conto atinge o seu ponto medular; agora, recebemos o convite determinante: “Subamos à cabeça do cônego” (p. 570).

Ficamos sabendo que as palavras são separadas pelo sexo. Os substantivos são masculinos, enquanto os adjetivos, femininos e cada um nasce em um dos hemisférios da cabeça. As palavras têm sexo, amam-se e casam-se. O substantivo, que, saído da pena do cônego, espera por um adjetivo para formar um par, tem o nome de Silvio, enquanto o adjetivo almejado chama-se Silvia.

Em nossa incursão pela mente do religioso, ouvimos um suspiro e ficamos sabendo que se trata do substantivo que

[...] chama por certo adjetivo, que lhe não aparece: “Vem do Líbano, vem...” E fala assim, pois está em cabeça de padre; se fosse de qualquer pessoa do século, a linguagem seria a de Romeu: “Julietta é o sol... ergue-te, lindo sol.” Mas em cérebro eclesiástico, a linguagem é a das Escrituras. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.571).

Enquanto Silvio procura por Silvia, descendo e subindo no cérebro do cônego, ambos suspirando, um pelo outro, enveredamos por

[...] caminho difícil e intrincado que é este de um cérebro tão cheio de coisas velhas e novas! Há aqui um burburinho de idéias, que mal deixa ouvir os chamados de ambos; não percamos de vista o ardente Sílvio, que lá vai, que desce e sobe, escorrega e salta; aqui, para não cair, agarra-se a umas raízes latinas, ali abordoa-se a um salmo, acolá monta num pentâmetro, e vai sempre andando, levado de uma força íntima, a que não pode resistir. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.571).

“Uma força íntima, a que não pode resistir” nos faz pensar na inexorabilidade das associações. Machado nos expõe aqui a falta de controle da vontade sobre a conexão entre as ideias.

A jornada continua com Silvio sendo tentado por algumas “damas”, adjetivos, que não aquela “única, a destinada ao eterno para este consórcio”, até que o cônego, cansado do

esforço criativo, resolve espairecer um pouco. Levanta, vai até a janela, contempla seu terreiro, com seus animais de estimação, aquece-se ao sol, fala ao seu jardineiro, esquecendo-se de Silvio e Silvia. “Mas Sílvio e Sílvia é que se lembram de si. Enquanto o cônego cuida em coisas estranhas, eles prosseguem em busca um do outro, sem que ele saiba nem suspeite nada” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.572).

Duas palavras que buscam associar-se na mente, sem que o sujeito “saiba nem suspeite de nada”, configuram uma ação inconsciente. Neste ponto da narrativa, somos surpreendidos pelo autor. Este conto, tendo sido escrito em 1885, é publicado pela primeira vez em outubro daquele ano, quando Freud, jovem médico, trabalhando em um laboratório de neurologia, tira uma licença para ir a Paris, fazer um estágio com um de seus grandes ídolos intelectuais, o francês Jean-Martin Charcot. Curso que dura seis meses, durante o final de 1885 e início de 1886, no qual Freud apreende aquilo que determinará substancialmente sua maneira de enxergar o funcionamento da mente humana: a existência de processos mentais não acessíveis à razão consciente.

Em um texto de 1906, Freud argumenta:

[...] os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem diante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1976, v.7, p.18).

Ainda que, muito provavelmente, Freud nunca se tenha deparado com esse conto, esta obra de Machado, neste trecho que se segue, respalda axiomáticamente a afirmação acima mencionada, dando mostra de conhecer o funcionamento daquilo que mais tarde Freud denominaria de “o inconsciente dinâmico”.

De volta ao conto, nós, leitores, enveredamos, a convite de Machado, pelo inconsciente do Cônego:

Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciência para a inconsciência onde se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem formas, os germens e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o desvão imenso do espírito [...] Dê-me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim, e escoreguemos também. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.572).

É aqui, neste “vasto mundo incógnito” que Silvio e Silvia buscam um ao outro, por entre “embriões e ruínas”, seguem sua marcha inexorável na busca de uma associação que é a ideal, a única que satisfará ao estilo literário do cônego.

Grupos de idéias [...] perdem-se no tumulto de reminiscências da infância e do seminário. Outras idéias, grávidas de idéias, arrastam-se pesadamente, amparadas por outras idéias virgens. Coisas e homens amalgamam-se; Platão traz os óculos de um escrivão da câmara eclesiástica [...]. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.572).

O “vasto mundo incógnito” se nos apresenta como um lugar de lembranças antigas já apagadas da vida consciente, porém passíveis de aflorar a qualquer instante, caso ocorra alguma circunstância psíquica que as evoque. Ideias ainda não percebidas conscientemente, associadas a antigas ideias, que podem, a qualquer momento, gerar novas maneiras de pensar, caminham lado a lado nesse “desvão imenso”. ‘Platão com os óculos do escrivão’ nos remete a uma associação entre ideias pertencentes ao passado do cônego. Qual a conexão entre aquele funcionário da câmara eclesiástica e as ideias platônicas segundo a interpretação do cônego? Jamais saberemos, mas este tipo de associação, aqui expressa, antecipa em mais de uma década aquilo que Freud consideraria como sendo um fenômeno associativo fundamental na dinâmica da vida mental inconsciente: a “condensação”, um tipo especial de associação, que compõe figuras mosaicas.

Outras memórias “cruzam-se e confundem-se” na “grande unidade impalpável e obscura”, enquanto Silvio e Silvia, sempre entoando o cântico dos cânticos, partem freneticamente em busca um do outro.

Vem do Líbano, esposa minha... - Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém...Ouvem-se cada vez mais perto. Eis aí chegam eles às profundas camadas de teologia, de filosofia, de liturgia, de geografia e de história, lições antigas, noções modernas, tudo à mistura, dogma e sintaxe. Aqui passou a mão panteísta de Spinoza, às escondidas; ali ficou a unhada do Doutor Angélico; mas nada disso é Silvio nem Silvia. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.572).

Tomás de Aquino, um pensamento permitido, convive lado a lado com o panteísta Spinoza, que “às escondidas” influi nas ideias do cônego, talvez sem que este suspeite da subversão. O inconsciente do religioso revela-se ao leitor, enquanto Silvio e Silvia “vão

rasgando, levados de uma força íntima, afinidade secreta, através de todos os obstáculos e por cima de todos os abismos” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.572).

O Cônego está de volta ao trabalho, Machado (1997, p.573). nos adverte quanto à sacudidela que sentimos imersos no seu cérebro:

Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o cônego que se sentou agora mesmo. Espaireceu à vontade, tornou à mesa do trabalho, e relê o que escreveu, para continuar; pega da pena, molha-a, desce-a ao papel, a ver que adjetivo há de anexar ao substantivo.

A volta do cônego ao trabalho coincide com uma maior aproximação entre “os dois cobiçosos”, que, com maior entusiasmo, “todo o Cântico passa pelos lábios deles”. O espaço entre os dois é cada vez menor.

Ficai aí, perfis meio apagados de paspalhões que fizeram rir ao cônego, e que ele inteiramente esqueceu; ficai, rugas extintas, velhas charadas, regras de voltarete, e vós também, células de idéias novas, debuxos de concepções, pó que tens de ser pirâmide, ficai, abalroai, esperai, desesperai, que eles não têm nada convosco. Amam-se e procuram-se. Procuram-se e acham-se. Enfim, Sílvia achou Sílvia. Viram-se, caíram nos braços um do outro, ofegantes de cansaço, mas remidos com a paga. Unem-se, entrelaçam os braços, e regressam palpitando da inconsciência para a consciência. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.573).

Esse é o momento em que a associação, tramada no inconsciente, se faz entrever-se pela atenção consciente. O cônego, como acontece com aqueles que percebem aparecer “do nada” uma ideia que antes não se deixava capturar, “estremece” e o “rosto ilumina-se-lhe”. Com a “pena cheia de comoção e respeito completa o substantivo com o adjetivo. Sílvia caminhará agora ao pé de Sílvia, no sermão que o cônego vai pregar um dia destes, e irão juntinhos ao prelo, se ele coligar os seus escritos, o que não se sabe” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.573).

Sílvia e Sílvia estão unidos no papel, porém essa união já era um fato na mente do cônego, mesmo que a sua atenção consciente não fosse capaz de perceber de imediato. O substantivo quando sai em busca do adjetivo, a dama “única, a destinada ao eterno para este consórcio” já se encontrava conectada com ele pelo “laço de união” que os unia, devido à “alguma qualidade associativa, pela qual uma idéia naturalmente introduz outra” (HUME, 1999, p.31). O substantivo, no sermão que se delineia na escrita do cônego, possui uma conexão “natural” com aquele determinado adjetivo que seria o único aceito pelo cônego,

para satisfazer ao seu estilo literário. Ao menos, ao estilo literário que pertence ao cônego naquele determinado momento da sua vida. E esse estilo demanda uma conexão entre essas duas palavras, produzindo uma determinação associativa única e indissolúvel.

Esse conto nos relata um processo de criação literária. Por um lado, temos o esforço de atenção para capturar a ideia ideal para a pena, por outro, a inspiração que auxilia o escritor, já cansado do esforço racional, na busca pela palavra adequada. Quem melhor do que um escritor de gênio criativo para nos falar disto? E falar de forma poética e profunda. Deparamo-nos com uma dissecação do processo criativo e com a conexão entre a dinâmica não consciente e a consciência, no processo da produção literária. Podemos perceber que essa produção e a conexão entre esses dois lugares mentais, o da intenção consciente e o da dinâmica inconsciente, que trabalha enquanto a razão consciente repousa, se processam através de ideias que se associam entre si, independente da volição do sujeito.

Com Proust, vislumbramos a busca de uma ideia oculta, associada a uma outra conhecida, que se sabia existir, devido a um afeto experimentado, que não poderia ter sido provocado pela ideia primordial.

Com Machado, acompanhamos um processo criativo literário, através da dinâmica associativa entre duas ideias que, já unidas em algum lugar da mente do escritor, buscaram aflorar à sua consciência para ocupar um lugar na sua escrita.

A seguir, contemplaremos a busca desesperada do motivo pelo qual uma ideia aparece, inexplicavelmente, na consciência toda vez que uma outra é vislumbrada.

No livro em que Freud examina a ocorrência dos atos falhos na vida cotidiana, o último capítulo é destinado a avaliar a extensão do grau em que opera o princípio do determinismo em nossa vida psíquica. Somos informados que “[...] tanto aqui quanto em outras esferas, ele tem um alcance maior do que suspeitamos” (FREUD, 1987, p.209).

Entre outros exemplos, nos quais procura demonstrar que uma ideia não é capaz de surgir na mente sem que esteja conectada a uma corrente associativa, cujo início está ligado a um pensamento já existente na nossa vida anímica, Freud (1987, p.218) nos apresenta “[...] um caso em que, num certo local, um verso se impôs a alguém repetidamente como uma livre associação, sem que se evidenciassem sua origem ou suas relações”.

Esse caso, embora apresentado por Freud nesse livro sobre atos falhos, não versa sobre um tema psicanalítico, pois não há nele aquilo que evidencia o material desse campo do saber: um desejo inconsciente recalcado, como origem de uma cadeia associativa que leva a uma representação específica.

Um doutor em Direito, que viajava de Biarritz para San Sebastian, ao cruzar, pela linha férrea, a ponte sobre o rio Bidassoa, fronteira natural entre a França e a Espanha, foi surpreendido por dois versos que lhe ocorreram inesperadamente: (*Aber frei ist schon die Seele, Schwebet in dem Meer von Licht*) “Mas a alma já está livre, ela flutua num mar de luz”. Estranhando essa aparição súbita em sua mente, ele tentou encontrar a proveniência dos versos, mas nada lhe ocorreu. Cinco anos mais tarde, quando fazia a viagem em sentido contrário, da Espanha para a França, ao olhar pela janela, para ver se já se aproximava da fronteira, ele avistou a mesma ponte e, imediatamente, os mesmos versos de cinco anos antes voltaram à sua memória. De novo, ele não conseguiu entender o porquê dessa aparição intempestiva. Meses depois, em sua casa, abriu casualmente um livro de poemas e os versos recorrentes lhe saltaram aos olhos. O poema chamava-se “O Peregrino”. Ao lê-lo, sentiu uma vaga lembrança, achou que deveria tê-lo lido há muitos anos: “[...] a ação se passa na Espanha, e esse me pareceu ser o único elo entre os versos citados e o lugar da estrada de ferro descrito por mim” (FREUD, 1987, p.218-219). Essa descoberta, entretanto, não o deixou inteiramente satisfeito. Mecanicamente, virou a página do livro (os versos recorrentes estavam impressos no fim da página) e, ao fazê-lo, deparou-se com o título do poema seguinte: “A Ponte Sobre o Rio Bidassoa”.

Os versos, que se encontram ao final da página, portanto, o último trecho a ser lido por quem manuseia o livro, está conectado por contiguidade com a primeira frase, justamente o título do poema exposto na página seguinte. Esta associação, que se consolidou numa época bem anterior – a ponto de o sujeito lembrar-se apenas remotamente de algum dia ter lido o poema –, produziu um “laço de união” entre as duas ideias, os versos finais e a ponte do rio específico, fazendo com que as duas caminhassem, por assim dizer, lado a lado na mente do doutor em direito.

Nesse exemplo, as ideias associam-se entre si, deixando instigado o sujeito, em cuja mente o fenômeno se processa, quanto ao motivo de tal associação. Embora não pareça, esse tipo de aparição não é algo incomum em nosso dia a dia, este tipo de eclosão de ideias inesperadas é mais corriqueiro do que imaginamos. Se prestarmos atenção, perceberemos que “pensamentos estranhos” nos saltam à mente muitas vezes ao nos depararmos com algumas imagens, sons, aromas e outros tipos de estímulos sensoriais. Nossa vida cotidiana é plena de representações, que irrompem, por todos os lados, estimulando nossos sentidos, e cada uma delas é potencialmente desencadeadora de correntes associativas de ideias, que podem nos levar a pensamentos inesperados e surpreendentes.

Nos exemplos contemplados acima, deparamo-nos, no primeiro caso, com a ausência de uma das ideias associadas, que não se apresentava à consciência, mas que se sabia existir pelo seu efeito notado. No segundo caso, uma ideia que se acreditava existir, um adjetivo ideal para um determinado substantivo, em um dado contexto literário, é capturada fora da atenção consciente, pelo fenômeno associativo inconsciente. No terceiro, uma associação de ideias, que insiste em se efetuar diante de uma visão específica, impressiona pela sua aparente falta de sentido, mas, quando compreendida, justifica sua ação de forma surpreendente.

Nos três casos, contemplamos a mecânica associativa, trabalhando independentemente da atenção consciente, deixando-nos perceber a automação anímica desse processo

3 A FUNÇÃO DETERMINADORA DO AFETO

Nos capítulos anteriores, contemplamos alguns exemplos de encadeamentos de ideias. Em cada um deles, uma determinada representação dá início a um percurso associativo, que se desloca numa série de conexões sucessivas até chegar a uma ideia específica, sobre a qual a reflexão se detém. Ao longo da apreciação dessas exposições, uma grande questão paira não formulada: o que faz com que a atenção se ocupe de uma determinada ideia, ignorando as demais?

Antes de elaborarmos uma solução para esse problema, devemos considerar que, para que haja um encadeamento lógico de ideias e o processo associativo funcione eficientemente como uma ferramenta útil na construção de um pensamento congruente, faz-se necessário que a atenção consciente privilegie uma, entre todas as ideias conectadas na cadeia. Do contrário, teríamos um deslizamento associativo incessante, e o discurso resultante desse fluxo não se realizaria ou, então, não passaria de uma série encadeada de ideias que não chegariam a compor uma comunicação inteligível.

É necessário atentar, também, para o fato de que a velocidade na qual a cadeia percorre o pensamento é tão grande, conforme tivemos a oportunidade de apreender, que o sujeito é surpreendido pela ideia sem que nada saiba sobre os demais componentes da corrente associativa. Dessa forma, compreendemos que a apreensão da ideia destacada não é um ato consciente, mas uma ação involuntária, que não obedece à reflexão racional, pois esta não chega nem mesmo a inteirar-se da existência das ideias que compõem a cadeia associativa antes que uma delas lhe surja, destacadamente, exigindo atenção. Esta ação de selecionar a ideia, portanto, não pertence ao lado consciente e reflexivo do sujeito.

Mas se a ideia não é escolhida pela vontade do sujeito, ela deverá trazer em si mesma o elemento determinante da sua nomeação. Em outras palavras, a ideia não é escolhida, mas se faz designar por alguma propriedade inerente que possui. Essa característica é a sua capacidade de produzir no sujeito uma sensação que o desperte para a sua presença. Em outras palavras, a ideia se faz destacar das demais da cadeia associativa pela carga emotiva que carrega.

A resposta, portanto, para a questão acima formulada é que a ideia elegida será aquela capaz de afetar o sujeito de forma a levá-lo a nela concentrar a sua atenção.

O afeto ligado a uma determinada ideia também engendra uma outra função, ainda mais fundamental, na associação de ideias. Ele, muitas vezes, torna-se o agente gerador da

associação entre uma ideia e outra. Isto acontece quando duas ideias são associadas em uma determinada situação com a qual nos deparamos, provocando-nos uma reação emotiva. O afeto experimentado, então, fará com que as duas ideias passem a associar-se na mente do sujeito. O surgimento de uma delas fará com que a outra venha à tona.

Além disso, quando duas ideias ocupam o mesmo contexto temporal e uma delas desencadeia um determinado afeto no sujeito, a outra tende a impregnar-se deste afeto, fazendo com que, ao nos depararmos com esta última, sejamos tomados pelo afeto gerado pela primeira.

Uma nova questão se impõe diante dessas considerações: por que uma determinada ideia provoca o afeto, enquanto as demais passam despercebidas? Uma ideia é capaz de afetar, devido às suas conexões com conteúdos emotivos da história do sujeito. Este ponto tornar-se-á mais compreensível ao examinarmos a função afetiva das ideias que foram objetos da atenção consciente nos exemplos anteriormente examinados.

No primeiro capítulo, pudemos considerar alguns exemplos de análise de encadeamento associativo, nos quais, um personagem, possuidor de uma arguta capacidade observacional, foi capaz de analisar o fluxo associativo das ideias de seu companheiro, através do seu comportamento. A observação se deu através do seu movimento corporal, da sua expressão facial diante daquilo que notava ao seu redor, dos lugares para onde dirigia a sua atenção, mas também pela rememoração dos seus comentários sobre determinado assunto, fazendo com que o observador soubesse o quanto determinada ideia, representada por aquilo que estava sendo observado, seria capaz de afetá-lo.

Um fator presente tanto nas explicações de Dupin quanto nas de Holmes, diante do assombro de seus amigos, ao constatarem que seus pensamentos foram inferidos através da análise da sequência das correntes associativas pelas quais transitaram, é a referência à ênfase emotiva ligada ao interesse por determinado assunto que os havia ocupado num passado recente.

No exemplo de Poe (1978), Dupin, explicando sua façanha ao narrador, argumenta que tinha certeza de que este, ao divisar a constelação de Orion no céu, não poderia deixar de associá-la à frase *Perdidit antiquum litera prima sonum*, pelo fato de que os dois haviam tido “algumas discussões um tanto quanto apaixonadas” sobre a conexão entre a frase e a constelação. Dupin, então, complementa: “Era claro que você não deixaria de relacionar as duas ideias” (POE, 1978, p.119-120). Este comentário indica a compreensão do detetive quanto ao fato de que o afeto – aqui representado pelo fato de a ideia ter sido objeto de

discussões apaixonadas – seja um fator determinante para que uma ideia esteja atrelada a outra na cadeia associativa.

Em seguida, Dupin continua sua explicação, afirmando que percebeu que a associação da constelação com o ator – vítima da resenha na qual a frase em latim havia sido citada – tinha sido efetivada devido à “expressão do sorriso que lhe passou pelos lábios” (POE, 1978, p.120). Isso demonstra que percebera a ideia que ocupava a mente do outro naquele determinado momento devido à afetação expressa pelo sorriso. Podemos, então, inferir que não só a ideia estava presente na corrente associativa do companheiro, mas também que este tomou consciência dela. Isto é, a ideia se fez alvo da atenção consciente do sujeito.

No texto de Doyle (2002, p.179), quando Holmes explica para Watson a sua percepção dos passos associativos que o levaram a inferir seus pensamentos, ele diz que percebeu, pela sua expressão facial ao mirar o retrato de Beecher, que o amigo só poderia estar pensando nos incidentes da carreira do teólogo, acrescentando:

[...] tinha absoluta certeza de que você não poderia fazer isso sem pensar na missão que ele levou a cabo, em nome do norte, durante a Guerra Civil, porque me recordo de que você expressou sua indignação pelo modo como ele foi recebido pelas pessoas mais barulhentas. Você se sentiu tão indignado com isso que sei muito bem que não poderia pensar em Beecher sem se lembrar disso também.

Aqui, mais uma vez, podemos constatar o entendimento que tem o detetive sobre o papel do afeto no encadeamento associativo. O “analista”, ao examinar o caminho pelo qual o pensamento do companheiro percorreu, menciona a importância de saber o quanto determinada ideia o afetou no passado, assegurando-se, assim, de que esta não poderia deixar de participar da cadeia associativa que ele experimenta no momento.

Em nossa narrativa de uma experiência pessoal, na qual conseguimos perceber a ideia desencadeadora da corrente associativa ocorrida com uma amiga, devido à observação do seu comportamento, e que finda por torná-la consciente do seu esquecimento de alimentar os gatos da filha, comentamos, em nossa explicação sobre os passos associativos observados, que “ela me havia contado, com especial entusiasmo, que a gata da sua filha, mas não o gato, possuía um senso estético bastante elevado [...]”. Esta designação do “especial entusiasmo” ressalta a quantidade de afeto que havia naquela ideia da gata apreciando o pôr do sol. Isto se tornou determinante no direcionamento do encadeamento associativo, da representação do “sol que se põe” para a da “gata que contempla” e, em seguida, para as demais representações

da cadeia. Aqui, poderíamos ter-lhe dito, a exemplo de Dupin, “era claro que você não deixaria de relacionar as duas ideias”.

Por outro lado, constatamos que a ideia que lhe impõe a atenção reflexiva, interrompendo a cadeia associativa, é aquela de ter esquecido a promessa de alimentar os gatos, pois esta a afeta consideravelmente, causando-lhe o sentimento desagradável da culpa. A partir desse instante, a mente, avassalada por um afeto intenso, não está mais livre para ser percorrida por associações encadeadas. A consciência fixa-se nessa ideia, ignorando as demais que, a partir da contemplação do sol que se punha, conectaram-se até a ideia cuja intensidade do afeto despertado determinou o término do deslizamento da cadeia. Embora o afeto presente na ideia da gata que contempla, tenha sido determinante para que esta fosse incluída na corrente associativa, a sua intensidade é inferior àquela do afeto ligado à ideia do esquecimento de alimentar os gatos. É este, portanto, o motivo pelo qual a ideia da contemplação é imediatamente substituída na mente pela do esquecimento de alimentar os gatos, a ponto de a primeira apagar-se, mais tarde, da memória consciente.

No exemplo acima, podemos constatar os dois aspectos da função do afeto na associação de ideias. No primeiro momento, o afeto representado pelo enternecimento que a contemplação do pôr do sol pela gata provocava, serviu de indicação de que a conexão entre o sol que se punha e a gata que o contemplava não deixaria de passar pela mente. No segundo, o afeto despertado pela promessa negligenciada assumiu uma proporção tão intensa que esta ideia passou a receber toda a atenção consciente, interrompendo o fluxo associativo. O fato de a pessoa que vivenciou esse encadeamento associativo não se lembrar, imediatamente depois, nem da representação desencadeadora, nem dos demais componentes da cadeia associativa que a levou a conscientizar-se de sua falta, revela-nos a efemeridade da existência consciente que têm as ideias que participam da corrente associativa quando não se tornam objeto da reflexão.

O exemplo seguinte, também de nossa experiência, relata a lembrança de uma falta cometida, que consistia no não envio de uma resposta ao e-mail de uma amiga, que solicitava uma informação. A lembrança ocorreu-me enquanto contemplava na calçada um rosto supostamente conhecido. Entre a contemplação e a percepção do esquecimento, o pensamento atravessou uma trilha constituída por ideias que se conectaram entre si, deslizando rapidamente pela consciência, sem chegar a ser objeto da sua atenção. A ideia causadora da suspensão do deslizamento da cadeia associativa, exigindo a atenção consciente e assimilada pela consciência como aparentemente surgida do nada, trazia em si uma carga afetiva

constituída pelo constrangimento experimentado pela percepção do não cumprimento da solicitação da amiga.

O afeto associado a uma ideia é responsável pela apreensão desta pela atenção consciente, pois o fenômeno afetivo dá-se, invariavelmente, na consciência. Não existe algo como um afeto não consciente, pois neste caso estaríamos diante de um paradoxo: uma sensação não percebida. Considerando que o afeto nos invade e obriga-nos a refletir sobre a sua natureza, a ideia que o provoca é aquilo que ocupa a nossa atenção, relegando todos os demais pensamentos à não consciência, e, como já tivemos a oportunidade de examinar, na maioria das vezes, ao esquecimento posterior.

Quando nos referimos ao afeto associado à ideia ser o causador da apreensão desta pela atenção consciente, devemos observar o fato de que toda ideia possui algum grau de afeto, e é devido a isto que elas são incluídas na cadeia associativa. O que faz com que uma ideia, em especial, seja aquela que exige a atenção consciente, interrompendo o fluxo associativo, é a superioridade da sua intensidade afetiva em relação àquelas que a precederam.

No texto proustiano, acima relatado, no qual a *madeleine* embebida em chá desencadeia um processo associativo, o surgimento do afeto se processa de maneira particularmente ilustrativa. Nesse exemplo, constatamos que um sentimento inusitado anuncia a existência de uma ideia, com a qual está ligado, antes mesmo que a atenção consciente possa vislumbrá-la. É esta anunciação que irá desencadear a intensa busca, cujo exame procedemos anteriormente.

O personagem proustiano comenta que “no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim” (PROUST, 1981, p.45). Este “extraordinário que se passava”, refere-se ao afeto que o invadiu. A atenção que ele concede ao fato ressalta a sua preocupação em divisar a ideia à qual o afeto estava ligado. É nessa procura que consiste os seus próximos passos. O afeto é descrito como “um prazer delicioso”, que se encontrava “isolado, sem noção da sua causa” e constitui-se na evidência de que existia, para além do sabor experimentado, uma outra ideia, a ele associada, e que deveria ser a causa da sensação “extraordinária”.

O narrador proustiano nos relata esta constatação: “De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la?” (PROUST, 1981, p.45).

Havia, por parte da personagem, uma certeza da existência de tal ideia, por saber que aquela sensação não poderia partir do gosto da *madeleine* embebida em chá, embora estivesse

“ligada” a ele. Tampouco, poderia ter surgido do nada, portanto, deveria haver uma representação ideativa que a emanava. O fato de nós, leitores, compreendermos o sentido dessa busca por uma ideia, sem que duvidemos da sua legitimidade, nos dá a dimensão da compreensão que possuímos do fato de que a cada afeto corresponde uma ideia, mesmo quando esta não se faz presente na consciência. Além disso, compreendemos que deve haver uma conexão entre a representação percebida – o gosto da porção degustada – e aquela que gerou o afeto experimentado.

O fato corriqueiro de experimentarmos sensações sem que possamos explicar a sua causa, pois elas não parecem estar ligadas a qualquer ideia de que tenhamos consciência no momento, nos leva ao entendimento da profusa existência de ideias não acessíveis à consciência, mas que nos afetam cotidianamente.

Através dos exemplos acima examinados, pudemos apreender a relevância da função do afeto na determinação da escolha da ideia à qual se encontra conectado, como elo integrante da cadeia associativa. Além disso, verificamos que, quanto maior for a intensidade desse afeto, maior será a *chance* da ideia a que está conectada interromper o fluxo associativo, tornando-se objeto de exame da reflexão. Constatamos também que, quando o sujeito é afetado sem uma causa aparente, isto evidencia que há uma ideia desencadeadora da sensação, ainda que esta não possa ser imediatamente acessada pela consciência.

Esse é um ponto significativo para a compreensão das ideias de Freud. O afeto que se experimenta, sem a percepção consciente da representação que o origina, é um dos principais pontos de partida para as investigações realizadas pela prática psicanalítica. Da mesma forma, um afeto que ocorre durante o processo analítico, cuja ideia correspondente não é acessível à consciência, revela-se objeto relevante para que se proceda a uma investigação da cadeia associativa capaz de revelar a ideia que o desencadeou. Essa ideia, por exemplo, pode-se revelar tão importante para entendermos a história de vida do sujeito, quanto o foi, para o narrador proustiano, a descoberta da ideia que originou a sensação que o invadiu ao experimentar a *madeleine* embebida em chá.

A partir do que fomos capazes de apreender sobre o trabalho do afeto associado à ideia – ou da carga emotiva que cada ideia é capaz de suscitar ao ser evocada – na determinação da sua inclusão na sequência da cadeia associativa, assim como no seu poder de interromper o processo associativo, fazendo-se alvo da atenção consciente, depreendemos a importância que possui o grau de afetação de cada ideia no processo de construção do pensamento. A escolha que fazemos por um determinado grupo de ideias, ou, dito de outra maneira, o curso pelo qual transcorrem nossos pensamentos, está subordinado ao histórico das afetações associadas a

cada uma das ideias com as quais no deparamos ao longo de nossas vidas. Concluímos, então, que as ideias que despertaram nossas emoções anteriormente serão mais susceptíveis de compor nossos pensamentos do que aquelas que não tenham tido algum efeito afetivo. Dessa forma, percebemos que o afeto que cada ideia é susceptível de nos estimular ao nos abordar é, na verdade, o responsável pela estruturação dos nossos pensamentos e, como consequência disto, da forma como construímos nossa visão do mundo e de nós mesmos.

O deslocamento do afeto de uma ideia para a outra se dá sem que a consciência participe desta atividade, nem como agente da sua elaboração, nem como sujeito perceptivo da sua realização. Esta é uma atividade, portanto, que se articula e se desenvolve fora do domínio da razão consciente.

Testemunhamos esse tipo de articulação quando acompanhamos o desenvolvimento da sequência associativa, no trecho proustiano sobre a *madeleine* embebida em chá e a sua associação com as manhãs de domingo em Combray. Desse exemplo, depreendemos que aquele afeto descrito como “um prazer delicioso”, que correspondia ao momento vivido da infância, foi capaz de impregnar-se ao sabor experimentado do bolo com chá, o “seu contemporâneo” e “inseparável companheiro”, sem que o sujeito tivesse algum conhecimento dessa conexão.

O mesmo tipo de fenômeno pode ser testemunhado em um outro trecho nesse mesmo texto de Proust. Em uma passagem, anterior àquela examinada, o personagem narrador nos expõe este tipo de deslocamento que se produz entre o afeto de uma representação para uma outra que o assimila, por estar com aquela associada no mesmo contexto temporal. Nesse trecho, quando narra a sua tristeza relacionada aos momentos em que, quando criança, era obrigado a dirigir-se ao seu quarto para dormir, privando-se da ansiada companhia da mãe, o narrador informa-nos que o caminho de acesso ao quarto passava por uma escadaria, cujo odor de verniz acompanhava-o na sua angustiante caminhada. Devido à grande frequência com que esta experiência foi vivenciada, aquele cheiro peculiar tornou-se impregnado pelo afeto ocasionado por essa retirada aflita, conectando-se com ele, numa associação entre os dois eventos simultâneos, fazendo com que o afeto de um se instalasse no outro, e, mais tarde, emanando-o toda vez que era percebido: “Essa escadaria detestada que eu sempre subia tão tristemente, exalava um cheiro de verniz que havia de certo modo absorvido e fixado aquela espécie particular de mágoa que eu sentia cada noite [...]” (PROUST, 1981, p. 31).

Esse tipo de deslocamento do afeto é algo que acontece com muita frequência no nosso cotidiano. Não raro, ao direcionarmos o nosso olhar para certo objeto, ou para algum ponto do local no qual nos encontramos, sentimos uma determinada sensação, que até então

se encontrava adormecida, mas que havia sido, algum tempo antes, suscitada por algum comentário que escutamos. Isso se deve ao fato de que o objeto ou o local tinham sido objeto de nosso foco visual no instante em que ouvimos as palavras que nos afetaram.

Da mesma maneira, mas em sentido inverso, se uma determinada cena nos afeta em um dado momento, o som que escutamos nesse instante, quando reproduzido mais tarde, poderá evocar o afeto ligado àquilo que testemunhamos. O afeto provocado por aquilo que se escutou ou vislumbrou transferiu-se para o objeto de nossa atenção visual ou auditiva, impregnando-o.

É da natureza estrutural de nossas mentes que um determinado afeto, quando vivenciado, imprima-se, por deslocamento, em um outro estímulo que experimentamos concomitantemente.

Como vimos, a visão é capaz de atuar como determinante nesse tipo do deslocamento do afeto de uma representação para outra, assim como o é o sabor, como no caso da *madeleine* de Proust; o olfato, no exemplo do mesmo autor, referente ao sentimento despertado pelo cheiro do verniz da escadaria; a audição, capaz, entre outras coisas, de possibilitar que, ao ouvirmos uma determinada música, sejamos visitados por uma determinada sensação pertencente a um momento do passado, no qual esta música se fazia ouvir. Da mesma maneira, o tato poderá ser objeto deste deslocamento, quando somos tocados de forma semelhante àquela de uma experiência passada, que tenha originado uma sensação especial, da mesma forma que, se ao tocarmos algo nos depararmos com uma sensação familiar, tenderemos a recordar o objeto ou a situação do passado que nos despertou esta sensação.

A associação do afeto de uma determinada ideia com uma outra que lhe é “contemporânea” – tal qual o clima emotivo das manhãs de domingo da infância do personagem proustiano associou-se ao sabor especial da envolta experimentada na ocasião – permite-nos entrever a existência de um trânsito incessante de afeto entre as inúmeras representações com as quais nos deparamos cotidianamente.

Um ponto importante nesse fenômeno do deslocamento de um afeto entre duas ideias diferentes é que este se produz independentemente da vontade do sujeito e sem a sua percepção consciente. A atenção consciente só é capaz de apreender sobre tal deslocamento quando este, já tendo sido realizado, surpreende o sujeito, revelando-se. No exemplo proustiano do odor de verniz da escadaria, por exemplo, não seria possível para a criança que sentia aquele cheiro enquanto prosseguia angustiada para o seu quarto de dormir, dar-se conta de que, mais tarde, este, ao ser inalado, lhe reviveria aquela sensação detestável. Aqui, mais

uma vez, inteiramo-nos da natureza inconsciente do processo associativo, capaz de transferir a sensação de uma representação para uma outra, sem que o sujeito se aperceba desse processo.

O deslocamento do afeto, de uma ideia para outra, ainda exerce uma importante influência sobre as nossas vidas, possibilitando que descarreguemos o afeto, produzido por uma representação sobre a qual não podemos ou não devemos descarregá-lo, em uma outra mais acessível.

Trata-se, de fato, de uma atitude bastante trivial. Todos nós, quando notamos que alguém demonstra, pelo seu semblante, que traz consigo uma cólera contida, sabemos que, se tivermos que abordá-lo por algum motivo, devemos fazê-lo com muita cautela. Só um tolo seria capaz de pedir aumento a um chefe que chegou ao escritório de mau humor.

Descarregar a fúria acumulada, através de situações sobre as quais não possuímos domínio, em objetos ou sujeitos substitutos é um fato corriqueiro. Fazemos isto quando agredimos almofadas ou objetos similares, descarregando a raiva provocada por alguém que sabemos que não devemos agredir. Este tipo de deslocamento é amplamente familiar para aqueles que trabalham em organizações com alguma amplitude hierárquica. Todos sabem que, quando o chefe do setor acaba de sair de uma reunião particularmente difícil com o seu superior, há sempre o risco de que ele escolha um dos seus subordinados para “repassar a bronca”, quando, então, todos procuram comportar-se da forma mais irrepreensível possível.

Aqueles que não possuem subordinados no seu trabalho, podem ainda escolher uma pessoa qualquer, de seu relacionamento, ou mesmo um desconhecido para quem o afeto é transferido, possibilitando sua liberação. Não raro, pessoas se tornam temerárias para aqueles com quem habitam, quando entram em casa com uma emoção sufocada, à procura de um motivo qualquer para descarregá-la.

A expressão “saco de pancadas”, que se atribui a determinadas pessoas, expressa este tipo de ação. Há pessoas, que, por alguma razão, tornam-se preferivelmente vítimas desse tipo de atitude. Sobre elas, este tipo de afeto opressivo, impossibilitado de ser descarregado na fonte, é extravasado. O “bode expiatório”, tanto o literal quanto o metafórico, são exemplos de vítimas dessa espécie de deslocamento de descarga afetiva.

Na literatura, uma ilustração dessa conduta encontra-se no conto *Counterparts*, de James Joyce. O seu título, que, entre outros significados, nos dá o de “correlato”, nos remete à ideia de uma representação que poderá substituir uma outra em uma determinada situação; no contexto específico, essa substituição é realizada por alguém sobre quem um afeto reprimido, impedido de ser descarregado no agente gerador, pode ser liberado.

No início do conto, o personagem principal, Farrington, é chamado com urgência à sala do chefe da organização em que trabalha. Lá, ele recebe uma grande reprimenda pelo atraso da cópia de um contrato, que deveria ser entregue até o final do dia. Farrington angustia-se com a situação e, sorrateiramente, vai até um bar próximo para tomar uns tragos. Na volta ao trabalho, dá-se conta que a tarefa não poderá ser entregue a tempo. Pouco depois, encontra-se mais uma vez com o chefe que lhe faz uma questão retórica sobre se ele o considera um idiota. A arguta resposta de Farrington é altamente impertinente, deixando o chefe encolerizado, e este exige a sua retratação. Farrington, na iminência de perder o emprego, desculpa-se.

Ao final do trabalho, vamos encontrá-lo em um bar, com amigos de copo, bebendo com o dinheiro que conseguira penhorando o seu relógio. Para os amigos, ele conta espirituosamente a resposta dada ao chefe, omitindo seu posterior pedido de desculpas. Na sequência, o vemos frustrar-se ao perder uma queda de braço para um inglês. Seu ressentimento se agrava quando se vê impossibilitado de convidar, por falta de dinheiro, uma moça atraente para beber. No final da noite,

[...] ele sentia-se humilhado e desgostoso; nem mesmo sentia-se bêbado e tinha apenas dois pence em seu bolso. Praguejava contra tudo. Deu-se mal no escritório, penhorou seu relógio, gastou todo seu dinheiro e nem ao menos ficou bêbado [...], perdeu sua reputação de homem forte, tendo sido derrotado por um mero garoto. Seu coração enchia-se de ódio. (JOYCE, 1993, p.68).

É nesse estado de espírito que Farrington entra em casa, encontrando apenas um de seus filhos pequenos. Quando lhe pergunta se há alguma coisa para comer, o garoto dirige-se ao fogão para lhe preparar algo, mas Farrington, usando o pretexto de que ele havia deixado o fogo apagar, apanha uma bengala e começa a bater nele. O conto encerra-se com o garoto, aflito, pedindo ao pai que não lhe bata e que lhe rezará uma Ave Maria.

Esse tipo de comportamento, no qual afetos incorporados em certas circunstâncias são descarregados em ocasiões inteiramente deslocadas, com graus de dramaticidade variáveis, é bastante usual. Esse fenômeno geralmente responde a uma questão frequentemente formulada: “por que tanto furor por algo tão insignificante?”, e é também responsável por um grande número de arrependimento por parte daqueles que realizam essa descarga.

Muitas vezes, aquele que se comporta furiosamente nesse tipo de contexto tem apenas uma vaga ideia do motivo dessa descarga afetiva incongruente. Não raro, não faz a mínima

ideia da razão dessa fúria inexplicável. Costumamos esconder de nós mesmos ações desse tipo que nos desabonam.

Metáforas empregadas na literatura, quando bem articuladas, são associações por similaridade capazes de deleitar os leitores, fazendo-os compreender como representações que, até então, pareciam não possuir conexão entre si, na verdade, estão ligadas ao contexto narrativo de maneira surpreendente.

Similarmente, em nossas vidas cotidianas, a lógica associativa, utilizando-se do nosso estoque de ideias e seus respectivos afetos, constrói pontes metafóricas entre representações, que farão com que afetos ligados a determinadas ideias sejam desencadeados, quando do aparecimento de uma outra que as metaforize. Decorre daí que o aparecimento de uma representação que seja metáfora de uma outra, fará com que o afeto ligado a esta assome à consciência. Um processo desse tipo pode ser ilustrado na situação em que alguém, que possua uma pessoa próxima encarcerada, estando temporariamente esquecido dessa circunstância, visualize um pássaro numa gaiola e, imediatamente, torne-se presa de um sentimento pesaroso.

Um exemplo metafórico desse tipo, que nos revela uma associação entre representações similares, despertando um afeto adormecido, numa situação na qual seres humanos experimentam condições de intensa privação e martírio, nos é dado por Primo Levi, na sua narrativa dos dias passados em um campo de extermínio nazista. Os prisioneiros obrigados a trabalhos árduos, entre outras admoestações, extremamente famintos, testemunham a atividade de uma escavadeira, que retira porções de terra de um local próximo. Eles demonstram, através das suas expressões, o sentimento cobiçoso despertado pela visão da cena: “Apoiados em nossas pás, olhamos fascinados. A cada mordida da escavadeira entreabrem-se as bocas, os pomos-de-adão sobem e descem, miseravelmente visíveis por baixo da pele frouxa. Não conseguimos renunciar ao espetáculo do banquete da escavadeira”⁴ (LEVI, 1988, p.74).

Nessa narrativa, na qual as condições humanas são levadas ao extremo e os sentimentos e as reações comuns do dia a dia são subvertidos e até mesmo aniquilados, surpreendemo-nos com a persistência desse fenômeno, no qual uma associação metafórica,

⁴ Aqui, percebemos uma atitude dos prisioneiros que ilustra um ponto importante na sintomatologia psicanalítica, aquele da impossibilidade de “renunciar ao espetáculo”. Esta atitude, diante de uma situação em que o afeto esquecido momentaneamente é despertado por uma associação entre representações, é análoga àquela em que um sintoma neurótico, representado por uma ideia consciente associada a uma outra recalçada, impõe um estado de desprazer ao sujeito. Ele se vê numa condição à qual “não consegue renunciar”, numa vã tentativa de obter prazer numa situação que sabe irrealizável.

entre o trabalho mecânico de uma máquina e a atividade ansiada de morder um alimento entrelaçam-se, despertando uma vontade insaciada.

O entendimento da metaforização como forma de deslocamento do afeto de uma representação para outra é de vital importância para a compreensão do funcionamento do mecanismo da patologia mental, segundo a psicanálise. Na clínica psicanalítica, os sintomas neuróticos configuram-se como metáforas das ideias recalçadas, isto é, ideias que estão ausentes da consciência de forma radical. A representação metafórica surge para o sujeito como um substituto possível, para o qual uma liberação parcial do afeto ligado à ideia recalçada – seu correlato associativo – será dirigida. Isso permite ao sujeito uma relativa descarga da tensão acumulada pelo efeito da ideia, que, embora oculta da consciência, se mantém ativa, ao mesmo tempo em que lhe traz sofrimento devido ao alto preço que o faz pagar por este alívio desvirtuado.

O deslocamento do afeto de uma representação para uma outra pode ainda assumir proporções coletivas e, até mesmo, fazer com que uma nação inteira envolva-se numa situação desse tipo.

Por ocasião de disputas esportivas entre países, não raro, dois povos que possuam rivalidades históricas, nas quais confrontos bélicos foram desencadeados ou não, tenderão a deslocar para a contenda esportiva afetos que jaziam adormecidos nos anais da História. Um exemplo desse tipo nos surgiu, como uma surpresa, durante as Olimpíadas disputadas na China, num jogo entre os Estados Unidos e o Japão, quando percebemos que os torcedores chineses, nas arquibancadas, torciam ardorosamente para os americanos e não para seus vizinhos orientais. Esta atitude aparentemente estranha, logo ficou explicada, quando nos recordamos da história dos conflitos bélicos entre a China e o Japão, quando os japoneses massacraram, em inúmeras ocasiões, populações chinesas.

Um jogo de futebol entre o Brasil e a Argentina possui muito mais afeto circulando entre os torcedores do que quando se trata de um jogo contra qualquer outro país, devido à rivalidade folclórica, alimentada por uma disputa fantasiosa entre esses dois países fronteiriços.

Um exemplo recente desse tipo, registrado através de uma bem elaborada reportagem, ilustra adequadamente esse tipo de deslocamento, no qual um país se vê possuído por um afeto difícil de ser compreendido por outros povos. Durante a última Copa do Mundo, a equipe da Espanha derrotou a de Portugal. “Apenas um jogo de futebol” para a maior parte dos espectadores ao redor do Mundo. Porém, o deslocamento do afeto devido à associação

entre a peleja e o passado histórico entre os dois países determinou a criação de um estado emocional coletivo, no qual antigas disputas evocaram sentimentos arcaicos.

Em um artigo da *Folha de S. Paulo*, dias após a derrota portuguesa diante da seleção campeã da Copa, o jornalista português, João P. Coutinho, expôs a complexidade daquilo que se passou na vida afetiva dos lusitanos diante desse insucesso. Abaixo, um excerto do referido artigo.

A equipe lusitana perdeu com "sus hermanos" uma semana atrás. Mas perder contra Espanha não é o mesmo que perder contra a Alemanha, contra a Argentina ou mesmo contra o Brasil. Perder contra Espanha desperta todos os fantasmas históricos de um país que, em rigor, sempre afirmou a sua identidade por oposição a Castela. E que sempre viu em Castela uma ameaça física (no passado) ou econômica (no presente). Hoje, Portugal e Espanha são membros da União Européia e parceiros comerciais relevantes. Mas bastaria ler a imprensa portuguesa antes do jogo para perguntar se os jornais desportivos se tinham convertido à erudição acadêmica: as referências a batalhas importantes entre os dois países eram tantas que o leitor médio precisaria de um Ph.D. em história medieval para compreendê-las a todas. Apenas um jogo? Para os portugueses, defrontar a Espanha era uma nova Batalha de Aljubarrota. Serem derrotados pela Espanha, uma repetição de 1580, quando o país perdeu a independência para os vizinhos. Todos os portugueses esperam agora pela desforra. Esperam por um novo jogo, uma nova Restauração, um novo 1640. (COUTINHO, 2010).

Devemos ao deslocamento de afeto de uma representação para outra uma série inumerável de comportamentos e atitudes aparentemente inexplicáveis nas relações sociais. Costumamos descarregar afetos em circunstâncias inteiramente diversas daquelas nas quais eles foram provocados e procuramos, no mais das vezes, justificarmos esta descarga através de argumentações descabidas, na tentativa de enquadrar nossas atitudes à racionalidade. É um comportamento típico do ser humano: uma vã tentativa de provar que o “eu” é senhor soberano das ações do sujeito.

4 A REGRA DUAL DA ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

Os princípios pelos quais as ideias associam-se na mente foram examinados por inúmeros pensadores ao longo da História. Com Aristóteles, temos um dos primeiros exemplos desse tipo de preocupação. O filósofo afirma em um dos seus textos que as ideias são rememoradas seguindo três princípios: semelhança, contrário e proximidade (ARISTÓTELES, 2003). Podemos denominá-los também de “similaridade”, “contraste” e “contiguidade”.

Muitos outros pensadores, principalmente filósofos e psicólogos, voltaram suas atenções para a “associação de ideias”⁵, sendo que, alguns dentre eles, procuraram classificar os princípios pelos quais as ideias associam-se umas com as outras.

Neste trabalho, privilegiamos o texto de David Hume, que dedicou especial atenção ao tema das associações de ideias e cuja clareza de exposição nos induz a uma especial atenção. Este filósofo dedicou a esse tema uma seção do seu *Tratado* e, mais tarde, um capítulo da sua *Investigação*. Neste último trabalho, ele afirma que “[...] parece haver apenas três princípios de conexão entre idéias, a saber, *semelhança*, *contigüidade* no tempo e espaço, e *causa* ou *efeito*” (HUME, 1999, p.32).

Além dos princípios já citados, outros foram sugeridos por estudiosos da associação de ideias para classificar as maneiras pelas quais estas se associam entre si. Aquelas mais abrangentes são as já citadas: similaridade, contiguidade, contraste e causa e efeito. Para Hume (1999, p.33, nota 4), a regra do ‘contraste’ ou ‘oposição’ é uma mescla daquelas de ‘causação’ e ‘similaridade’.

Consideramos que o princípio de ‘contiguidade’ é bastante abrangente e que tanto o de ‘contraste’ quanto aquele de ‘causa e efeito’ são seus subconjuntos. O princípio de contiguidade pressupõe contextualização. Uma ideia evoca outra porque as duas pertencem ao mesmo contexto, em outras palavras, são adjacentes em um mesmo texto. A menção de uma tende, por complementação textual, a trazer a outra à tona. Assim, a regra do ‘contraste’ seria o princípio da ‘contiguidade’ no seu extremo: o “máximo” está associado em nossas mentes com o “mínimo” porque são os dois extremos de um mesmo contexto. O mesmo acontece com “vazio” e “cheio”, “tudo” e “nada” etc. Dentro da mesma linha de argumentação, a ideia de um gigante suscita a de um anão, pois os dois situam-se nos dois extremos da escala das

⁵ Termo cunhado por Locke, que deu ao último capítulo (33) do seu *Ensaio sobre o entendimento humano* esse nome (LOCKE, 2001, p. 615).

dimensões humanas, representando, assim, os dois limites de um mesmo contexto. Isso vale para todas as ideias antagônicas, assim como para os antônimos em geral. Há uma conjuntura comum que os contextualiza. Para afirmarmos que uma pessoa é fraca, precisamos contrapô-la mentalmente a uma forte, portanto, contextualizando-as. A mesma contextualização que determina uma ideia, associa-a ao seu oposto, que a faculta, tornando cada uma delas passível de ser evocada no instante em que a outra surge na mente.

Quanto ao princípio humeano da ‘causa e efeito’⁶, consideramos que este seja, na realidade, um tipo especial de associação por ‘contiguidade’, constituindo-se em um subconjunto desta regra. O efeito está ligado contextualmente à sua causa. Se conhecermos a causa ou o efeito de um determinado fenômeno, a ideia da causa e aquela do efeito passam a fazer parte de um mesmo contexto, portanto estão associadas por contiguidade em nossa vida mental. O surgimento de uma delas em nossa mente poderá provocar, por contiguidade, o da outra. Por exemplo, se ao avistarmos colunas de fumaça, pensarmos em fogo, é porque ambas as ideias pertencem a um mesmo contexto que, sabemos por experiência, sempre as concebe acompanhadas, tornando-as, portanto, contíguas. Da mesma maneira, quando apreendemos que um fato, há muito conhecido, possui uma causa que até então desconhecíamos, a partir desse momento, ambos pertencerão a um mesmo contexto, e a menção de um deles poderá trazer à mente a ideia do outro.

Uma regra dual, portanto, se impõe como simplificadora das maneiras pelas quais as ideias podem associar-se entre si.

Em um texto de 1956, denominado “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”⁷, o linguista Roman Jakobson (1995) examina a redução da capacidade do uso da linguagem causada pela afasia e conclui que todos os tipos desta doença, até então conhecidos, poderiam ser englobados em dois tipos mais gerais, por ele denominados de “afasia de similaridade” e “afasia de contiguidade”.

O afásico de similaridade, na fase mais adiantada da doença, é incapaz de expressar-se sobre o símbolo fora do eixo sintagmático. A incapacidade deste paciente é a de empreender

⁶ Este princípio refere-se a um tema caro a Hume. Sua preocupação com a causalidade, a maneira pela qual é percebida e compreendida pela mente humana, é objeto de reflexão da sua filosofia. Ver, por exemplo, Porque uma causa é sempre necessária (HUME, 2001, p.107). Desta maneira, para ele, a associação por causa e efeito não deixa de ser um tipo especial de associação. Isto, entretanto, não nos impede de classificá-la, justificavelmente, como um subgrupo daquele de contiguidade.

⁷ Esse texto tornou-se crucial para a teoria psicanalítica a partir da segunda metade do século XX, quando o teórico da psicanálise, Jacques Lacan tomou conhecimento da sua existência, considerando-o fundamental para o desenvolvimento da sua teoria. A partir dessa leitura, Lacan pôde “[...] organizar estruturalmente sua hipótese do inconsciente-linguagem” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.710). Um dos aforismos mais famosos da teoria lacaniana, “[...] de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem tem sua origem, e recebe seu aval lingüístico, a partir [desse estudo] sobre a afasia” (GARCIA-ROZA, 2000, p. 269).

uma visão da palavra como símbolo linguístico. “A carência afásica da ‘capacidade de denominar’ constitui propriamente uma perda de metalinguagem” (JAKOBSON, 1995, p. 47).

Esse tipo de paciente não consegue divisar a linguagem fora do seu uso prático. No caso de um paciente incapaz de pronunciar o nome “lápiz”, ao lhe ser mostrado o objeto para que ele o nomeasse, a operação mental que ele não conseguia efetuar era: “o símbolo linguístico que representa este objeto é ‘lápiz’”. O uso da palavra fora do contexto utilitário lhe é estranho (JAKOBSON, 1995, p.45).

Um exemplo bastante ilustrativo, fornecido por Jakobson (1995, p. 46), versa sobre um paciente afásico de similaridade, que não consegue repetir uma palavra isolada que lhe é citada. Esta palavra é “não”. Instado para repetir a palavra, o paciente, depois de um longo e profundo esforço, impotente, desculpa-se com o médico: “não, eu não sou capaz de repetir esta palavra”.

É evidente a incapacidade de esse afásico pensar o símbolo linguístico separadamente do seu contexto utilitário, enquanto o seu uso corrente, em um contexto em que ele se encaixa adequadamente, torna-se natural para ele. “Embora utilizasse a palavra no contexto de sua resposta (‘Não, eu não ...’), não pôde produzir a forma mais pura de predicação equacional, a tautologia a=a: ‘não é não’” (JAKOBSON, 1995, p. 46).

O afásico de similaridade tem uma maneira metonímica de expressar-se. Ele substitui o nome por uma característica contextual deste nome. Ao invés de nomear a cor preta, ele poderá construir o seguinte monólogo: “‘Quando é que a gente se veste de preto?’ – ‘Quando se põe luto por um morto’; em vez de dar nome à cor, designa-se a causa de seu uso tradicional” (JAKOBSON, 1995, p. 49-50).

Inversamente, o afásico de contiguidade tem dificuldade de usar a linguagem no eixo sintagmático. Esse tipo de paciente perde o domínio da contextualização. Os enunciados são reduzidos, às vezes, a frase de uma só palavra.

A ordem das palavras se torna caótica; os vínculos de coordenação e subordinação gramatical, quer de concordância, quer de regência dissolvem-se. Como seria de esperar, as palavras dotadas de funções puramente gramaticais, como por exemplo as conjunções, preposições, pronomes e artigos, desaparecem em primeiro lugar para serem substituídas pelo estilo chamado ‘telegráfico’, ao passo que, no caso da desordem da similaridade, são as mais resistentes. (JAKOBSON, 1995, p.51).

Esse distúrbio tende a reduzir o discurso a enunciados de frases ou mesmo a frases de uma só palavra. Por ter perdido a capacidade contextual, o afásico comunica-se com as

palavras tal qual alguém que conheça apenas um escasso vocabulário de uma determinada língua estrangeira e se veja obrigado a comunicar-se através dela.

Nesse tipo de distúrbio de linguagem, “[...] quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, tanto mais forte será sua persistência no discurso [...]” (JAKOBSON, 1995, p.51). Daí nos vem à mente a imagem de Tarzan, aprendendo os rudimentos da linguagem com Jane: “me Tarzan, you Jane”. Os afásicos da contiguidade retornam, por assim dizer, a uma fase na qual o uso da linguagem restringe-se aos poucos vocábulos apreendidos inicialmente. Na afasia de contiguidade, “[...] o paciente recai nas fases iniciais do desenvolvimento linguístico da criança ou mesmo no estágio pré-linguístico [...]” (1995, p.54).

Jakobson (1995, p.55) expõe, a seguir, o vínculo que existe entre a similaridade e a metáfora e a contiguidade e a metonímia – que são os *dois aspectos da linguagem* correspondentes aos dois tipos de afasia examinados. “A metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade e a metonímia com o distúrbio da contiguidade”. O afásico de similaridade se expressa metonimicamente, enquanto o de contiguidade, metaforicamente.

Esse estudo de Jakobson, ao basear-se numa doença neurológica e na estrutura das nossas formas de simbolização, dá também à questão da associação de ideias uma base mais palpável, com a qual pesquisas sobre o assunto poderão ser efetuadas. Nesse seu texto, ele lamenta a falta de interesse dos linguistas pelo estudo da afasia, afirmando que “nada de comparável às minuciosas observações lingüísticas feitas em crianças de diferentes países foi realizado no que concerne ao afásico” (JAKOBSON, 1995, p.35).

O linguista demonstra que esses dois aspectos da linguagem, além de servir para classificar de uma forma genérica essa doença perturbadora do uso da linguagem, também definem a tendência que possuímos na maneira pela qual escolhemos as palavras em nossas construções simbólicas. Além disso, argumenta que os movimentos artísticos e literários podem ser classificados em um desses dois aspectos. Alguns exemplos desta sua abordagem são: a poesia é metafórica, enquanto a prosa é metonímica; os movimentos literários do Romantismo e do Simbolismo são metafóricos, enquanto o Realismo é metonímico. Na arte pictórica, o movimento cubista é metonímico, já o Surrealismo é metafórico. Cita também ainda outros movimentos artísticos – entre os quais os da arte cinematográfica –, em que ou predomina a forma metafórica ou a metonímica (JAKOBSON, 1995).

Um exemplo que mescla estilo literário e afasia é especialmente relevante para compreendermos a extensão da tese de Jakobson quanto à abrangência da tendência metafórico-metonímica, combinando o sintoma afásico com a atividade intelectual. Somos

introduzidos ao escritor russo Gleb Uspenskij, possuidor de uma prosa exaustivamente metonímica. Jakobson (1995, p.60, nota 29) cita um exemplo de seu estilo:

[...] desse casaco emergiam, aos olhos do observador, mãos macias com um anel que se afundara no dedo gordo, uma bengala com castão de cobre, um acentuado abaulamento no estômago e calças muito largas, de tecido semelhante à musselina, cujas largas bocas escondiam a ponta das botas.

Esse romancista “[...] sofreu, nos últimos anos de vida, de uma doença mental acompanhada de distúrbios da fala”. Este distúrbio revelou-se uma afasia de similaridade. “Como o distúrbio da similaridade se liga à tendência para a metonímia, é particularmente interessante examinar a maneira literária de Uspenskij durante a juventude” (JAKOBSON, 1995, p.59-60). Aquilo que poderíamos denominar de a “escolha” do tipo de afasia pelo escritor já se delineava em sua obra literária – sua maneira de simbolizar o mundo – desde sempre.

O estudo de Jakobson aponta para o fato de que, ao simbolizarmos o mundo, estruturamos nossas ideias, considerando esses dois aspectos da linguagem, muitas vezes, privilegiando um deles, em detrimento do outro.

Essas ideias nos revelam uma amplitude surpreendente em relação à associação de ideias: de que todo o nosso universo simbólico – o domínio da linguagem –, seja na literatura, nas artes, nas diversas formas de comunicação, em suma, em todas as representações humanas, é regido por estas duas condições associativas. Isto dá a esses dois princípios de associação de ideias uma influência fundamental na maneira pela qual representamos o mundo, ao mesmo tempo em que nos fornece instrumento acurado para analisar a nossa vida simbólica.

No seu ensaio, Jakobson simplifica o número das regras associativas, englobando a do “contraste” em “similaridade”. Para ele, o contraste estaria contido na regra de similaridade, por fazer parte do grupo de substituição de signos que “estão ligados entre si por diferentes graus de similaridade, que oscilam entre a equivalência dos sinônimos e o fundo comum (*common core*) dos antônimos” (JAKOBSON, 1995, p.40).

Preferimos, como exposto acima, considerar o princípio do “contraste” como um caso particular daquele de “contiguidade”. Não obstante nosso desacordo entre o motivo pelo qual determinada regra de associação deva ser incorporada em uma das duas regras gerais, “similaridade” ou “contiguidade”, concordamos que esta regra dual engloba todos os princípios de associação de ideias.

A associação de ideias por contiguidade dá-se quando uma ideia evoca uma outra, por se encontrarem ambas em um mesmo contexto. Já a de similaridade ocorre quando uma ideia que nos ocupa a mente nos remete a uma outra similar.

No primeiro capítulo, observamos a perícia de Dupin ao adivinhar o pensamento do seu amigo, seguindo suas expressões faciais, a direção de seus olhares etc. Com isto, o detetive foi capaz de acompanhar a construção textual das ideias do outro⁸. Aqui se trata de um encadeamento de associações por contiguidade, pois as ideias encadeiam-se uma às outras numa construção textual.

Há, na verdade, uma subdivisão nesse tipo de princípio de associação. Como vimos com Hume, o princípio de contiguidade divide-se em contiguidade no tempo e contiguidade no espaço.

A associação por contiguidade no tempo se dá quando duas ideias conectam-se entre si por serem contemporâneas. Desse tipo de associação, fazem parte as situações em que uma canção, um aroma, ou um outro estímulo qualquer evoca um momento do passado em que determinada ideia, rica em afeto, é despertada na lembrança. Um exemplo desse tipo nos é dado pela rememoração das manhãs de domingo em Combray, quando o narrador proustiano percebe que a ideia que lhe causa a sensação, descrita como um “[...] ininteligível turbilhão das cores agitadas [é o] único intérprete possível [...] de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro, o sabor [da *madeleine* embebida no chá, para] pedir-lhe que indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata”. Trata-se aqui de uma conexão entre ideias que são contemporâneas, portanto, contíguas no tempo. O estímulo causador do aparecimento de uma delas – o sabor da fusão do bolo com o chá – evocou a outra, que, embora, inicialmente não tenha sido percebida conscientemente, acionou um turbilhão afetivo.

Na mesma narrativa desse romance proustiano, há uma outra associação, concebida através do princípio da contiguidade no tempo. Trata-se da associação entre o odor do verniz exalado pela escadaria, pela qual o narrador subia ao separar-se de sua mãe, e a ideia carregada de afeto que esta separação lhe causava. Este odor, contemporâneo deste afastamento forçoso, associou-se a este momento angustiante, fazendo com que, mais tarde, toda vez que o personagem subisse esta “detestada escadaria” inalasse aquele “[...] cheiro de verniz que havia de certo modo absorvido e fixado aquela espécie particular de mágoa que eu

⁸ Esta e algumas outras obras citadas neste capítulo já foram referenciadas nos capítulos anteriores.

sentia cada noite [...]”. Temos aqui uma conexão temporal que faz com que duas ideias entrelacem-se devido a sua contemporaneidade.

Uma associação por contiguidade no espaço pode ser observada no exemplo do doutor em direito, para o qual versos de um poema, que ele não conseguia identificar, surgiam à mente toda vez que cruzava de trem a ponte do rio Bidassoa. Quando ele, finalmente, deparou-se com os versos em um livro, no qual, num passado já esquecido, os conhecera, descobriu que, na página que lhe era contígua, a primeira frase que se lia era o título do poema seguinte: “A Ponte Sobre o Rio Bidassoa”. Pelo fato de os versos recorrentes serem os últimos do poema, estavam impressos no final da página, fazendo com que se ligassem, por contiguidade no espaço, ao título do poema seguinte, conectando-os em sua mente.

Associações por similaridade foram expostas em alguns dos exemplos já comentados. No artigo da *Folha de S. Paulo*, “O futebol não é um jogo”, o jornalista explana sobre a afetação dos portugueses durante uma partida de futebol entre Portugal e a Espanha, explicando que toda a comoção acumulada pela nação ao longo dos conflitos belicosos da história entre estes dois países desloca-se, associando-se, por similaridade, para o campo esportivo. Terem perdido o jogo, na última Copa, para a Espanha foi “[...] uma repetição de 1580, quando o país perdeu a independência para os vizinhos”.

No conto de Joyce, o trabalhador desleixado, depois de um dia frustrante no escritório e no bar com os amigos, incapaz de descarregar suas mágoas nos objetos de seus infortúnios, força um deslocamento do seu afeto hostil para a figura inofensiva do seu filho pequeno, o qual recebe a descarga emocional acumulada ao longo do dia. A vítima, neste caso, um bode expiatório, serve de metáfora dos objetos odiados e recebe o castigo no lugar destes.

Um outro exemplo de associação por similaridade, encontramos na narrativa que Primo Levi faz da sua experiência no campo de extermínio. O movimento da escavadeira, metaforizando uma boca que morde, transforma-se, para os prisioneiros esfomeados, numa imagem evocativa do desejo premente de abocanhar um alimento: “A cada mordida da escavadeira entreabrem-se as bocas, os pomos-de-adão sobem e descem, miseravelmente visíveis por baixo da pele frouxa” (LEVI, 1988, p.74). Uma imagem poética, podemos dizer, de uma situação aterradora. A associação por similaridade utiliza-se do recurso poético da metáfora.

O uso metafórico da analogia é também muito utilizado na literatura, muitas vezes, como no exemplo que se segue, numa prosa poética. No seu conto *Billy Budd, Marinheiro*, Herman Melville faz uso da analogia para argumentar, associando duas ideias similares, sobre a dificuldade de se demarcar o limite entre a sanidade e a loucura:

Quem é capaz de, no arco íris, traçar a linha onde termina o violeta e começa a cor-de-laranja? Somos capazes de enxergar distintamente a diferença das cores, mas onde exatamente uma começa a se misturar à outra? O mesmo ocorre com a sanidade e a insanidade. Em casos pronunciados não restam dúvidas a respeito. No entanto, em alguns casos hipotéticos, em vários graus supostamente menos pronunciados, poucos se arriscarão a traçar a linha exata da demarcação [...]. (MELVILLE, 2005, p.94).

Nesse exemplo, há uma associação por similaridade complexa, na qual ideias totalmente diferentes – a sanidade e as cores – conectam-se devido à situação analógica que as relaciona. As ideias similares não são, portanto, a dos objetos citados, mas a da relação que estes guardam entre si. A analogia e a alegoria são exposições nas quais se utiliza o uso associativo da semelhança para demonstrar uma concepção.

Os princípios associativos, muitas vezes, alternam-se em uma mesma corrente associativa, mesmo quando esta é bastante breve. Para ilustrar, tomemos o exemplo, citado no primeiro capítulo, da lembrança que me ocorreu, aparentemente surgida do nada, do esquecimento do envio de um *e-mail* em resposta à consulta de uma amiga. Ao me deparar com esta lembrança inesperada, examinei os passos associativos que a fizeram surgir na mente. Eu tinha acabado de notar uma moça que passava na calçada ao lado e pensei que talvez fosse uma antiga colega de trabalho que eu não via há anos [associação por similaridade], seu nome veio-me então à mente [contiguidade]. Tratava-se de um nome bastante incomum e imediatamente lembrei-me da única outra pessoa que eu conhecia que possuía este nome [similaridade]. Era o de uma senhora, que eu conhecera, por ser a mãe de uma amiga [contiguidade]. Esta amiga havia, recentemente, me enviado um *e-mail* [contiguidade], que demandava uma resposta com certa urgência [contiguidade], que eu havia esquecido de enviar [contiguidade].

Deparamo-nos, numa frequência maior do que suspeitamos, com associações de ideias no instante em que percorremos um texto qualquer, que, ao contrário daquelas que se conectam devido à contingência contextual do assunto tratado, evocam outras ideias, deixando ocultas suas conexões. Um exemplo deste tipo de associação está contido em um artigo de jornal que comenta um comportamento trivial do cotidiano. A colunista gastronômica, descrevendo hábitos alimentares, menciona uma atitude corriqueira, ajuntando uma associação que, de um cheiro de uma fruta esquecida fora do congelador, gera, por contiguidade, todo um contexto que, de fato, poderia ocorrer na mente de quem inalasse tal odor: “Se por acaso houver jaca no freezer, é uma pedida porque jaca gelada não tem cheiro, é

sorvete com gosto bom. Mas nunca esquecer de guardar de novo porque o cheiro volta e começa a encher a casa de palmeiras e elefantes e ‘tantam’ de tambores” (HORTA, 2010). Imagens da selva, por contiguidade, são associadas, com humor, ao cheiro silvestre da fruta, dando ao texto uma dose⁹ de comicidade.

A literatura e as artes em geral usam as associações para expressar indiretamente um determinado conteúdo, produzindo, assim, efeitos estéticos especiais. Assuntos censurados são fontes inesgotáveis de citações parabólicas, que procuram burlar a censura, fazendo com que, muitas vezes, a maioria do público também não perceba a menção sutil da temática a que se procurou aludir. Nestes casos, tanto a similaridade (metáfora) como a contiguidade (metonímia) são utilizadas para produzir tais efeitos.

Como exemplos desses recursos, podemos citar, na arte cinematográfica, dois filmes de uma época em que o sexo e o nudismo eram rigorosamente censurados. Num filme de 1946, *Gilda*, de Charles Vidor, há uma cena que se tornou antológica, na qual a personagem central, Gilda (encarnada pela exuberante Rita Hayworth), dança sedutoramente, executando um *streep tease* singular, no qual retira apenas uma longa luva negra e joga para seu público. A carga sensual que existe nesta cena se deve à associação por contiguidade, na qual um braço desnudo evoca o corpo por inteiro. Aquilo que seria interditado pela censura da época foi sugerido metonimicamente, com a parte substituindo o todo. O braço de Gilda, aos poucos desnudado, tornou-se, devido a esta metonímia, um *streep tease* memorável.

Um outro exemplo cinematográfico, que também ilustra uma maneira de ludibriar a censura e que acaba por se tornar uma cena surpreendentemente jocosa, encontra-se no filme de Alfred Hitchcock, *Intriga Internacional*, de 1959. Na última cena, quando Cary Grant levanta Eva Marie Saint, da parte inferior do beliche de um trem, no qual realizavam uma viagem amorosa depois de muitas aventuras perigosas, no instante em que, sentados na cama superior, beijam-se, há um corte para uma cena do trem, penetrando num túnel escuro. Numa época em que a censura cinematográfica determinava que uma cena de sexo não poderia ser nem sequer insinuada nas telas, esta cena, em que há uma penetração no final, denota o uso metafórico de um ato que, driblando a censura, produz uma imagem alegórica, com um final hilariante¹⁰.

⁹ Ao reler este trecho, não pude deixar de pensar que o que me levou a escolher a palavra “dose” no eixo paradigmático, em que também se encontram: “porção”; “cota”; “parcela”; “toque” etc., foi o fato de se tratar de um texto gastronômico, o que, de uma forma sutil, influenciou, devido à contextualização do assunto tratado, na minha escolha do vocábulo usado. Uma associação por contiguidade, portanto.

¹⁰ Os motivos pelos quais assuntos tabus, como o sexo, quando aludidos parabólicamente, através de ditos espirituosos e cenas alegóricas produzem uma reação hilariante, é tema de estudo do trabalho de Freud, *O chiste e sua relação com o inconsciente*.

Na poesia, são inumeráveis os exemplos nos quais as associações por similaridade e por contiguidade produzem, por metáfora e metonímia, respectivamente, o deleite dos leitores, através dos séculos. A música popular, gênero mais difundido da poesia, usa profusamente essas técnicas. Para ficarmos apenas em um exemplo, citamos a letra da música de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, “Folhas Secas”. Logo nos primeiros versos, escutamos: “quando eu piso em folhas secas, caídas de uma mangueira, penso na minha escola e nos poetas da minha Estação Primeira”. A menção refere-se à escola de samba Mangueira, sobre a qual os versos aludem. À primeira vista, trata-se apenas de uma associação por similaridade, porém, antes de a “mangueira” lembrar “Mangueira” – quase uma tautologia –, há uma associação por contiguidade, na qual as folhas secas caídas lembram a árvore às quais pertencem¹¹; uma metonímia, para depois, uma metáfora.

Associações capazes de passar despercebidas como esta da contiguidade da “folha” para a “árvore” à qual pertence, acontecem frequentemente. As associações são, não raramente, sutis demais para serem notadas à primeira vista. Este caráter insinuante faz com que, muitas vezes, deixemos de perceber conexões mentais importantes.

No capítulo seguinte, examinaremos mais detidamente as sutilezas associativas, atentando para a particularidade não consciente de certas ideias que são inferidas a partir de outras, com as quais estão associadas, e são passíveis de serem acessadas pela consciência, como as manhãs de domingo em Combray, da infância do narrador proustiano, que, durante certo período de tempo, manteve-se inconsciente, porém com a sua existência pressentida, devido ao afeto produzido, fruto da sua associação com a *madeleine* embebida no chá.

¹¹ Aqui, podemos aludir à “psicanálise-linguística” de Lacan, que se refere ao significante e ao significado como elementos fundamentais no exame da natureza dos processos mentais. Com base nesta teoria, podemos definir essa associação como um “deslizamento” entre dois significados: “um determinado tipo de árvore” e “o nome de uma Escola de Samba”, frutos de um mesmo significante: “mangueira”. O uso de elementos do vocabulário pertencente à linguística é usual nessa teoria na explanação do funcionamento da mente.

5 A DINÂMICA ASSOCIATIVA DO INCONSCIENTE

Enveredar pelas ideias de Freud é ter que lidar com uma concepção teórica cujo objeto de pesquisa não pode ser examinado *in loco*. A teoria freudiana é fundamentada pelo conceito do “inconsciente dinâmico”, e sua existência bem como seu funcionamento não são passíveis de observação direta. Para que possamos investigar o funcionamento do inconsciente, é necessário que examinemos os efeitos de suas ações, através das suas manifestações, capazes de serem percebidas conscientemente. A conexão entre as ideias inconscientes e os seus representantes conscientes dá-se através da associação de ideias.

A teoria psicanalítica proposta por Freud, objeto de elaboração e reformulações durante toda sua vida, possui como uma de suas premissas a certeza de que as ideias estão constantemente conectando-se umas com as outras. Embora Freud mencione, muito poucas vezes, a expressão “associação de ideias” nos seus escritos, o fato de que o pensamento segue um encadeamento associativo entre as ideias é fundamental para a estruturação de sua teoria.

Podemos considerar a prática psicanalista freudiana como um método investigativo que procura desvendar, no interior da vida mental do indivíduo, o encadeamento de ideias que se associam entre si, partindo-se de uma ideia conhecida – um fenômeno mental qualquer, ou sua expressão corporal –, cuja razão de existir se desconhece e se busca apreender.

Ao longo de uma análise, o analista e o analisante desenvolvem um trabalho, cujo fio condutor é o percurso de uma trilha associativa estabelecida a partir das ideias manifestas na consciência, que podem assumir infinitas configurações. Esta prática leva o nome de “associação livre” e pretende retomar o caminho de volta pelo qual a ideia surgida na consciência percorreu, através de sucessivas associações, desde a sua origem. Para entender este tipo de trabalho, podemos nos reportar ao exemplo, exposto anteriormente, no qual percorremos o caminho de volta, que me levou da percepção da imagem de um rosto de uma pessoa que passava na calçada até a lembrança de que tinha deixado de responder ao *e-mail* de uma amiga. Trata-se da tarefa de refazer a trilha associativa que originou a ideia de que se tem consciência, até a sua origem, ou até aonde se possa alcançar¹².

O que possibilitou a Freud formular uma teoria baseada na certeza de que as ideias não surgem na mente por acaso, mas estão atreladas umas às outras, numa sucessão de causa e

¹² Embora nem sempre seja possível atingir o ponto no qual a cadeia associativa de uma ideia se originou, o conhecimento de algumas etapas do pensamento que construíram esta cadeia já se constitui em material significativo para desenvolver um trabalho analítico.

efeito, foi a sua crença de que há uma sequência lógica na elaboração psíquica. Nada, portanto, acontece por acaso na vida mental.

Nos textos psicanalíticos utilizados neste trabalho, assim como nos demais textos em que Freud se dedica à análise dos fenômenos mentais, constatamos que seu objetivo é sempre “[...] o mesmo: demonstrar a completa determinação de todos os atos da vida psíquica, mesmo os mais triviais e aparentemente destituídos de sentido. Não há lugar para o acaso [na] teoria da psicanálise” (MEZAN, 1989, p.100).

Em um artigo sobre sonhos, dissertando sobre a escolha de uma determinada representação onírica ocasionada por um estímulo externo deliberado, Freud (1976, v.5, p.720) afirma que “[...] não existe coisa tal como determinação arbitrária na mente”. Numa conferência, ele observa que, se pedirmos para alguém, que nada saiba sobre psicanálise, explicar as ocorrências dos atos falhos, ele “certamente” dirá: “nada há para ser explicado”, pois isso não passa de pequenos acontecimentos ao acaso. Mas esta pessoa estaria, com isso, negando a cosmovisão da ciência. Mesmo a cosmovisão da religião se comporta de maneira mais coerente, pois nos dá “[...] a explícita garantia de que nenhum pardal cai do telhado sem a vontade de Deus” (FREUD, 1976, v.15, p.42). Desta forma, ele expõe a sua crença num princípio de causa e efeito para os fenômenos mentais similar àquele existente na física¹³.

Não só as palavras trazem a marca dessa sequência lógica, mas também um gesto ou uma expressão facial estarão ligados a uma ideia na mente de quem os produziu. Para a maioria das pessoas, essa determinação associativa vai de encontro à crença na existência do livre-arbítrio. “Esse sentimento de convicção existe, e não cede diante da crença no determinismo. Como todos os sentimentos normais, deve ter algo que o justifique” (FREUD, 1987, p.219-220). Entretanto, esse tipo de sentimento “[...] não se manifesta nas grandes e importantes decisões da vontade: nessas ocasiões, tem-se antes o sentimento de compulsão psíquica, e de bom grado se recorre a ele”. Para ilustrar, Freud cita a famosa frase de Lutero diante dos representantes da Dieta de Worms, quando se esperava que ele renegasse suas teses protestantes: “aqui me posiciono, não tenho outra escolha” (FREUD, 1987, p.220).

Embora esse tipo de subordinação a uma determinação psíquica seja aceito nas importantes tomadas de decisão, “[...] é justamente nas decisões indiferentes e insignificantes que se prefere asseverar que teria sido igualmente possível agir de outra maneira, que se agiu por uma vontade livre e não motivada” (FREUD, 1987, p.220). Para Freud, não é preciso contestar a convicção no livre-arbítrio. A convicção está correta quando afirma que nem todas

¹³ Ver nota 2 na página 13.

as nossas decisões motoras são motivadas por decisões conscientes. A consciência não se ocupa de pequenas coisas. Mas, se levarmos em conta as motivações inconscientes, veremos que aquilo que foi “[...] liberado por um lado recebe sua motivação do outro, do inconsciente, e desse modo o determinismo na esfera psíquica prossegue ainda sem nenhuma lacuna” (FREUD, 1987, p.220).

O corolário desse sistema teórico, no qual nossas ideias não surgem por acaso, mas se originam a partir de outras, oriundas de nossa própria vida mental, ou captadas, como estímulos, do mundo que nos circunda, terá de ter, como articuladora das conexões entre as ideias, uma concepção associacionista. O mecanismo que possibilita surgir uma ideia a partir de outra que a precede, é respaldado pela associação entre elas.

Freud nunca mencionou Hume nos seus escritos, mas sabemos que a sua concepção associativa tem raízes na filosofia inglesa. Em um texto sobre afasias, de 1891, Freud (1977, p.71, nota 27) manifesta o seu vínculo com o associacionismo inglês, através da alusão às ideias de Stuart Mill. Ao se referir à ligação entre a representação da palavra e a representação de objeto, Freud (1977, p.71, nota 27) afirma que “[...] da filosofia aprendemos [...] que a aparência de uma ‘coisa’ [...] surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa”, e cita as fontes: “S. Mill, *Logik*, I, Cap. III e *An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*”.

O débito de Freud para com Stuart Mill é considerado por alguns comentadores de sua obra como sendo muito mais abrangente do que este mero compartilhamento associacionista. Para Gabbi Jr. (2003, p. 12-13.), por exemplo,

[...] a maneira adotado por Freud – deduzir uma psicologia quantitativa de poucos postulados e das leis psicológicas da associação – segue o programa de investigação de Mill para a psicologia empírica exposta em *System*. [...] a análise psicológica esboçada por Freud segue a análise psicológica tal como ela foi esboçada por Mill.

Por sua vez, como observa Garcia-Roza (1991, p.50), Stuart Mill integra-se a um “[...] grupo de pensadores ingleses que, seguindo a tradição empirista, defende a doutrina associacionista, aproximando-se mais de David Hume”. Mill, ao contrário de alguns pensadores seus contemporâneos, “[...] coloca-se numa posição semelhante à de Hume”. No que concerne à questão das associações, “[...] a fonte inspiradora de Stuart Mill é o *Tratado da Natureza Humana* de Hume e tanto Stuart Mill como Hume são fontes de inspiração para

Freud, embora não seja feita nenhuma referência a Hume no texto sobre as afasias”. De fato, nem em *A interpretação das afasias* nem em qualquer outro texto freudiano há alguma referência a Hume.

Mesmo não tendo explicitado sua adoção das ideias de Hume no seu corpo teórico, Freud pode ter chegado a conhecer as suas concepções sobre a associação de ideias por fontes outras além de Mill, pois foi um leitor sequioso. Em um texto sobre o tratamento analítico, Freud (1976, v.23, p. 278), ao comentar a sua descoberta de que Empédocles o teria precedido teoricamente, em mais de dois mil anos, quanto à teoria da pulsão de morte, afirma que estaria “[...] prontíssimo a ceder o prestígio da originalidade em favor de tal confirmação”. Admite, então, que nunca pôde estar certo, “[...] em vista da ampla extensão de minhas leituras nos primeiros anos, se aquilo que tomei por uma nova criação não constituía um efeito da criptoamnésia”. A “criptoamnésia” de Freud pode ter agido outras vezes durante a sua construção teórica, cujas fontes inspiradoras não tenham sido nomeadas, entre elas, o associacionismo humeano¹⁴.

Embora haja uma diferença funcional entre a associação examinada no livro sobre afasias, que trata da conexão entre a representação objeto e a representação palavra, e o tipo de associação de ideias com o qual nos ocupamos neste trabalho, o arcabouço teórico que rege os dois sistemas tem a mesma fonte teórica.

Além disso, há um outro aspecto teórico importante com o qual Freud compartilha o mesmo ponto de vista que os associacionistas ingleses. O significado que dá ao conceito de “ideia” “[...] tem o sentido que há na filosofia empirista inglesa e particularmente naquela de Locke. É uma unidade discreta da vida mental ligada, de diversas maneiras, a outras unidades semelhantes” (MacINTYRE, 1984, p.34). Este conceito de ideias aproxima a teoria freudiana com o associacionismo de maneira fundamental.

¹⁴ Esse tipo de absorção involuntária de ideias alheias – não confundamos com o deliberado plágio – não é raro nas elaborações teóricas. Mesmo o mais cuidadoso pesquisador, às vezes, sente-se incapaz de precisar até que ponto suas elaborações lhe são próprias ou se são repetições, um tanto quanto modificadas, de ideias anteriormente apreendidas. Qualquer um que lida com a produção de ideias não pode deixar de desejar poder repetir o que nos é dito no prefácio do *Tractatus Logico-Philosophicus*: “[...] não indico fontes porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei” (WITTGENSTEIN, 1993, p.131). De fato, a criptoamnésia é algo mais inquietante do que um pensamento que saibamos que antecedeu ao nosso. Trata-se de não sabermos se aquilo que acreditamos ter produzido intelectualmente não passa de algo que absorvemos da elaboração alheia. Quando articulamos nossas ideias, associamos os conteúdos daquilo que apreendemos através de leituras e escutas com as nossas reflexões sobre este material. Como já vimos, não somos capazes de acompanhar nossas associações passo a passo, portanto, isto pode fazer com que pensamentos de terceiros, associados às nossas reflexões, surjam como se fora fruto de nossa feliz inspiração. Os exemplos de criptoamnésia nas diversas áreas da criação humana são inumeráveis.

5.1 O EQUÍVOCO EXPRESSIVO

Com a finalidade de observar a prática freudiana no exame de um fluxo associativo, partindo de um fenômeno mental percebido conscientemente e com a finalidade de descobrir a causa da sua origem, observaremos a seguir uma investigação efetuada por Freud, objetivando solucionar o motivo pelo qual um nome próprio que lhe era familiar fugira inexplicavelmente da sua lembrança consciente.

No ato falho mais famoso da literatura psicanalítica, Freud narra o esquecimento do nome “Signorelli” durante uma conversa com um companheiro de viagem, em um trem com destino a Herzegovina.

Nessa narrativa, Freud (1987, p.20-21) nos informa que “[...] viajava em companhia de um estranho, indo de Ragusa, na Dalmácia, para um lugar na Herzegovina: nossa conversa voltou-se para o assunto das viagens pela Itália, e perguntei a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto e se vira ali os famosos afrescos pintados por...”. O pintor, cujo nome foi esquecido, era Signorelli, nome bastante familiar para Freud que conhecia bem a pintura renascentista italiana. Esse esquecimento lhe causou estranhamento, fazendo com que percebesse que se tratava de um ato falho.

No seu esforço para se lembrar do nome do pintor, dois outros nomes de pintores, também renascentistas italianos, vieram-lhe à mente, como “nomes substitutos”: Botticelli e Boltraffio. Ele sabia, porém, que nenhum destes era o nome que buscava.

Para entender o porquê desse ato falho, em forma de esquecimento de um nome, foi preciso lembrar-se do assunto que conversara com seu companheiro de viagem pouco antes de fazer-lhe a pergunta sobre os afrescos de Orvieto. A conversa que Freud manteve com seu interlocutor antes de lhe perguntar se já estivera em Orvieto, versava sobre os costumes dos turcos que vivem na Bósnia e na Herzegovina. Freud o informara de que havia aprendido, através de um colega médico que trabalhara no meio dessas pessoas, “[...] que elas costumam ter grande confiança no médico e total resignação ao destino. Quando se é obrigado a lhes dizer que nada pode ser feito por um doente, respondem: ‘*Herr* [Senhor], o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo’” (FREUD, 1987, p.20). Encontramos nesse trecho da conversação, pela primeira vez, as palavras “Bósnia”, “Herzegovina” e “Herr”. Estas palavras fazem associação com “Signorelli”, “Botticelli” e “Boltraffio”. A sonoridade dos dois últimos evoca, por similaridade, “Bósnia”, enquanto “Signorelli” possui uma associação bilíngue: a primeira parte do nome, “Signor”, significa “senhor”. Para Freud, que conhecia o significado dessa palavra em italiano, a expressão, por

contiguidade – pois a correspondência semântica entre palavras de idiomas diferentes pertence ao contexto da transposição linguística –, remete -lhe ao seu correlato em alemão, “Herr”. Primeiro, uma associação por contiguidade e, em seguida, uma, por similaridade.

Para Freud (1987, p.20), “[...] essa seqüência de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia etc.”, perturbou a sequência de ideias que estavam para ser expressas, “[...] por eu ter afastado a atenção dela antes que fosse concluída”. Freud havia tido a vontade de contar outra anedota sobre esses mesmos turcos e que, na sua mente, encontrava-se associada com a primeira. Tratava-se do fato de eles atribuírem uma importância acentuada ao gozo sexual, e que, “[...] na eventualidade de distúrbios sexuais, caem num desespero que contrasta estranhamente com sua resignação ante a ameaça de morte. Certa vez, um dos pacientes de meu colega lhe disse: ‘Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor’”. Esta última anedota é suprimida por Freud quando estava em vias de contá-la, pois não quis “[...] tocar nesse tema numa conversa com um estranho”. Além de suprimi-la da conversação, Freud desviou sua atenção da continuação dos pensamentos que poderiam levá-lo a fixar-se no tema “morte e sexualidade”.

Nessa época, ele encontrava-se sob a influência de uma notícia que recebera, semanas antes, quando se encontrava em Trafoi, uma cidade ao norte da Itália. Ali, ele (1987, p.21) ficara sabendo que um paciente seu, a quem se “[...] havia dedicado muito pusera fim à sua vida por causa de um distúrbio sexual incurável”¹⁵.

Freud (1987, p.21) observa que tinha “[...] certeza de que esse triste acontecimento e tudo o que se relacionava com ele não [lhe] vieram à lembrança consciente durante essa viagem a Herzegovina”. Porém, considera que a semelhança entre “Trafoi” e “Boltraffio” obriga-o “[...] a supor que essa reminiscência, apesar de [sua] atenção ter sido deliberadamente desviada disso, passou a atuar [nele] na época [em que essa conversação teve lugar]”.

Esse esquecimento tinha um significado. Tratava-se de uma palavra familiar, que não poderia fugir tão fragorosamente da lembrança, sem um motivo que explicasse esta deserção; um ato falho, portanto. Isto quer dizer que aquele esquecimento tinha uma razão de ser, algo que interferia na economia psíquica.

Neste ponto, vale a pena salientarmos que o motivo do esquecimento não estava ligado à pessoa do pintor renascentista, mas a algo que se associava com o seu nome. Esse deslocamento entre o assunto que o incomodava – e que, portanto, deveria manter-se longe da

¹⁵ Podemos imaginar o efeito devastador de uma notícia dessas para Freud, que ambicionava legar ao mundo um método eficaz, capaz de amenizar os sofrimentos impostos pelas vicissitudes da vida.

consciência – e a palavra capaz de associar-se obliquamente com este, faz com que esta seja expulsa da memória. O mecanismo de esquecimento, ao isolar da consciência um conteúdo, evita também o aparecimento de qualquer símbolo linguístico que com ele possa vir a associar-se¹⁶. Para Freud (1987, p.20), este lapso de memória constituiu-se em “[...] um caso de *perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu*”. “Signorelli” foi perturbado porque “Herr” o antecedeu perigosamente. Para impedir que “Herr” retornasse à cena, o mecanismo psíquico que suprime o perigo do desprazer para o “eu”, impediu o aparecimento de “Signorelli”.

Para um melhor entendimento da ação que se passa no psiquismo durante esse processo do ato falho, é necessário que compreendamos a estrutura da mente segundo a teoria freudiana.

Na construção de sua teoria, Freud concebeu uma topologia dividida em diferentes regiões psíquicas que englobassem os diferentes processos mentais atuantes no fenômeno da elaboração dos pensamentos. Dessa forma, surgiu uma primeira topologia, contendo regiões mentais, onde as ideias que circulam na mente sofriam diferentes tratamentos. Com a evolução de suas ideias, Freud sentiu necessidade de alterar esse esquema topológico. O primeiro deles, conhecido entre os psicanalistas como “Primeira Tópica”¹⁷, abrange o período no qual as primeiras obras teóricas foram determinadas, justamente aquelas que lançaram as bases da teoria psicanalítica e são analisadas neste trabalho.

A evolução do pensamento de Freud deu-se de uma maneira tal que suas novas ideias nunca promoveram uma ruptura teórica definitiva com aquelas que as antecederam. Dessa forma, “[...] é falso pensar que existem rupturas radicais no pensamento de Freud de tal maneira que, a partir de um determinado momento, a teoria deveria ser repensada em moldes totalmente diferentes” (MONZANI, 1989, p.301).

¹⁶ Utilizando-nos da referência linguística da psicanálise lacaniana, podemos afirmar que a questão do esquecimento não estava ligada ao significado daquilo que “Signorelli” poderia aludir, mas ao próprio significante “Signorelli”, através das possíveis conexões que este poderia compor com outros significantes, gerando, a partir destes últimos, novos significados. O significado de “Signorelli”, pintor renascentista italiano, autor das “Quatro Últimas Coisas”, etc., permanecia inalterado na memória de Freud. Daí a falta de sentido na especulação de alguns comentadores que pretendem apontar o conteúdo sexual das pinturas de Signorelli como motivo para o esquecimento do seu nome por Freud.

¹⁷ Essa denominação, embora estabelecida nos textos de comentadores da teoria freudiana, “[...] é uma versão equivocada para o alemão *Topik* (um “falso amigo”, como dizem os tradutores), pois em português ele designa o ramo da medicina que se ocupa dos remédios tópicos, aqueles cuja ação se dá no local em que são aplicados” (nota do tradutor em: FREUD, 2010, p.110).

Embora a “Segunda Tópica” tenha substituído, a partir de certo período, a topologia anterior nos textos freudianos, a Primeira Tópica nunca foi considerada como incorreta na explicação dos textos para os quais serviu de suporte teórico. Ocupar-nos-emos dessa tópica, portanto, nos exames das exposições teóricas efetuados neste trabalho.

Na Primeira Tópica, o Inconsciente Dinâmico, local das ideias rejeitadas – recalçadas – pelo “eu” consciente, é denominada “Inconsciente” (Inc), enquanto o “eu” divide-se em “Consciente” (Cs) e “Pré-consciente” (Pcs). No Consciente, encontram-se as ideias que ocupam o “eu” no presente, enquanto, no Pré-consciente, encontram-se todas as ideias que, embora não estejam ocupando a Consciência no momento, poderão ser resgatadas pela memória a qualquer instante. Algumas dessas ideias, por serem mais familiares, possuem uma facilidade maior de aflorarem à consciência do que aquelas raramente acessadas. Um ato falho de esquecimento de nomes caracteriza-se como tal pelo fato de que o nome esquecido faz parte do conjunto de nomes familiares, constituintes do Pré-consciente, aptos, portanto, para serem acessados pela consciência a qualquer instante. Por exemplo, nosso próprio nome ou o nome da cidade onde moramos. Para maior entendimento, neste último caso, se, por alguma razão, passarmos a morar numa cidade, cujo nome desconhecíamos até as vésperas, logo nos primeiros dias dessa nova morada não teremos tanta familiaridade assim com este nome. Portanto, o seu esquecimento não nos trará algum espanto. O esquecimento de um nome caracterizar-se-á como um ato falho quanto mais espantoso for o fato de o termos esquecido.

Freud compôs um esquema, em forma de rébus, que nos ajuda a entender as conexões associativas que entraram em jogo na construção desse ato falho:

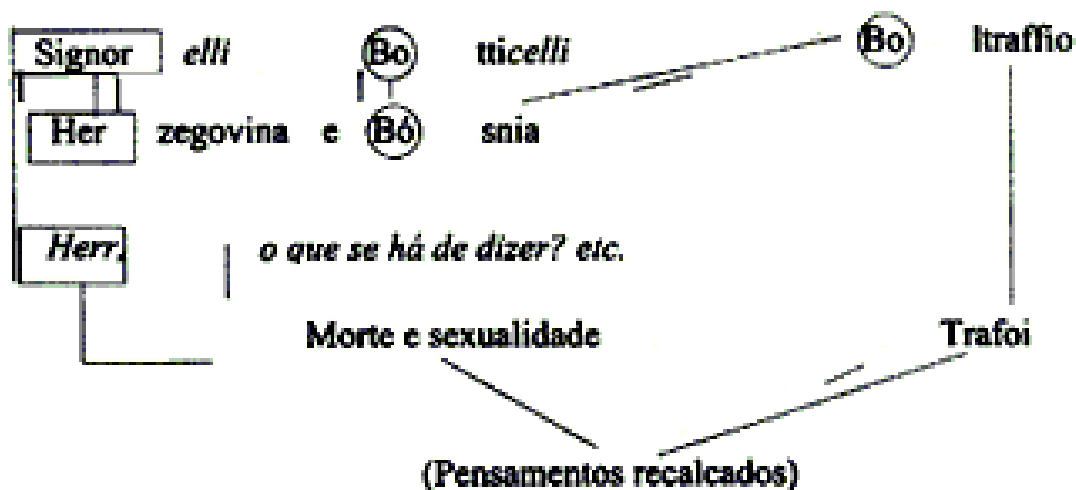


Figura 1 – Representação do esquema do ato falho “Signorelli”.
Fonte: Freud (1987, p.22).

Os nomes substitutos produzem algumas informações sobre o mecanismo do lapso. Há mensagens, por assim dizer, entre as regiões topológicas da mente freudiana. O Pré-consciente, através de mensagens cifradas, como é próprio em um rébus, transmite ao Consciente informações que este não é capaz de entender no momento em que se produz a comunicação.

Nesse processo, o Pré-consciente comunica ao Consciente duas mensagens significativas. Através de “Botticelli”, a seguinte mensagem cifrada é transmitida: “[...] aí está a única parte do nome procurado que pode ser acessado conscientemente: ‘elli’”, pois, no nome “Signorelli”, esta terminação é inócua, não contendo o risco associativo que existe em “Signor”. Da mesma forma, “Boltraffio” comunica: “[...] o motivo pelo qual o nome procurado não pode ser encontrado é para que não venha à tona a notícia recebida em Trafoi”¹⁸. Ambos os nomes trazem mais uma informação, através das suas duas primeiras letras: o nome do pintor está interdito de surgir à consciência devido a sua conexão com o assunto ligado aos turcos que habitam a Bósnia.

Essas mensagens, entretanto, só se tornam inteligíveis *a posteriori*. No momento do lapso, nada pôde ser inferido a partir dos signos nelas contidos. As associações entre os nomes dos dois pintores substitutos e aquele recalcado só puderam ser desvendadas depois que o nome Signorelli já era de conhecimento da Consciência. A natureza do material que representa, por associação, uma idéia recalcada é tal que não é possível à consciência solucionar a mensagem enigmática à primeira vista. Caso essa decodificação fosse exequível, estas representações seriam também recalcadas, pois seriam, elas próprias, assim como “Signorelli”, vínculos mnêmicos capazes de fazer aflorar a idéia proibida.

Podemos conjecturar o que aconteceria se Freud tivesse submetido os nomes Botticelli e Boltraffio ao processo de associação livre logo em seguida ao lapso. Teria sido ele capaz de chegar à “Signorelli”, ao invés de ter de descobri-lo através de informação de terceiros?

¹⁸ O motivo pelo qual, ao mesmo tempo em que “Signorelli” é impedido de acessar à consciência, esta receba mensagens que lhe comunicam, embora enigmaticamente, informações sobre o tema proibido, é o mesmo que faz com que os sonhos produzam, também em forma de rébus, informações que são proibidas de aflorarem ao Consciente. Trata-se do “retorno do recalcado”: uma tendência inconsciente, devido à economia psíquica, de fazer com que os pensamentos recalcados afluam à consciência, ainda que em forma de enigmas. Decifrar estes últimos é o trabalho psicanalítico por excelência. Uma rápida explicação torna compreensível esse impulso psíquico: os pensamentos recalcados ocupam uma parte restrita do psiquismo. Estão aí, analogamente ao ar que se comprime numa dessas bexigas usadas nas festividades. Sabemos, por experiência, que o ar, assim “reprimido”, tende a escapar em toda ocasião que lhe surja uma oportunidade. Esta é a tendência do desejo recalcado. Podemos dizer figurativamente que *ele almeja expandir-se por toda a mente*. Porém, para que não se tenha a falsa impressão de que há uma intenção inconsciente, é necessário que se diga que o desejo força sua expansão psíquica da mesma forma que uma mola comprimida força a sua volta ao seu estado original. Não há em ambos os casos “vontade” ou “intenção”.

O jogo associativo desse esquecimento, seguido de falsas memórias, dá-se entre o Pré-consciente e o Consciente, mas a influência do Inconsciente permeia todo o evento, funcionando como investidor econômico, que, calcado no Princípio do Prazer, impede que o terapeuta, ansioso por se tornar um grande nome na história da psicologia, depare-se com uma lembrança que simboliza sua impotência. Essa castração também se faria entrever na ideia, passível de associação com o tema da morte do paciente, de sua própria falência sexual e morte.

Seria altamente instrutivo se pudéssemos conhecer toda a conexão associativa pela qual os pensamentos de Freud transcorreram entre o momento em que desistiu de comunicar ao seu interlocutor a segunda história, concernente aos turcos, e a escolha do novo tema da conversação: os afrescos de Orvieto. É admissível supor que este assunto tenha sido imposto como tema pelo mesmo fluxo associativo que conectou “Signorelli” a “Herr”, aos turcos, à sexualidade e à morte. O mecanismo mental, responsável pela conexão que obriga o esquecimento do nome do pintor, terá que ser também o mesmo responsável pela escolha do novo tema que abriga um final faltoso. Para se ser fiel ao determinismo mental, tal como Freud estabelece, o novo tema não surgiria do nada, mas teria de ser designado por um fluxo de ideias que o antecedeu.

“Signorelli” não seria, portanto, apenas um agente passivo impossibilitado de ser rememorado conscientemente, mas, além disso, o agente responsável pela escolha do novo tema depois que o tema “por demais delicado” foi descartado. Em outras palavras, é plausível que, por associação, o tema “impotência e morte”, contido tanto no tema da conversa precedente, sobre os turcos da Bósnia e Herzegovina, quanto na notícia recebida em Trafoi, incapaz de assumir à consciência, tenha associado-se ao nome “Signorelli”, devido à sua conexão com “Herr”, que, por sua vez, estava associado ao tema proibido, produzindo, assim, o tema novo: “os afrescos de Orvieto”, pois este tema mantinha em pauta o tema proibido, embora a conexão entre eles, a palavra “Signorelli”, não fosse capaz de obter acesso ao Consciente.

Os atos falhos ocorrem com mais frequência do que pode parecer para aquele que se defronta com a teoria freudiana pela primeira vez. No seu livro *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud nos remete a centenas de exemplos, compilados por ele e seus colaboradores. Eu, particularmente, selecionei um bom número, ao longo da vida, alguns, dignos de menção. Abaixo, relatarei aquele que mais me parece ilustrativo.

Há uma década, num domingo, no início da tarde, eu estava preparando uma aula de psicanálise que deveria ministrar nos próximos dias, quando, num breve intervalo, pesquisei

alguma coisa na Internet e deparei-me com o nome de um restaurante, que eu sabia pertencer a três astros hollywoodianos. Consegui lembrar-me do nome de dois deles, mas o terceiro, mais famoso – embora péssimo ator – não me vinha à memória. Percebi logo que se tratava de um ato falho. Foi fácil pesquisar e descobrir o seu nome: Stallone. Levei algum tempo procurando o sentido do lapso. Algumas explicações surgiam à mente, mas não satisfaziam. Não havia afeto envolvido nelas. Separei o nome em partes e obtive: Sta//llone. Procurei entender o que significava cada segmento, até que percebi que havia a formação de uma frase bilíngue na sonoridade deste nome: sta, soa como “está”, enquanto que a segunda parte, recebendo o som “á”, que reverbera no seu início, soa como “alone” [“só” ou “sozinho” em inglês]. “Está sozinho” era uma frase por demais desprazerosa para mim naquele momento, em que havia afastado da lembrança a espera ansiada, que naquela altura parecia infrutífera, por uma pessoa que deveria me fazer companhia, mas que se encontrava bastante atrasada para o encontro.

O princípio do prazer fez-me esquecer do nome do ator. Quando me dei conta do sentido do ato falho, o prazer de decifrá-lo encobriu qualquer desprazer que eu poderia ter naquele momento. Nada como uma atividade intelectual para reparar as agruras do mundo sensível¹⁹.

Nesse ato falho, a primeira associação, por similaridade sonora, é evidente. A segunda, assim como o “Signorelli” freudiano, é uma associação bilíngue, mas, enquanto a palavra recalçada em Freud continha uma parte de um nome que não deveria aflorar à consciência, pois daria início a uma cadeia associativa que finalizaria por trazer à tona uma ideia angustiante, o meu esquecimento referia-se a um nome que trazia em si uma frase completa, capaz de comunicar, por si só, um estado de espírito, momentaneamente esquecido, capaz de provocar desprazer.

¹⁹ Veio-me à mente, a partir desse trecho, “como que surgida do nada”, a lembrança de Platão. Uma associação por contiguidade, a partir dos dois mundos – o “das ideias” e o “sensível”.

5. 2 O RÉBUS ONÍRICO

O livro de Freud *A Interpretação dos Sonhos* foi publicado em outubro de 1899, porém a edição exibia 1900 como data de sua publicação, para adiantar-se ao novo século que se avizinhava. Para muitos, esta é a obra maior da teoria freudiana e, no prefácio da terceira edição inglesa, Freud afirma: “Uma percepção como esta ocorre apenas uma vez na vida” (Apud JONES, 1989, v. 2, p. 352).

Ernest Jones (1989, v.2, p.352) comenta: “[...] certa vez perguntei-lhe quais eram suas obras preferidas e ele retirou das prateleiras *A interpretação dos Sonhos* e os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, dizendo: ‘Espero que esta logo esteja obsoleta, por ter aceitação geral, mas esta durará muito mais’”.

O ‘Livro dos Sonhos’, como é denominado informalmente entre os psicanalistas, trouxe ao mundo as ideias psicanalíticas de uma forma inusitada. Ao mesmo tempo em que assustou o público, ao tratar de um tema até então considerado supersticioso, projetou as ideias psicanalíticas na “normalidade”, com a sua publicação,

[...] uma coisa é certa: a psicanálise deixou de estar confinada à patologia (o que isto quer dizer está longe de ser claro. Mas era claro na época de Freud: ele achava que não o acusariam mais de elaborar teorias que não tinham interesse para as pessoas sãs). A segregação psiquiátrica ficava assim um pouco atenuada. A intenção de Freud não era exatamente essa, mas teve esse efeito. O mecanismo que está na base dos sacrifícios humanos – a imputação daquilo que o sujeito rechaça – é posto a nu e a barreira – a “censura” ou a “defesa” – vai se erguer no interior de cada um. (MANNONI, 1993, p.71).

Para a comunidade psicanalítica, trata-se de um livro “[...] insubstituível, não somente pelo que nos ensina sobre o sonho, mas por aquilo que nos diz sobre o funcionamento integral do aparelho psíquico [...]” (BONNET, 1987, p.137). O capítulo sétimo desse livro pode ser considerado como o texto fundamental para o entendimento das bases teóricas do freudismo.

Neste trabalho, iremos privilegiar a maneira pela qual Freud desenvolve o método de decifração do material onírico, revelando o texto original, do qual é uma escrita cifrada. Desta forma, nos deteremos no método da tradução do sonho – uma formação do inconsciente –, na ideia que o originou, procurando identificar o processo associativo que o constitui.

A análise dos sonhos vem a ser uma maneira bastante ilustrativa do trabalho investigativo da teoria freudiana, na qual um grupo de representações ideativas é traduzido, buscando obter-se o pensamento que o originou. Neste tipo de trabalho, podemos acompanhar

o trabalho analítico de Freud naquilo que lhe é mais peculiar: a versão de um elemento simbólico, constituído de uma forma enigmática, numa linguagem que lhe dá sentido.

Na introdução ao sexto capítulo da *Interpretação dos Sonhos*, Freud (1976, v.4, p. 295-296), expõe uma síntese de sua concepção da maneira pela qual o “sonho manifesto” – aquilo que lembramos de ter sonhado – deve ser analisado para que se possa chegar aos “pensamentos latentes” – ideias inconscientes recalçadas – que lhe deram origem. Esse método parte do princípio de que tanto os pensamentos inconscientes quanto o sonho manifesto são duas versões diferentes de um mesmo texto. As ideias inconscientes, interditas de aflorarem à consciência, encontram uma maneira de se fazer presentes no Consciente através de mensagens cifradas. Para podermos conhecer o conteúdo das ideias originais, é preciso que tratemos o material onírico como um pictograma (ou rébus) que precisa ser decodificado²⁰.

Embora, nesse texto, Freud se refira especificamente aos sonhos, as informações aqui contidas podem servir para explicar também a maneira pela qual as ideias inconscientes transformam-se nos atos falhos e nos sintomas psicopatológicos, em suma, em tudo aquilo que se costuma chamar de “Formações do Inconsciente”.

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. (FREUD, 1976, v.4, p.295-296).

Os sonhos são transcrições de pensamentos em um modo de expressão, sobre a qual ignoramos os caracteres e a sintaxe. Para descobrirmos o significado dessa mensagem cifrada, precisamos comparar o “original e a tradução”. A questão é que a tradução nos é dada em forma daquilo que sonhamos, mas o que devemos fazer para obtermos o “original”? Como transpor esse pictograma “para a linguagem dos pensamentos do sonho”? Freud nos informa

²⁰ É importante percebermos a equivalência que existe entre o sonho manifesto e outra formação do inconsciente com a qual nos deparamos anteriormente: as falsas lembranças que surgiram para Freud quando se esforçava por lembrar-se do nome do pintor dos afrescos de Orvieto: Botticelli e Boltraffio. Neste caso, também esses nomes surgiram como mensagens cifradas, que continham informações sobre o nome que estava impedido de aflorar à consciência, como também sobre o motivo deste impedimento.

que esta transposição deve ser feita individualmente para cada caractere. Estes não devem ser lidos pelo seu valor pictórico, mas sim “de acordo com a sua relação simbólica”. Mas que “relação simbólica” é essa?

O que apreenderemos, se atentarmos para a natureza da relação entre “o original e a tradução”, é que as ideias do primeiro associam-se, conforme os princípios associativos já examinados, com as ideias da última. O “outro modo de expressão”, que consiste no material sonhado, guarda uma proporção, por assim dizer, símbolo a símbolo, com os “pensamentos oníricos” devido ao fato de que cada um dos símbolos de um associa-se com uma ideia correspondente do outro.

Freud (1976, v.4, p.296) nos dá um exemplo hipotético:

Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeças feito de figuras, um rébus. Ele retrata uma casa com um barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, a figura de um homem correndo, com a cabeça misteriosamente desaparecida, e assim por diante. Ora, eu poderia ser erroneamente levado a fazer objeções e a declarar que o quadro como um todo, bem como suas partes integrantes, não fazem sentido. Um barco não tem nada que estar no telhado de uma casa e um homem sem cabeça não pode correr. Ademais, o homem é maior do que a casa e, se o quadro inteiro pretende representar uma paisagem, as letras do alfabeto estão deslocadas nele, pois esses objetos não ocorrem na natureza. Obviamente, porém, só podemos fazer um juízo adequado do quebra-cabeças se pusermos de lado essa crítica da composição inteira e de suas partes, e se, em vez disso, tentarmos substituir cada elemento isolado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro. As palavras assim compostas já não deixarão de fazer sentido, podendo formar uma frase poética de extrema beleza e significado.

Cada elemento desse rébus está associado a “uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro”. Significando: cada representação desse quadro enigmático, liga-se associativamente a uma ideia, podendo representar uma palavra inteira ou um fragmento dela²¹.

Freud (1976, v.4, p.296) finaliza, explicando por que, até então, ninguém foi capaz de interpretar corretamente os sonhos:

²¹ Mais uma vez, o exemplo das palavras substitutas na memória de Freud, impedido de lembrar-se de “Signorelli”, serve para ilustrar essa afirmação. Em ambos os casos: “Botticelli” e “Boltraffio” portavam o fragmento “Bo”, que não chega ser uma sílaba, de Bósnia. “Bo”, portanto, constituiu-se no “elemento isolado” do rébus, cuja significação – “os turcos que habitavam a Bósnia Herzegovina” – representa o motivo pelo qual “Signorelli” não pode aflorar à consciência. Da mesma forma, “elli” de “Botticelli” é um elemento isolado que significa: “este é a única parte do nome do pintor que pode aflorar à consciência”. Como também, o “traffio” de “Boltraffio” é um “elemento isolado” que, por sua semelhança sonora com “Trafoi”, significa: “o motivo do impedimento da lembrança do nome do pintor é a notícia recebida em Trafoi”.

O sonho é um quebra-cabeças pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor.

As representações componentes do rébus devem ser tratadas como uma ideia associada a outra, componente da mensagem original. Para ilustrar, observemos o seguinte rébus:



Figura 2 – Modelo de Rébus.

Fonte: Adaptação do Autor.

Um “dois”, seguido por uma “abelha”, seguida por um “remo”, seguido por um “nó”, seguido, mais uma vez, por um “dois”, seguido, por fim, por mais uma “abelha”. O que isso poderá significar? Associemos cada elemento isolado desse rébus a uma sílaba ou palavra e teremos: “duas abelhas, remo, nó, duas abelhas”. Uma frase que não nos remete a nenhum sentido. Aqui, se faz necessário que descubramos a língua do rébus. Tratando-se de um sonho, equivale a sabermos o que significa cada imagem da mensagem pictórica para aquele que o sonhou. Nesse caso, precisamos saber qual a linguagem na qual o rébus foi construído; em outras palavras, qual a língua usada para criptografar o sonho manifesto. Cada elemento do rébus terá um sentido que diz respeito ao sujeito do sonho, isto é, àquele em cuja mente o sonho manifestou-se. Não deve ser confundido com a pessoa que sonhou, mas “sujeito” quer dizer a pessoa naquele instante da sua vida mental, envolvido nas sutis gradações que determinam a sua singularidade momentânea. Resulta daí que o mesmo sonho sonhado em diferentes instantes poderá trazer significados distintos para o mesmo indivíduo.

No caso do nosso rébus, apreendemos que a língua na qual foi cifrada é o inglês. Isso nos dá: “*two bee oar knot two bee*”, cuja sonoridade está associada, por similaridade, àquela de “*to be or not to be*”, o que forma “uma frase poética de extrema beleza e significado”.

Freud considera o trabalho da elaboração onírica como sendo um processo que transforma o pensamento latente em sonho manifesto. Nesse trabalho, deve-se levar em conta que cada representação presente no sonho é um símbolo que representa uma ou várias ideias do pensamento latente, que, na sua forma original, não poderia aflorar à consciência. Temos sempre de levar em conta que todo símbolo representado no sonho deve ser decodificado de acordo com o significado que ele possui para o sujeito que o sonhou. Uma interpretação que pretenda traduzir as representações constantes do sonho manifesto a partir de significados coletivos, ignorando o sentido que o sonhador dá para cada fragmento do conteúdo onírico, estará equivocado, pois “[...] é um erro considerar que a psicanálise freudiana interessa-se essencialmente com os símbolos coletivos. Mesmo quando ele evoca os símbolos típicos, Freud nos lembra que estes geralmente têm diversos significados” (LEAR, 2006, p.147).

O primeiro sonho interpretado por Freud foi um sonho que ele próprio sonhou, no verão de 1895, durante as férias, numa estação de veraneio, num subúrbio de Viena, chamada Bellevue. Embora a casa onde Freud dormiu para sonhar esse sonho primevo não mais exista, no local, porém, há hoje uma placa de mármore que informa:

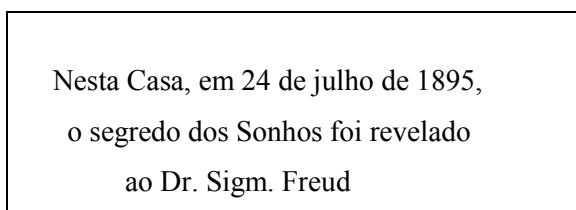


Figura 3 – Placa em Viena: Bellevue.
Fonte: Freud (1976, v.4, p.130, nota 1).

Esse sonho ficou conhecido como o “sonho da injeção de Irma”. Nele há muito material íntimo e Freud avança na sua interpretação até onde lhe é dado expor-se.

[...] embora Freud tenha feito um relato esmerado, metódico, aparentemente exaustivo dessa interpretação, ele é fragmentário. Depois de remontar cada elemento onírico em separado até suas origens na experiência próxima e distante, Freud se interrompe: “Não vou pretender que desvelei completamente o significado deste sonho ou que sua interpretação não tem falhas. Eu ainda poderia me estender longamente sobre ele, extrair maiores elucidacões e discutir novos enigmas que ele lança. Pessoalmente conheço as passagens a partir das quais poderiam se seguir outros raciocínios; mas considerações que surgem em todos os sonhos de nós mesmos impedem-me o trabalho de interpretação”. De fato, parte do que Freud confessou publicamente soava muito pouco louvável; assim, nada mais justo do que um mínimo de privacidade. (GAY, 1989, p.90).

Ficamos, portanto, com uma interpretação incompleta do sonho, porém, aquilo que é obtido através do “trabalho de análise”, que, a partir do conteúdo manifesto, desvela o pensamento latente, já é bastante esclarecedor sobre a maneira pela qual a mensagem enigmática do sonho é decifrada.

O conteúdo manifesto desse sonho nos é relatado:

Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo. – Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” – Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. – Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. – Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apesar do vestido.)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada. Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa. (FREUD, 1976, v.4, p.115).

Embora esse material onírico tenha sido analisado em todas as suas partes, nos deteremos apenas em alguns dos elementos isolados para examinar a natureza da associação de ideias neles encontrada.

Algumas informações adicionais sobre os personagens do sonho se fazem necessárias. Freud havia tratado uma amiga de sua família, que nessa análise toma o nome de Irma. Ela possuía sintomas histéricos de ansiedade e de perturbações corporais. Na época do sonho, os sintomas psicológicos tinham melhorado sensivelmente, porém os sintomas corporais persistiam. Nessa época, Freud ainda considerava que uma análise chegava ao seu fim quando

ele relatava para o paciente a razão dos seus sintomas. O tratamento de Irma terminara quando Freud lhe propôs uma “solução”, que não foi aceita pela paciente.

No dia anterior ao sonho, Freud recebeu a visita do seu amigo, também médico, Otto, que estivera recentemente com a família de Irma. Freud, então, lhe perguntou pelo estado da paciente. A maneira como Otto respondeu soou para Freud como uma reprovação pela forma como este havia conduzido o tratamento. À noite, antes de deitar-se, Freud escreveu o relato do caso de Irma para submetê-lo ao Dr. M., um médico experiente, a quem Freud confiava alguns de seus casos²². Ao dormir, esse assunto lhe ocupava a mente.

Os acontecimentos da noite em que o sonho manifesta-se são bastante significativos. Este tipo de material, responsável pela deflagração do sonho é denominado de “resto diurno” ou “pensamento diurno”²³. Para Freud (1976, v.4, p.116), “[...] esse sonho tem uma vantagem sobre muitos outros. Ficou logo claro quais os fatos do dia anterior que haviam fornecido seu ponto de partida”. A determinação dos restos diurnos é fundamental para um bom início de análise do sonho.

A seguir, apresentamos excertos da interpretação desse sonho:

- Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo.

Freud encontrava-se hospedado em uma casa muito grande, com largos salões. O dia do aniversário da sua esposa aproximava-se, e Irma era esperada entre os convidados. O sonho previa um encontro que se sabia prestes a acontecer. Estes são parte dos “restos diurnos” do sonho: a preocupação de Freud com o encontro, que aconteceria dentro de alguns dias, com a paciente que, de alguma forma, simbolizava seu fracasso terapêutico.

²² Sabe-se que este personagem do sonho foi o Dr. Josef Breuer, célebre colega de Freud, que o informou sobre o método catártico, através da narração do caso clínico de Anna O., tida como a primeira paciente da psicanálise. Devido a isso, Freud considerou Breuer como o criador da psicanálise, atribuição que mais tarde irá rejeitar.

²³ Esses acontecimentos recentes – que podem ser, inclusive, reflexões sobre algum fato passado – servem para fornecer material do conteúdo onírico, porém não são suficientes para produzir o sonho. A força propulsora deste vem do desejo inconsciente, que se imiscui no material diurno, gerando seus significados mais relevantes, mas, por outro lado, enigmáticos, pois se trata de pensamentos recalçados, que só podem aflorar se não forem identificados pelo “eu” consciente. Freud nos oferece uma analogia para ilustrar essa agregação entre o pensamento diurno e o desejo inconsciente: “O pensamento diurno pode perfeitamente desempenhar o papel de *empresário* do sonho; mas o empresário, que, como se costuma dizer, tem a idéia e a iniciativa para executá-la, não pode fazer nada sem o capital; ele precisa de um *capitalista* que possa arcar com o gasto, e o capitalista que fornece o desembolso psíquico para o sonho é, invariável e indiscutivelmente, sejam quais forem os pensamentos do dia anterior, *um desejo oriundo do inconsciente*”. (FREUD, 1976, v. 5, p.597).

- No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua”.

Freud dirige-se, ansiosamente, a Irma tentando imputá-la o erro do não sucesso do tratamento. Tinha medo do que ela simbolizava. Mais uma vez, há aí a preocupação da noite do sonho – resto diurno –, Freud havia preparado antes de dormir um histórico do caso da paciente, para enviar para o amigo M., tentando inocentar-se do insucesso terapêutico.

- Irma parecia pálida e inchada.

Esta não era uma característica desta paciente. Há aqui uma condensação do material onírico. A Irma do sonho conecta-se com mais alguém das relações de Freud para compor uma representação múltipla. Somos informados de que a sua esposa lhe parecera inchada em certa ocasião. Duas pessoas em uma só. A figura onírica é construída a partir da associação, por contiguidade, de dois elementos que se confluem numa figura fundida, que representa duas ideias, quando parece estar representando apenas uma.

Por que a senhora Freud? Freud não entende a alusão, pois sua esposa não era o tipo de pessoa que ele gostaria de ter como paciente. O motivo do seu aparecimento no sonho deveria ser outro, mas não somos informados qual. Freud (1976, v.4, p.119) justifica-se, falando do “umbigo do sonho”, seu termo para significar “[...] um ponto em todo sonho no qual ele é insondável [...], seu ponto de contato com o desconhecido”.

- Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo.

Freud nunca havia examinado “a cavidade bucal de Irma”. O exame do sonho o fez lembrar um exame que efetuara numa governante, que lhe parecia “um quadro de jovem beleza”, mas, ao abrir a boca, “tomou providências para ocultar suas chapas”. Sobre esta governanta “de jovem beleza” não ficamos sabendo o motivo de estar nesse sonho, no qual a sexualidade – conforme veremos abaixo – permeia, porém, embora não devamos interpretar os sonhos dos outros, não pudemos deixar de sermos visitados por pensamentos, oriundos de associações – que, como já vimos, se processam involuntariamente –, que nos indicam a

presença de um possível desejo sexual do sonhador pela governanta da casa. Mas, tão logo nos damos conta desse pensamento tão herético, procuramos afastá-lo da mente.

A maneira pela qual Irma postou-se à janela “[...] me fez de repente recordar outra experiência. Irma tinha uma amiga íntima de quem eu fazia uma opinião muito elevada. Quando visitei essa senhora certa noite, encontrei-a perto de uma janela na situação reproduzida no sonho” (FREUD, 1976, v.4, p.118). Mais uma vez, a figura de Irma associa-se com a de outra pessoa, ao imitar-lhe uma postura corporal. Tratava-se de alguém de quem Freud tinha “uma opinião muito elevada”. Uma moça que ele supunha que “também fosse histérica” e que “muitas vezes me entretivera com a idéia de que também ela pudesse pedir-me que a aliviasse de seus sintomas” (1976, v.4, p.118). Tratava-se do desejo de Freud de ter essa dama como paciente, ao invés de Irma, que se concretizava no sonho. Desejo que se realiza através de uma associação por contiguidade e similaridade. A amiga (referência contextual), que também é histérica, torna-se personagem do sonho, quando Irma posiciona-se junto à janela, assumindo o lugar e a postura da outra. A identidade de uma ocupa o lugar da outra, quando uma associação dá-se pela semelhança postural. Essa amiga de Irma lhe parecia também mais inteligente e teria aceitado a sua “solução”, se estivesse no lugar dela. Além disso, “[...] teria sido mais sensata, isto é, teria cedido mais depressa. Assim, teria *aberto a boca como devia* e me dito mais coisas do que Irma” (FREUD, 1976, v.4, p.119).

- Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado.

A palidez era uma característica do Dr. M., porém as duas outras tinham de ser conferidas a outra pessoa. Freud as associou com o seu irmão mais velho, também pálido, cujo rosto era escanhado. Ele havia tomado conhecimento recentemente de que este seu irmão, que morava na Inglaterra, estava puxando de uma perna devido a uma infecção. Percebeu, então, que tinha “[...] razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão, que, não havia muito, fizera-lhes” (FREUD, 1976, v. 4, p.120).

Dr. M. e o irmão mais velho amalgamavam-se em uma só representação. Há aqui uma associação, baseada na similaridade do estado de espírito de Freud para com os dois personagens. Eles se combinam no sonho, formando uma figura única, devido à similaridade do afeto que Freud nutria pelos dois à época. Estão representados pela ocupação profissional

de um deles, a palidez de ambos e o claudicar, mais o rosto escanhado – o médico usava barba – do outro.

Podemos perceber que as representações da formação do Inconsciente – neste caso, o sonho manifesto, representando o pensamento latente – aparecem à consciência como pictograma de um rébus. Um Dr. M, que não tem barba e claudica, está representando algo mais do que apenas o Dr. M.. Para sabermos o que significa este algo mais, precisamos saber em que língua está criptografado este rébus. Ele está transcrito na simbologia que diz respeito ao sujeito Freud, naquele instante de sua vida psíquica.

O *rosto escanhado*: Freud achava seu irmão parecido com o Dr. M. Sem a barba, esta aparência evidenciava-se. O *claudicar*: o irmão de Freud, conforme este ficara sabendo dias antes, deveria estar claudicando ao andar. O motivo para estar de *mau humor* com ambos os assemelha, associando-os, por similaridade, em uma só representação.

Tanto Irma como Dr. M. representam, no sonho manifesto, mais de uma ideia do inconsciente recalcado. Esta forma condensada de representação distorce a mensagem, que, desta maneira, é liberada para acessar a consciência, ao mesmo tempo em que faz com que o sonho manifesto possua menos conteúdo do que as informações que se podem inferir dele. Neste sonho, a condensação assume dois tipos de configurações. Numa delas, a representação associa-se com outras, por contiguidade, pondo-se no contexto delas; na outra, associando-se por similaridade, ao reunir características comuns de diferentes representações.

Nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar “Irma” apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de “Irma”, que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferi para *ela*, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me *delas*.

Existe outro meio pelo qual se pode produzir uma “figura coletiva” para fins de condensação onírica, ou seja, reunindo-se as feições reais de duas ou mais pessoas numa única imagem onírica. Foi assim que se construiu o Dr. M. de meu sonho. Ele trazia o nome do Dr. M., falava e agia como ele; mas suas características físicas e suas doenças pertenciam a outra pessoa, ou melhor, a meu irmão mais velho. Uma característica única, seu aspecto pálido, fora duplamente determinada, uma vez que era comum a ambos na vida real. (FREUD, 1976, v.4, p.312-313).

- Um preparado de propil, propilos... ácido propiônico...

Na noite do sonho, antes de escrever a história do caso, a esposa de Freud abria uma garrafa de licor, na qual aparecia a palavra “Ananas”, que possuía uma grande semelhança com o nome de família de Irma. Este licor tinha sido presente de Otto. “O licor exalava um cheiro tão acentuado de álcool amílico que me recusei a tocá-lo” (FREUD, 1976, v.4, p.124). O cheiro do álcool amílico trouxe à lembrança a sequência: propil, metil, explicando o preparado “propílico” no sonho. “É verdade que efetuei uma substituição no processo: sonhei com propilo depois de ter cheirado amila. Mas as substituições dessa natureza talvez sejam válidas na química orgânica” (FREUD, 1976, v.4, p.124).

- Trimetilamina. (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres).

No sonho, essa fórmula química aparecia em negrito “[...] como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. Para que era, então, que minha atenção deveria ser assim dirigida pela trimetilamina?” (FREUD, 1976, v.4, p.125). Freud faz aqui associação com uma conversa com seu amigo Fliess – “que exerceu grande influência sobre Freud” (FREUD, 1976, v.4, p.125, nota do editor). Esse amigo “[...] há muitos anos se familiarizara com todos os meus escritos, durante a fase em que eram gerados, tal como eu me familiarizara com os dele. Na época, ele me havia confiado algumas idéias sobre a questão da química dos processos sexuais e mencionara, entre outras coisas, acreditar que um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina” (FREUD, 1976, v.4, p.125).

Freud se dá conta de que a sexualidade estava presente no sonho. A fórmula da trimetilamina funcionava como um indicador da presença da sexualidade no contexto. Sendo que a sexualidade era um fator importante na atribuição da origem “[...] dos distúrbios nervosos cuja cura era o meu objetivo” (FREUD, 1976, v.4, p.125). Tanto Irma quanto a sua amiga, que a ela se associava no sonho como a paciente desejada, eram jovens viúvas. Freud, então, começa a perceber a razão pela qual a fórmula de trimetilamina recebia um lugar de destaque no sonho:

Numerosos assuntos importantes convergiam para aquela única palavra. A trimetilamina era uma alusão não só ao fator imensamente poderoso da sexualidade, como também a uma pessoa cuja concordância eu recordava com prazer sempre que me sentia isolado em minhas opiniões. Com certeza esse amigo, que desempenhou papel tão relevante em minha vida, deveria reaparecer em outros pontos desses fluxos de pensamentos. Sim, pois ele

tinha um conhecimento especial das conseqüências das afecções do nariz e de suas cavidades acessórias, e chamara a atenção do mundo científico para algumas notáveis relações entre os ossos tribunais e os órgãos sexuais femininos. (Cf. as três estruturas recurvadas na garganta de Irma.) Eu tomara providências para que Irma fosse examinada por ele, para ver se suas dores gástricas poderiam ser de origem nasal. Mas ele próprio sofria de rinite supurativa, o que me causava angústia; e houve sem dúvida uma alusão a isso na piemia que me ocorreu vagamente em relação às metástases do sonho. (FREUD, 1976, v.4, p.125-126).

A fórmula de trimetilamina que, por associação, representa “sexualidade”, dá ao sonho um sentido que o abarca. Todo o conteúdo do sonho pode, assim, estar envolvido por esse tema, cujo representante, a fórmula química, aparece em negrito, “[...] como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. Para que era, então, que minha atenção deveria ser assim dirigida pela trimetilamina?” (FREUD, 1976, v.4, p.125). Aquilo que ficou de fora, portanto, na análise desse sonho, deve possuir um teor sexual, que, Freud não quis e não poderia revelar. Ficam por conta das especulações daqueles inúmeros investigadores do desejo freudiano, as tentativas de converter em “material proibido” as lacunas deixadas na interpretação desse sonho.

A pedido do editor do ‘Livro dos Sonhos’, Freud escreveu, na segunda metade de 1900, um resumo deste livro. Esta síntese é conhecida, entre nós, como “Sobre os Sonhos”. Nesse texto, Freud analisa um sonho que não é comentado em nenhum outro lugar de sua obra. Este sonho foi sonhado por Freud alguns poucos dias antes da feitura do resumo e serve para ilustrar o método de análise do material onírico nesta obra.

Esse sonho é conhecido como “o sonho da *table d’hôte*”. Pretendemos examiná-lo de uma forma diferente daquela que usamos na “Injeção de Irma”; de uma maneira mais direta e sucinta. Começamos pela anunciação do pensamento latente, material recalcado, que só pode aflorar à consciência distorcido, como toda formação do inconsciente. Como todo desejo inconsciente, este é regido pelo Princípio do Prazer e caracteriza-se pela sua natureza infantil. O conteúdo desse desejo pode ser expresso como sendo: “não quero ter que pagar por nada daquilo que recebo”, ou ainda, “quero que tudo que me caiba seja de graça”. O sonho manifesto traduziu-se da seguinte forma:

Um grupo de pessoas à mesa ou ‘table d’hôte’ ... comia-se espinafre ... A Sra. E. L. estava sentada a meu lado; voltava toda a sua atenção para mim e pôs a mão em meu joelho de maneira íntima. Retirei-lhe a mão, impassível. Então ela disse: ‘Mas o senhor sempre teve olhos tão bonitos.’ ... Vi então a

imagem indistinta de dois olhos, como se fosse um desenho ou o contorno de um par de óculos... (FREUD, 1976, v. 5, p.674).

Como já vimos, o conteúdo do sonho manifesto é sempre menor do que aquele do pensamento latente, ao contrário do que aqui apresentamos: um pensamento, em forma de desejo, bem menor do que o sonho manifesto. A razão disso é o fato de que o que apresentamos como pensamento latente é aquilo que resume o desejo do sonho. Porém, para chegarmos a ele, teremos de acompanhar a análise de Freud do material sonhado, componente por componente, e a sua interpretação das ideias que se associam para compor o resultado final. São essas ideias, que compõem o percurso associativo entre o conteúdo onírico e o pensamento do sonho, que compreendem o conteúdo integral do pensamento latente. O desejo, conforme o apresentamos, contendo apenas uma frase, é a síntese da ideia geradora das várias associações que se articularam para fazer esse intrincado enigma que é o sonho manifesto.

Freud empreende a tarefa de associar livremente, deixando que as ideias associadas a cada fragmento do sonho participem da construção da sua decodificação. Para isso, ele anota “[...] sem qualquer premeditação ou crítica, as associações que se ofereceram à minha auto-observação” (FREUD, 1976, v.5, p.674). Como constatamos, é aconselhável, para esse fim, dividir o sonho em seus elementos e descobrir separadamente as associações ligadas a cada um desses fragmentos.

Um grupo de pessoas à mesa ou *table d'hôte*²⁴, e isto o remete à noite imediatamente antes do sonho. Ele saíra de um jantar com um amigo que se oferece para deixá-lo em casa. Pegam um táxi e, assim que a bandeira é baixada, aparece no taxímetro o valor de sessenta *hellers*, o que faz com que Freud (FREUD, 1976, v.5, p.675) comente: “Mal entramos e já lhe devemos sessenta *hellers*”. Em seguida, comenta que carros com taxímetro sempre lhe lembram a *table d'hôte* e que isto o torna avarento e egoísta, pois está sempre lembrando o que deve. “Minha dívida parece crescer depressa demais e fico com medo de levar a pior, da mesma maneira que, na *table d'hôte*, não consigo evitar um sentimento cômico de que estou recebendo muito pouco e tenho de ficar de olho em meus próprios interesses” (FREUD, 1976, v.5, p.675). Em seguida, cita Goethe: “Ihr führt ins Leben uns hinein / Ihr lasst den Armen schuldig werden” (Vós nos conduzis à vida; Vós tornais a pobre criatura culpada).

²⁴ Mesa coletiva de restaurante, cujo preço das refeições é rateado entre os comensais (Nota do tradutor brasileiro, 1976, v.5, p. 675).

A *table d'hôte* evoca outra associação: algumas semanas antes, em viagem com sua esposa, estavam à mesa de um hotel. Ele aborreceu-se com ela por estar dando mais atenção às pessoas de outra mesa do que a ele. Pediu-lhe, então, que se ocupasse mais dele do que com os estranhos. Isto o faz sentir-se também como se “estivesse levando a pior na *table d'hôte*”. Chama-lhe a atenção o contraste entre o comportamento da moça no sonho, que lhe dispensa toda atenção, e o comportamento que sua mulher tivera à mesa. Em seguida, percebe que o sonho reproduzia também outro episódio, acontecido na época em que ele e a esposa ainda estavam no início do namoro. Ele lhe havia entregado uma carta amorosa e ela, em resposta ao seu conteúdo, durante um almoço de família, fez-lhe uma carícia por debaixo da mesa. No sonho, sua mulher havia sido substituída pela Sra. E. L., que se tratava da filha de “um homem com quem estive certa vez em débito” (FREUD, 1976, v.5, p.676). Àquela altura, as associações do material onírico com as lembranças de Freud traziam à tona conteúdos que não estavam presentes no sonho manifesto. Trata-se aqui da ação associativa utilizada pela “elaboração onírica” para produzir a mensagem enigmática, na qual um sonho consiste. É isto, portanto, que Freud considera como sendo sempre muito mais extenso do que o sonho manifesto: o caminho associativo pelo qual o pensamento latente trilhou para obter as matérias com as quais o sonho foi erigido. “Quando se segue a cadeia de associações que parte de um elemento do conteúdo do sonho, logo se é reconduzido a outro de seus elementos” (FREUD, 1976, v.5, p 676).

Freud, a seguir, nos lembra que, quando esperamos que as pessoas cuidem de nossos interesses sem receber nada em troca, podemos provocar a pergunta desdenhosa: “Você acha que vou fazer isto pelos seus belos olhos?”. Desta forma, o que foi dito pela Sra. E. L.: “O senhor sempre teve olhos tão bonitos”, teria por significado: “As pessoas sempre fizeram tudo por você por amor; você sempre teve tudo *sem pagar por isso*”. Nesse ponto, Freud nos assegura que, ao contrário, ele na vida sempre teve de pagar caro por todas as coisas que lhe foram concedidas. O fato de ter sido levado para casa pelo amigo que pagou o táxi, causou-lhe uma forte impressão.

Continuando com as associações, Freud remete-nos ao fato de que o amigo em cuja casa havia jantado na noite do sonho, “[...] muitas vezes me fez seu devedor. Não faz muito tempo, deixei passar uma oportunidade de reembolsá-lo”. À guisa de reembolso, Freud lhe havia ofertado um presente: uma terrina antiga com olhos pintados ao redor, que é conhecida como um “occhiale”, para afastar o mau-olhado. Esse amigo era cirurgião dentista.

“Nessa mesma noite, perguntei-lhe por uma paciente que eu lhe havia encaminhado para consulta, para que lhe receitasse óculos” ²⁵ (FREUD, 1976, v.5, p.677).

Comia-se espinafre: isto o fez lembrar-se de algo que ocorrera há pouco tempo à mesa de sua casa, quando um de seus filhos recusou-se a comer espinafre. Freud lembra que também, quando menino, não gostava de espinafre. “Minha própria meninice e a de meu filho foram assim reunidas pela menção desse prato” (FREUD, 1976, v.5, p. 677). Na ocasião, a mulher de Freud repreende o filho, dizendo-lhe que este deveria ficar feliz por ter espinafre para comer, já que havia muitas crianças que gostariam muito de poder comer este prato. Nesse momento, as palavras de Goethe ganharam novo sentido, como se estivessem sendo dirigidas para os pais.

Um ponto significativo é a afetação do sonho. Freud (1976, v.5, p.675) afirma que “[...] o processo onírico não se fez acompanhar de afetos de qualquer espécie”. Isto é válido para o sonho manifesto, porém, à medida que as associações vão revelando o material através do qual o sonho foi construído, ele dá-se conta “de impulsos afetivos intensos e bem fundados” (FREUD, 1976, v.5, p.678).

Ao ser elaborado, o sonho tem de se despir dos afetos envolvidos no seu conteúdo para poder, assim, passar pela censura do “eu”. As ideias com as quais o pensamento latente se associa, são ideias inócuas, capazes de aflorarem à consciência sem causar desprazer. Não é sempre assim, há os sonhos de ansiedades, os pesadelos e até mesmo sonhos aterrorizantes. Esses, porém, são exceções, nas quais a entidade que aplica a censura na fronteira entre o “eu” e o Inconsciente foi incompetente para desempenhar suas funções devidamente.

Nesse sonho, os pensamentos que surgiram através das associações efetuadas por Freud, “[...] enquadraram-se imediatamente em cadeias lógicas em que certas representações centrais apareciam mais de uma vez. Assim, os contrastes entre ‘egoísta’ e ‘altruísta’ e entre os elementos ‘estar em débito’ e ‘receber sem pagar’ foram representações centrais desse tipo, que não figuraram no próprio sonho” (FREUD, 1976, v.5, p.678).

Àquela altura, Freud recusa-se a avançar na análise do material do sonho “[...] e mostrar então que eles convergem para um único ponto nodal, mas certas considerações de natureza pessoal, e não científica, impedem-me de fazê-lo em público”. Afirma que não está disposto a tornar públicas questões que devem permanecer em segredo, “[...] pois, no caminho

²⁵ Freud deixa de chamar a atenção para o fato de que sempre que se encaminha um paciente a um amigo que ganha a vida com atendimentos, faz-se isto como um favor, que, como tal, naturalmente, espera-se ganhar algo em troca. Ao perguntar ao amigo pela paciente, Freud, sutilmente, estava-lhe informando: “Veja que, se não lhe pago a dívida, ao menos o estou ajudando a ganhar mais”, ou coisa que o valha. Assim como, ao ofertar o “occhiale”, o encaminhamento da paciente era uma forma de tentar pagar a dívida de forma enviesada. Era, portanto, uma forma de não pagar a dívida, enquanto empregava paliativos.

de minha descoberta da solução do sonho, revelou-se toda sorte de coisas que eu não estava disposto a admitir sequer para mim mesmo” (FREUD, 1976, v.5, p.678). Não podemos esperar de ninguém que exponha publicamente aquilo que escondia de si mesmo, e que foi forçado a admitir ao perscrutar seus pensamentos secretos.

Apesar disso, Freud retoma a esse sonho algumas páginas depois. Afirmar que, durante a análise do sonho,

[...] esbarrei no seguinte pensamento: “Às vezes eu gostaria de conseguir alguma coisa sem pagar”. Com essa forma, porém, o pensamento não poderia ser empregado no conteúdo do sonho. Por isso, recebeu uma nova formulação: “Eu gostaria de gozar de alguma coisa sem despesas [‘Kosten’].” Ora, a palavra “Kosten”, em seu segundo sentido, adequa-se ao círculo de representações da “table d’hôte” e, portanto, pôde ser representada no “espinafre” servido no sonho. Quando em casa aparece à mesa um prato que as crianças recusam, a mãe começa por tentar a persuasão e insiste em que “provem [‘Kosten’] só um pouquinho”. Talvez pareça estranho que o trabalho do sonho se sirva tão livremente da ambigüidade verbal, mas outras experiências nos ensinarão que essa é uma ocorrência bastante comum. (FREUD, 1976, v.5, p.689-690).

O trabalho do sonho – elaboração onírica – usou, para elaborar o fragmento da mensagem “não pagar”, a ambigüidade verbal existente (em alemão) na palavra ‘kosten’, que tanto pode significar ‘provar’ quanto ‘custar’. Dessa forma, o prato de espinafre servido na *table d’hôte*, por contextualização, associa-se à criança, que era Freud e agora é seu filho, que não gosta de comer este prato; por sua vez, esta situação associa-se, no mesmo contexto, com a mãe que recomenda “prove”, o que provoca uma associação, devido à contigüidade entre os dois sentidos que se utilizam da mesma palavra, com “custar”, que vem a ser um fragmento da frase constituinte do pensamento latente. No rébus shakespeariano que examinamos acima, esta ação equivale-se àquela que traduziu a figura do remo em “oar”, seu equivalente linguístico na língua na qual o rébus foi elaborado, que, por sua vez, associa-se, por similaridade sonora, com a palavra “or” (ou), fragmento da mensagem original à qual queremos chegar.

Tudo isso salta aos olhos como complicado demais, podendo gerar ceticismo naqueles que se deparam com a teoria da interpretação dos sonhos pela primeira vez. Porém, se atentarmos para as cadeias associativas complexas, através das quais simples pensamentos nos chegam à consciência, como que saídos do nada, e que, como vimos nos capítulos precedentes, constituem as nossas lembranças corriqueiras do dia a dia – da mesma forma, também, como os heróis dos contos policiais se utilizaram do método associativo para inferir,

a partir da análise do encadeamento de gestos e expressões, o pensamento que passava pela mente de seus companheiros –, perceberemos que a “elaboração onírica” utiliza-se do mesmo recurso com o qual já estamos familiarizados, para construir suas representações do sonho manifesto, que se afiguram tão bizarras e sem nenhum sentido aparente. Assim como o rosto da moça que passava na calçada, e que foi vislumbrado por mim enquanto estava na direção de um automóvel, significou “o *e-mail* que deixei de enviar”, o espinafre servido na *table d’hôte* gerou a significação: *desejo não ter de pagar por aquilo que recebo*. Mensagens que se obtêm quando se efetua a decodificação dos caracteres dos textos recebidos naqueles contidos nos textos de origem.

O que acabamos de refletir sobre a elaboração dos sonhos também é válido para os outros dois tipos de “formações do inconsciente”, atos falhos e sintomas neuróticos. A maneira pela qual os pensamentos recalcados se transformam nos nossos lapsos do dia a dia e nos rituais e atitudes neuróticas, capazes de nos atormentar a vida, é análoga àquela com a qual as ideias se encadeiam em nossas mentes, fazendo surgir novas representações com as quais nos ocupamos conscientemente, sem perceber o encadeamento associativo que as engendraram; conforme nos familiarizamos nos primeiros capítulos deste trabalho.

Para tomarmos mais uma vez um exemplo conhecido, o nome substituto “Botticelli”, que surge na consciência de Freud, quando ele se esforçava infrutiferamente para se lembrar do nome do pintor que compôs os afrescos das “Quatro Últimas Coisas” na catedral de Orvieto, é fruto não só da associação de ideias sobre os costumes dos turcos que habitavam a Bósnia e a Herzegovina, mas também do fragmento do nome do pintor – “elli” – que tinha permissão da censura para aflorar à consciência. Em um dos exemplos do primeiro capítulo, o pensamento que surge à consciência da minha amiga, durante a caminhada ao pôr do sol, lembrando-a de que havia-se esquecido de alimentar os gatos, foi fruto da associação da representação do sol que se punha, assim como da recomendação de sua filha sobre a necessidade de alimentar os gatos. Assim como ela não foi capaz de dar-se conta da cadeia associativa que produziu a lembrança do seu esquecimento, Freud não foi capaz de vislumbrar o encadeamento associativo que gerou o aparecimento de “Botticelli” na sua consciência. Caso tivesse sido capaz dessa percepção, teria chegado ao nome que procurava, mas, como vimos ao analisar esse ato falho, o nome substituto lhe vem à mente exatamente por não haver percepção consciente entre ele e as associações de ideias que o articulam.

Voltando ao sonho da *table d’hôte*, Freud faz uma última alusão a ele. Pergunta qual teria sido o instigador – resto diurno – do sonho. Em seguida, responde:

Foi o evento decididamente insignificante de meu amigo ter-me oferecido *uma corrida de táxi gratuita*. A situação da *table d'hôte* no sonho continha uma alusão a essa causa precipitante banal, pois, em minha conversa, eu havia comparado o taxímetro a uma *table d'hôte*. Mas posso também apontar a vivência importante representada por essa vivência trivial. Alguns dias antes, eu desembolsara uma considerável soma em dinheiro em favor de um membro de minha família que me é querido. Não surpreende, diziam os pensamentos oníricos, que essa pessoa se sentisse grata a mim: um amor desses não seria “gratuito”. O amor gratuito, porém, ficou em primeiro plano nos pensamentos oníricos. O fato de, não muito antes, eu ter feito diversas *corridas de táxi* com o parente em questão tornou possível que a corrida de táxi com meu amigo me lembrasse de minhas ligações com essa outra pessoa.

A impressão indiferente que se torna instigadora do sonho graças a esse tipo de associações está sujeita a uma outra condição que não se aplica à verdadeira fonte do sonho: ela deve ser sempre uma impressão *recente*, que provenha do dia do sonho. (FREUD, 1976, v.5, p 695-696).

“A verdadeira fonte dos sonhos” é o desejo inconsciente recalcado, interdito de aflorar à consciência. A corrida de táxi de Freud com seu amigo é o instigador do sonho – resto diurno –, mas também é uma representação associada, ficamos sabendo, com um fato importante para o sujeito que deseja não ter de pagar pelo que recebe. O “querido membro da família” cobra-lhe pelo amor que lhe dedica. O sonho diz isto ao associar as “diversas corridas de táxi” (*table d'hôte*) com o *kosten* (espinafre). Uma rede associativa que dá voltas. As diversas corridas de táxi com o parente investem na corrida de táxi da noite do sonho com afeto, tornando esta última suficientemente significativa para deflagrar o sonho.

Ao nos depararmos com a análise desse sonho, com sua mesa de refeições e sua mola propulsora, que consiste no desejo de que se possa usufruir de um amor pelo qual nada se dê em troca, não conseguimos nos furtar à ideia que nos vem à mente, associada por contiguidade: “não existe almoço grátis”. Frase bastante citada hoje em dia (geralmente em inglês), para chamar a atenção daquilo que o sonho de Freud tenta subverter, na sua busca desesperada pela realização do desejo: “nada é de graça neste mundo”.

A seguir, contemplaremos a análise que Freud efetuou de um sonho de uma paciente, que, ao narrá-lo, afirmava ser uma refutação à regra de que os sonhos são realizações de desejos. Tratava-se de uma jovem que, antes de descrever o sonho, lembra ao analista:

“Como o senhor deve estar lembrado, minha irmã só tem agora um menino – Karl; ela perdeu o filho mais velho, Otto, quando eu ainda morava com ela. Otto era meu favorito; de certa forma, eu o criei. Também gosto do menorzinho, mas, é claro, nem de longe tanto quanto gostava do que morreu. Então, ontem à noite, sonhei que *via Karl morto diante de mim. Estava deitado em seu caixãozinho, com as mãos postas e velas a seu redor – de*

fato, exatamente como o pequeno Otto, cuja morte foi um golpe tão forte para mim. Agora me diga: que pode significar isso? O senhor me conhece. Será que sou uma pessoa tão má a ponto de desejar que minha irmã perca o único filho que ainda tem? Ou será que o sonho significa que eu preferiria que Karl estivesse morto, em vez de Otto, de quem eu gostava muito mais?” (FREUD, 1976, v. 4, p.162).

Freud assegura à paciente que esta última interpretação estava fora de cogitação. Não nos explica, porém, a razão dessa asseveração. Informa-nos, a seguir, que, após uma breve reflexão, foi capaz de interpretar corretamente o sonho, mais tarde confirmado pela paciente. Ele estava “[...] familiarizado com toda a história prévia da autora do sonho” (FREUD, 1976, v.4, p.162). Tratava-se de uma moça que fora morar com a irmã depois que ficara órfã, e que ajudava na casa como criada. Apaixonou-se por um amigo da família, um professor de literatura, com quem se tencionava casar-se, mas este “[...] desenlace feliz foi reduzido a cinzas pela irmã [...]” (FREUD, 1976, v.4, p.163). Depois que romperam, esse amigo deixou de frequentar a casa, e a única ocasião em que ele apareceu foi durante a vigília do corpo do sobrinho dessa moça, quando ela também já não morava com a irmã. Ela relata o fato a Freud, quando ele a está questionando, com a intenção de obter mais material para a interpretação desse sonho: “[...] o professor veio visitar-nos de novo depois de uma longa ausência e eu o vi mais uma vez ao lado do caixão do pequeno Otto” (FREUD, 1976, v.4, p.163). Na véspera do sonho, ela havia informado a Freud que o professor iria a um concerto, e que ela estava pensando em ir também, para vê-lo mais uma vez, embora ela lutasse internamente contra este desejo. O concerto seria nessa mesma noite em que o sonho foi relatado e analisado. Freud interpretou o sonho da seguinte maneira:

“Se o outro menino morresse agora, aconteceria a mesma coisa. Você passaria o dia com sua irmã, e o Professor certamente viria apresentar seus pêsames, de modo que você o veria mais uma vez nas mesmas condições que na outra ocasião. O sonho significa apenas seu desejo de vê-lo mais uma vez, um desejo contra o qual você vem lutando internamente. Sei que você tem na bolsa uma entrada para o concerto de hoje. Seu sonho foi um sonho de impaciência: antecipou em algumas horas a visão que você vai ter dele hoje”. (FREUD, 1976, v.4, p.162).

A paciente não sentira “dor nem pesar” ao ver o segundo sobrinho morto no sonho. A razão disto é que o sonho “[...] disfarçava seu desejo de ver mais uma vez o homem por quem estava enamorada e seu afeto tinha que estar de acordo com o desejo e não com o disfarce. Dessa maneira não havia ocasião para pesar [...]”. (FREUD, 1976, v.5, p.495). O deslocamento do afeto sofre neste sonho um efeito curioso. A falta de afeto no sonho é

resultante da anulação de duas ações contrárias que se defrontam: a primeira, a morte do sobrinho, a segunda, o encontro desejado. Como o segundo fato precisa ficar oculto da consciência, o afeto que deveria desencadear, anula-se, ao se deparar com a cena escolhida pela elaboração onírica, uma “[...] situação em que tais desejos costumam ser suprimidos, na situação em que se está tão repleto de tristeza que não se tem nenhum pensamento amoroso” (FREUD, 1976, v.4, p.163).

O sonho também representou a morte real do sobrinho mais velho, pois “[...] foi uma réplica exata [...]” desta situação. A escolha dessa representação deve ter sido por esta estar carregada de significados perturbadores, porque “[...] é bem possível que, mesmo na situação real, junto ao caixão do menino mais velho a quem ela amara ainda mais, talvez ela não tenha podido suprimir seus ternos sentimentos pelo visitante que estivera ausente por tanto tempo” (FREUD, 1976, v.4, p.164).

O que nos chama a atenção sobre esse sonho é que ele se resume num rébus de uma figura só. A representação que ilustra o sonho manifesto é: o menino “[...] deitado em seu caixãozinho, com as mãos postas e velas a seu redor – de fato, exatamente como o pequeno Otto [...]” (FREUD, 1976, v.4, p.162). Tudo que precisamos apreender dele são os pensamentos que o construíram, através de associações de ideias. São esses pensamentos que são tratados na discussão da análise do sonho. Foram eles que construíram a rede associativa que engendrou o sonho. A figura onírica do sobrinho na posição similar àquela do seu irmão durante o velório, anos antes, associa-se ao encontro carregado de afeto que tivera, pela última vez, com o homem desejado. O que temos aqui é uma representação onírica produzida por uma associação por similaridade, em que o irmão mais novo assume a posição do irmão mais velho em uma ocasião em que – associação por contiguidade (no tempo) – houve o aparecimento do homem desejado. O desejo de revê-lo por parte da sonhadora é rechaçado, por isso mesmo transforma-se em material capaz de investir o resto diurno – o bilhete para o concerto onde o professor poderá ser encontrado – em sonho manifesto.

5. 3 O SINTOMA DESEJANTE.

O mote freudiano de que “o sonho é a realização de um desejo” tende a eclipsar uma formulação não menos verdadeira, a de que também o sintoma neurótico, assim como o ato falho, é uma representação de um desejo que não pode ser admitido na consciência, devido ao seu caráter subversivo. Assim como as outras duas formações do inconsciente, o sintoma é também uma mensagem cifrada. “Os sintomas neuróticos têm, portanto um sentido, como as

parapraxias [atos falhos] e os sonhos, e, como estes, têm uma conexão com a vida de quem os produz” (FREUD, 1976, v.16, p.306). Esta “conexão” constitui-se na associação de ideias entre a representação sintomática e o pensamento recalcado. Trata-se, portanto, do fato de que o sintoma é também um rébus que deve ser decifrado, levando-se em conta a “gramática” pessoal daquele que o produz.

O sintoma neurótico é, entre as demais formações do Inconsciente, a meta principal das investigações psicanalíticas. O sonho e o ato falho são, na verdade, instrumentos utilizados para entender melhor a sua razão de existir. O seu entendimento e, por fim, a sua substituição por uma forma mais sadia de lidar com os desejos inconscientes, são os objetivos últimos da prática analítica.

Ao examinarmos os sonhos e os atos falhos, tivemos a oportunidade de verificar alguns aspectos da teoria do funcionamento do aparato psíquico segundo Freud. Alguns pontos, entretanto, talvez não tenham ficado suficientemente compreensíveis. Alguns conceitos freudianos são por demais sofisticados e necessitam mais do que uma breve descrição para que se tenha um bom entendimento da sua natureza. Um deles é o Princípio do Prazer. Para entendê-lo adequadamente, é necessário que acompanhamos alguns exemplos das ações efetuadas sob a sua influência. Para ilustrar, iremos acompanhar o relato de um “equivoco na ação”²⁶ realizado por uma dama vienense.

Tratava-se de uma senhora “[...] de um meio burguês, casada, com três filhos [...]”. Certo dia, ao passar por uma rua que estava em conserto, tropeçou em um monte de pedras, caindo e ferindo-se no rosto. Temendo algum problema maior com os olhos, ela procurou um médico, que calhou ser Freud. Este a perguntou de que forma tinha ocorrido o acidente. Ela então lhe falou que havia avisado para o seu marido que tivesse cuidado ao andar por aquela rua, e comentou que já haviam acontecido casos como este, em que, depois de prevenir alguém sobre um determinado perigo, de maneira muito estranha, aquilo acontecia com ela. Freud, insatisfeito com “essa determinação do acidente”, pergunta-lhe se não teria algo mais para contar. Ela diz que, bem antes do acidente, vira um quadro bonito numa loja do outro lado da rua. Determinada em comprá-lo, dirigiu-se para a loja, sem olhar para o chão. Foi quando tropeçou no monte de pedras, batendo o rosto no muro da casa, “sem esboçar a menor tentativa de se proteger com as mãos”. Freud não se contém e questiona:

²⁶ Freud classificou os vários tipos de atos falhos em diferentes categorias, denominando-os como tal. Na prática, hoje em dia, classificamos todos os equívocos provenientes da ação do desejo recalcado – que se constituem em formações do Inconsciente – como “atos falhos”.

“Mas por que a senhora não prestou mais atenção?” perguntei. — “Bem”, respondeu ela, “talvez tenha sido um *castigo*... por causa daquela história que lhe contei em confiança.” — “Com que então essa história tem continuado a afligi-la tanto assim?” — “Sim, depois me arrependi muito; achei que fui má, criminosa e imoral, mas naquela época eu estava quase louca com meu nervosismo.”

Tratava-se de um aborto que ela fizera com o consentimento do marido, já que, dada a sua situação financeira, o casal não queria ter mais filhos. O aborto fora iniciado por uma curandeira e tivera de ser concluído por um médico especialista.

“Muitas vezes me repreendo pensando ‘mas você mandou matar seu filho!’, e me angustiava pensar que uma coisa assim não podia ficar sem castigo. Agora que o senhor me garantiu que não há nada de mal com meus olhos, fico muito descansada: de qualquer modo, já fui *suficientemente punida*.”(FREUD, 1987, p.165-166).

Trata-se, portanto, de uma formação do inconsciente, e, como tal, fundada no Princípio do Prazer. Ela não suportava mais conviver com a culpa pelo crime cometido, portanto, tudo que sofreu no acidente “[...] foi uma autopunição, de um lado para expiar o crime dela, mas de outro também para escapar a um castigo desconhecido, talvez muito maior, ante o qual ela se angustiara continuamente por meses a fio” (FREUD, 1987, p.166). O acidente impede um desprazer maior do que os arranhões no rosto: um sentimento de culpa esmagador e a tensão pela iminência de um castigo terrível ²⁷.

O conceito do Princípio do Prazer não é fácil de ser assimilado. Para começar, saibamos que, como o sujeito é dividido, o prazer nem sempre será proporcionado ao sujeito integral, e, quando o for, trata-se de um prazer efêmero, que em breve cobrará um preço alto demais.

Ao mesmo tempo em que as ações ativadas por esse princípio proporcionam prazer ou evitam desprazer no momento presente, podem ocasionar situações futuras desastrosas. O esquecimento de uma ida ao dentista – um ato falho –, que evita o desprazer iminente da torturante cadeira, poderá transformar-se no sofrimento proveniente de uma cárie dolorosa. O Princípio do Prazer interessa-se apenas com o “agora”. Não há algum tipo de racionalidade no Inconsciente. Nele, o desejo impera soberano. Se o preço pelo prazer ou pela fuga ao desprazer for um maior desprazer no futuro, não importa a esse princípio, que enfoca o seu interesse exclusivamente na satisfação imediata do desejo. Há, sem dúvida, atitudes conscientes que são movidas inteiramente por esse princípio. Talvez a melhor ilustração de

²⁷ É claro que, dessa queda, poderia advir algo mais desprazeroso do que aquilo que ela sentia. Um ato falho desse tipo é um pulo no escuro. Suas consequências não podem ser previstas. Aliás, não há nenhuma previsão, pois não há planejamento no Inconsciente.

uma atitude desta natureza narrada na literatura clássica seja a troca que Esaú faz da sua primogenitura pelo prato das lentilhas de Jacob: “de que me serve o meu direito de primogenitura, se estou morrendo de fome agora?”.

O Inconsciente é calcado²⁸ na infância. O infante é inconsequente. O Inconsciente é a criança que carregamos conosco ao longo da vida, despertando sempre os desejos mais desajuizados possíveis. O juízo só é observado, quando o é, na consciência, que funciona sob o domínio do Princípio da Realidade.

Ao considerarmos a senhora que teve o seu rosto ferido para escapar do desprazer de um sentimento de culpa, podemos vislumbrar aquilo que fornece ao sintoma neurótico a sua força motriz. A instalação de um sintoma também obedece ao princípio do prazer, embora se trate de um fenômeno desagradável, gerador de desprazer, e, por isso mesmo, o motivo da procura por um trabalho psicanalítico. Porém, numa análise não se curam sintomas, pois sabemos que eles são as representações de um desejo recalado e sua válvula de escape, que se instala para evitar um destino pior para o sujeito, aquele de não aguentar conviver com seus desejos recalados²⁹, sucumbindo desastrosamente. Numa análise, utiliza-se o sintoma para, através de um trabalho associativo, chegar-se ao desejo que o promove, e é na elaboração deste desejo que se constitui o trabalho analítico.

Recordemo-nos da narrativa de Primo Levi sobre a atitude dos prisioneiros do campo de extermínio, que, ao avistarem a atividade da escavadeira mecânica que abocanha a terra, associam-na, por similaridade, com o ato de comer, aguçando seus desejos avassaladores, e imitam este processo, num ritual desesperado e inútil. A diferença entre essa atitude e o rito do sintoma neurótico é o fato de que, enquanto os prisioneiros estavam conscientes da origem das associações que lhes impusera o ritual, o sujeito do sintoma desconhece a origem da conexão associativa – assim como todo o resto da cadeia – que o deflagra. É essa origem que deve ser buscada em um trabalho psicanalítico.

Freud começou a transmitir a teoria psicanalítica através do relato dos casos clínicos das suas primeiras pacientes. Uma delas, pertencente a um período em que a psicanálise ainda engatinhava, recebeu o pseudônimo de Frau Cäcilie M. Embora o relato do seu caso nunca tenha sido publicado na íntegra, alguns fragmentos do tratamento a que se submeteu,

²⁸ Relendo esta frase, cometi o ato falho – lapso de leitura –, de ler esta palavra como sendo “recalado”. Imediatamente, fui levado, por um fluxo associativo, a pensar o quanto ela é incomum na minha escrita e se, no fundo, eu não estaria querendo dizer que “o Inconsciente é recalado na infância”, o que é verdadeiro, se considerarmos as ideias que o fundam. De fato, a trama associativa está continuamente a nos envolver.

²⁹ É importante que saibamos que os desejos proibidos, por estarem recalados, não deixam de operar no sujeito. Ao contrário, é recalado, por estarem livres para atuar secretamente, que articulam todo tipo de interferência na vida consciente.

tornaram-se conhecidos através dos diversos comentários com os quais Freud enxertava alguns dos relatos de tratamento de outras pacientes. A razão pela qual este caso teve de ser descrito apenas parcialmente foi a proximidade das relações sociais desta paciente com a família Freud. Tratou-se, porém, de um caso clínico rico em exemplos de simbolização sintomática. Freud (1976, v. 2, p.225) afirma: “Os melhores exemplos de simbolização que vi ocorreram em Frau Cäcilie M., cujo caso eu poderia descrever como o mais grave e instrutivo”.

Frau Cäcilie, “[...] sofria, entre outras coisas, de uma nevralgia facial extremamente violenta, que surgia subitamente duas ou três vezes por ano, durava de cinco a dez dias, resistia a qualquer espécie de tratamento e cessava abruptamente [...]” (FREUD, 1976, v.2, p.225). Ela tinha tido sete dos seus dentes arrancados por um dentista, porque se acreditava que eles seriam a causa dessas dores.

Nessa época, Freud ainda usava a hipnose nos tratamentos dos seus pacientes. Aplicou, portanto, o “tratamento hipnótico” em Cäcilie, “proibindo-a energicamente” de sentir dores. Quando, dessa forma, ela deixou de sentir as dores faciais, isso o fez perceber que a nevralgia não deveria possuir uma causa orgânica. A paciente demonstrou que nutria uma grande irritabilidade para com o seu marido. Ela, então, “[...] descreveu uma observação agressiva dele que classificou ‘como um áspero insulto’. De repente, levou a mão à face, soltou um grande grito de dor e exclamou: ‘Foi como uma bofetada no rosto’. Com isso cessaram tanto a dor como o acesso” (FREUD, 1976, v.2, p.227).

Um ano depois, a doença retornou de outra maneira, com novos estados patológicos que surpreenderam Freud (1976, v.2, p.226), mas “[...], após pensar um pouco, a paciente declarou que tivera todos eles em várias ocasiões durante sua longa doença, que datava de trinta anos antes”. Começou, então, a surgir “[...] uma abundância realmente surpreendente de ataques histéricos a que a paciente pôde atribuir um lugar preciso no passado”.

Um dos inumeráveis exemplos de conversão simbólica ocasionados por esta paciente, ocorreu quando ela foi acometida de uma violenta dor no calcanhar, impedindo-a de andar. Através da análise, ela reportou-se a uma época em que estivera num sanatório no exterior. Depois de uma semana de cama, iria ser levada ao refeitório pela primeira vez, para fazer sua refeição com os demais pacientes. A dor sobreveio no momento em que o médico começou a conduzi-la. Ela tivera medo de não “acertar o passo” com aqueles estranhos (FREUD, 1976, v.2, p.228-229).

Quando tinha quinze anos de idade, Cäcilie passou por uma experiência dolorosa a partir de um encontro com a sua avó. Esta a fitou “com um olhar penetrante”, que “penetrou”

em seu cérebro, produzindo uma forte dor de cabeça. Ela achava que a “[...] velha a estivesse olhando com desconfiança” (FREUD, 1976, v.2, p.229).. Enquanto contava esta história a Freud, Căcilie começou a rir alto e a dor desapareceu. Freud entendeu que estava diante de alguém que tinha um grande talento para converter em representações corporais as ideias que lhe surgiam à mente.

Por essa época, houve um acirramento da nevralgia. Mais uma vez, o sintoma foi esclarecido pela lembrança de um insulto que recebera. O incômodo durou vários dias, “[...] parecia que, durante anos, os insultos, principalmente os externados verbalmente, haviam, através da simbolização, provocado novos ataques de sua nevralgia facial” (FREUD, 1976, v.2, p.228). A paciente percorreu o caminho de volta de todas as vezes em que o sintoma se manifestara, até chegar ao início da produção do sintoma.

Mas por fim percorreu o caminho de volta a seu primeiro acesso de nevralgia, mais de quinze anos antes. Ali não tinha havido simbolização, mas uma conversão através da simultaneidade. Ela vira um quadro doloroso, acompanhado de sentimentos de autocensura, e isso a forçara a rechaçar outro grupo de pensamentos. Assim, tratava-se de um caso de conflito e defesa. A geração da nevralgia naquele momento só podia ser explicada pela suposição de que ela estava sofrendo, na época, de leves dores de dentes ou de dores no rosto, e isso não era improvável, visto que ela estava então nos primeiros meses de sua primeira gravidez. (FREUD, 1976, v.2, p.228).

Uma associação por contiguidade no tempo – a “conversão através da simultaneidade” – iniciou o processo associativo entre a dor facial e a sensação desprazerosa provocada por uma ideia. A partir daí, as duas sensações se combinariam, fazendo com que uma fosse a representação da outra. Ali onde surgia a dor facial, a causa era uma ideia desagradável. E era, portanto, na trama mental de Căcilie que o sentido da nevralgia deveria ser investigado.

Com Frau Căcilie, Freud percebe a associação entre o sintoma neurótico e a simbologia utilizada na linguagem. A sua nevralgia, assim como as demais dores corporais, era a representação dos insultos simbolizados nas expressões idiomáticas de sua língua: ‘uma bofetada no rosto’. Uma transcrição de uma expressão de linguagem, que transformou o corpo de Frau Căcilie em um texto a ser decifrado. Cada sintoma histérico doloroso era a representação simbólica de uma situação desprazerosa, associada a uma maneira de falar. Primeiro, a associação do desprazer com a expressão linguística, em seguida, a corporificação desta expressão ³⁰, uma cadeia associativa de três componentes, mas cujo rastreamento não foi de fácil execução. Mais uma vez, reportemo-nos à cadeia associativa que levou do vislumbre

³⁰ Uma associação, por similaridade, de uma expressão verbal com o seu equivalente corporal.

do sol que se punha à percepção do esquecimento de alimentar os gatos, sem que a pessoa, na qual este processo se operou, tivesse consciência da cadeia associativa. O mecanismo associativo está sempre prestes a disparar quando as ideias se conectam entre si por similaridade ou contiguidade. E isto se processa fora de nossa atenção consciente.

Na grande saga dos casos princeps, Anna von Lieben [o verdadeiro nome de Frau Cäcilie] pode ser encarada, portanto, como a primeira mulher psicanalisada da história do freudismo. Desse modo, teria sido a “mestra” de Freud, sua *prima-donna*, entregando-lhe o inconsciente “numa bandeja de prata”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.476).

No final da exposição desse caso, vamos encontrar ainda um interessante comentário expresso por Freud:

O que poderia ser mais provável do que a idéia de que a figura de linguagem “engolir alguma coisa”, que empregamos ao falar de um insulto ao qual não foi apresentada nenhuma réplica, originou-se na verdade das sensações inervatórias que surgem na faringe quando deixamos de falar e nos impedimos de reagir ao insulto? Todas essas sensações e inervações pertencem ao campo da “Expressão das Emoções”, que, como nos ensinou Darwin³¹ [1872], consiste em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Em sua maior parte, estas podem ter-se enfraquecido tanto que sua expressão em palavras nos parece ser apenas um quadro figurativo delas, ao passo que, com toda probabilidade, essa descrição um dia foi tomada em seu sentido literal; e a histeria tem razão em restaurar o significado original das palavras ao retratar suas inervações inusitadamente fortes. Com efeito, talvez seja errado dizer que a histeria cria essas sensações através da simbolização. É possível que ela não tome em absoluto o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria quanto o uso da língua extraíam seu material de uma fonte comum. (FREUD, 1976, v. 2, p.231).

A observação final de Freud nesse trecho nos faz refletir sobre a questão da linguagem na psicanálise. Parece-nos que ela antecipa em décadas a tirada lacaniana de que ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’. A fonte comum a que Freud se refere muito provavelmente seria a estrutura lógica da simbolização, a Linguagem, no sentido forte, portanto; aquilo que estabelece os limites do uso da língua e a sua estrutura formal.

Em outro paciente de Freud, podemos observar uma associação entre o uso da língua e a composição de um sintoma neurótico. Dessa vez, uma neurose obsessiva, protagonizada pelo paciente que se notabilizou pela alcunha de o “Homem dos Ratos”. “Podemos considerar

³¹ Freud refere-se aqui ao livro de Darwin: *A expressão das emoções no homem e nos animais*, publicado em 1872, porém só lançado no Brasil no ano 2000, no qual o “Grande Darwin” – maneira pela qual Freud gostava de referir-se ao biólogo – expõe pontos de vista psicológicos.

Ernest Lanzer [o verdadeiro nome do paciente], um advogado de 29 anos, o primeiro grande paciente masculino de Freud” (RODRIGUÉ, 1995, v. 2, p.145).

Trata-se de um caso complexo de neurose obsessiva. Os sintomas apresentados por Ernest eram inúmeros e complexos. Seleccionamos um, especialmente fácil de ser examinado e significativo na sua associação linguística.

Certo dia, estando fora, em suas férias de verão, ocorreu-lhe de súbito a idéia de que ele era muito gordo [em alemão, *‘dick’*], e de que ele teria de *ficar mais magro*. Começou, pois, a levantar-se da mesa antes de servirem a sobremesa e apressar-se pela rua, sem o chapéu, sob o calor ofuscante do sol de agosto; a seguir, também, subiu com pressa uma montanha, até parar, forçado e vencido, pela transpiração. Certa época, suas intenções suicidas de fato emergiram, sem disfarce, por detrás dessa mania de emagrecer: quando se encontrava à beira de um precipício profundo, recebeu a ordem de saltar, o que sem dúvida significaria sua morte. Nosso paciente não seria capaz de imaginar explicação alguma para esse comportamento obsessivo sem nenhum sentido, até que, de repente, ocorreu-lhe que, ao mesmo tempo, também a sua dama estava veraneando na companhia de um primo inglês, que era muito solícito para com ela, e de quem o paciente estava muito enciumado. O nome desse seu primo era Richard, e, conforme o uso coloquial na Inglaterra, tinha o apelido de *Dick*. Nosso paciente, então havia desejado matar o *Dick*; tinha estado muito mais enciumado e enraivecido em relação a ele do que podia admitir para si mesmo, e isso foi a razão por que se impusera esse emagrecimento mediante uma punição. (FREUD, 1976, v. 10, p.191).

Ernest consegue, sem ter consciência de que o fazia, associar seu corpo, imaginariamente gordo, ao nome do seu rival. Um apelido inglês associa-se, por similaridade sonora, a uma imagem do corpo, possibilitando que se direcione para o próprio corpo, a intenção que o desejo recalcado intencionara ao rival. Fica evidente que o fenômeno mental que produz esse sintoma é possibilitado pela associação por similaridade que há entre a denominação do estado corporal imaginado pelo paciente e o apelido do seu rival. Sem esta associação – imaginemos, por exemplo, que Ernest não soubesse o apelido do seu rival, ou a sua língua não fosse o alemão –, a trama sintomática teria de ser outra qualquer. Podemos observar que o mecanismo dos sintomas busca as associações disponíveis, assim como os nossos discursos cotidianos. Ao falarmos, utilizamo-nos³² do material presente em nosso pré-consciente que possa associar-se ao tema que está sendo tratado. Da mesma forma, o desejo

³² Esse “utilizamo-nos” não deve ser entendido como uma ação voluntária. Melhor, talvez, fosse dizermos que “o mecanismo associativo utiliza-se [...]”. O que fica por conta da volição do sujeito é a escolha do material associado que deve ser exposto publicamente. Isto, quando não se comete um ato falho, que é a vitória do desejo sobre a intenção.

oculto por recalçamento, imiscui-se nas regiões que lhes são proibidas através das conexões associativas disponíveis no repertório da história de vida do sujeito.

As neuroses obsessivas possibilitam a exposição de associações bastante expressivas, devido aos seus rituais geradores de ações que representam ideias associadas ao desejo que não se pode expressar conscientemente. Esta neurose caracteriza-se pela ocupação do paciente com “[...] pensamentos em que realmente não está interessado, de estar cômico de impulsos dentro de si mesmo que lhe parecem muito estranhos, e de ser compelido a ações cuja realização não lhe dá satisfação alguma, mas lhe é totalmente impossível omitir” (FREUD, 1976, v.16, p.306). Tudo isso, devido ao fato de esses impulsos e essas ações não fazerem algum sentido para ele, por se tratar de ideias e atitudes associadas, de uma maneira que ele desconhece, com ideias recalçadas, com as quais não pode manter contato consciente.

Freud nos relata um interessante caso de neurose obsessiva de uma paciente que

[...] corria desde seu quarto até um outro quarto contíguo, assumia determinada posição ali, ao lado de uma mesa colocada no meio do aposento, soava a campainha chamando a empregada, dava-lhe algum recado ou dispensava-a sem maiores explicações, e, depois, corria de volta para seu quarto. Este não era certamente um sintoma muito desagradável, mas assim mesmo, não podia deixar de causar curiosidade. (FREUD, 1976, v.16, p. 309-310).

Freud confessa não acreditar que fosse capaz de explicar o ritual sintomático e não conheceria nunca o seu significado, se a própria paciente não tivesse encontrado a explicação. Sempre que perguntava a ela o motivo desse ritual, recebia a resposta, “não sei”. Um dia, em análise, ela mesma encontrou a explicação e narrou para Freud o que estava associado ao rito obsessivo.

Mais de dez anos antes, casara-se com um homem de muito mais idade do que ela, e, na noite de núpcias, ele ficou impotente. Amiúde, durante a noite, ele viera correndo de seu quarto para o dela, a fim de tentar mais uma vez, porém sempre sem êxito. Na manhã seguinte, ele disse com tristeza: “Eu devia sentir-me envergonhado perante a empregada, quando ela arrumar a cama”, pegou de uma garrafa de tinta vermelha que casualmente havia no quarto e derramou seu conteúdo sobre o lençol, mas não no exato lugar em que uma mancha viria a calhar. (FREUD, 1976, v.16, p.310).

Freud não conseguiu imediatamente perceber a conexão entre esta lembrança e o sintoma, mas apenas a semelhança no ato de correr de um quarto para o outro e na vinda da empregada. A paciente levou-o então

[...] até a mesa, no segundo quarto, e mostrou-me uma grande mancha na toalha. Depois, explicou que assumia sua posição em relação à mesa de maneira tal que a empregada, ao ser dispensada de sua presença, não podia deixar de ver a mancha. Já não podia mais haver qualquer dúvida sobre a íntima conexão entre a cena de sua noite de núpcias e o ato obsessivo atual, embora ficassem por ser esclarecidas muitas outras coisas. (FREUD, 1976, v.16, p. 310).

Havia uma identificação da paciente com o seu marido. “Ela estava executando o papel dele, imitando suas corridas de um quarto a outro” (FREUD, 1976, v.16, p.310).

Freud (1976, v.16, p.311), a seguir, nos fala de uma “analogia” na substituição da cama e lençol pela mesa e toalha: “Mesa e cama, juntas, representam o casamento, e, assim, uma pode facilmente tomar o lugar da outra”.

Podemos identificar uma associação por similaridade entre a cama e o lençol, com a mesa e a toalha. Mas há também esta articulação da expressão idiomática, a qual Freud chama atenção: o casamento é nomeado popularmente como uma união de cama e mesa, o que contextualiza os dois objetos, associando-os por contiguidade, dando lugar para um deslocamento de uma mobília para a outra, mantendo o mesmo significado.

Para Freud, a essência desse ato obsessivo era chamar a atenção da empregada para poder mostrar-lhe a mancha, impedindo a realização temida no comentário do marido de que se sentiria envergonhado perante a empregada. Ela o substituía nesse ritual, com a finalidade de acabar com a vergonha daquela noite, corrigindo a sua impotência. O sentido do ritual obsessivo era, portanto, declarar: “Não, não é verdade. Ele não tinha por que sentir-se envergonhado perante a empregada; ele não ficou impotente” (FREUD, 1976, v.16, p.311).

É importante notar o fato de que, nesse caso clínico, a conexão entre o ritual obsessivo e a cena à qual estava associado era uma conexão entre uma ação consciente (o sintoma) e uma experiência penosa (a noite de núpcias), que fazia parte do conteúdo do pré-consciente da paciente. Não é aí que se encontra o desejo recalcado, porém este – assim como o “capitalista” responsável pelo investimento dos sonhos – é a força impulsora da formação do sintoma. Este desejo está conectado com o fato de que a paciente

[...] estivera separada de seu marido, durante anos, e estava debatendo-se com a intenção de obter divórcio legal. Contudo, não havia como livrar-se dele; ela era forçada a permanecer fiel a ele; retirou-se do mundo para não ser tentada; em sua imaginação, desculpava-o e engrandecia as qualidades dele. Na verdade, o mais profundo segredo de sua doença consistia em que, através desta doença, protegia seu marido de comentários maldosos, justificava-se por estar separada dele e possibilitava-lhe levar uma vida separada cômoda. (FREUD, 1976, v.16, p.311-312).

Vejamos, a seguir, o caso de um paciente de Freud com um sintoma, cujo conteúdo linguístico é muito interessante. Trata-se de um caso de fetiche. O paciente desenvolvera um método enigmático para a escolha de suas conquistas amorosas. A mulher teria de possuir um “brilho no nariz” que somente ele conseguia enxergar:

A explicação surpreendente para isso era a de que o paciente fora criado na Inglaterra, vindo posteriormente para a Alemanha, onde esquecera sua língua materna quase completamente. O fetiche, originado de sua primeira infância, tinha de ser entendido em inglês, não em alemão. O ‘brilho do nariz’ [em alemão ‘*Glanz auf der Nase*’] era na realidade um ‘vislumbre (*glance*) do nariz’. O nariz constituía assim o fetiche, que incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros. (FREUD, 1976, v.21, p.179).

Esse é um caso de associação bilíngüe, uma associação sonora. O som, que em inglês significa “vislumbre”, em alemão vai significar “brilho”. O vislumbre foi do nariz da mãe, instantes antes de a criança perceber que ela era “castrada”, não possuidora de pênis. Esta visão instala a fobia, pela possibilidade de ele vir a perder o seu também. Um momento traumático que, no caso desse paciente estabeleceu uma relação perversa com verdade apreendida. Ela foi renegada. No seu lugar, o sujeito instalou, como uma prótese, o vislumbre do nariz, por associação por contiguidade (no tempo), que se transformou em “brilho do nariz” – associação por similaridade sonora – a partir da adoção da língua alemã. O som da palavra sobrevive à troca de idioma, em detrimento do seu significado³³, que se transforma para adaptar-se à sua nova língua. O “brilho no nariz” ocupa o lugar do pênis materno, cuja castração recusa-se aceitar, e servirá de determinante dos seus objetos de desejo ao longo da sua vida.

5. 4 A REGRA FUNDAMENTAL

O método de investigação das ideias inconscientes, desenvolvido por Freud, e que é usado na prática psicanalítica como sua principal ferramenta de trabalho, chama-se “associação livre”. Trata-se de um procedimento tão importante no trabalho psicanalítico, que é denominada de Regra Fundamental. Consiste em levar o analisante a dizer, evitando

³³ Na nomenclatura lacaniana: houve um deslizamento de um significado para outro, num mesmo significante.

qualquer tipo de triagem³⁴, tudo que lhe vem à mente em relação a uma determinada ideia cujo vínculo associativo se quer conhecer. Neste procedimento, percorre-se de volta a trilha associativa que gerou a ideia, até onde se possa chegar, conforme já comentamos na introdução deste capítulo.

Freud descreveu a prática dessa técnica em vários dos seus textos. A seguir, visualizaremos um trecho que escreveu para um verbete de enciclopédia, que escolhemos pela sua concisão.

A ‘Regra Técnica Fundamental’ desse procedimento de ‘associação livre’ foi desde então mantida no trabalho psicanalítico. O tratamento é iniciado pedindo-se ao paciente que se coloque na posição de um auto-observador atento e desapassionado, simplesmente comunicando o tempo inteiro a superfície de sua consciência e, por um lado, tornando um dever a mais completa honestidade, enquanto que, por outro lado, não retendo da comunicação nenhuma idéia, mesmo que (1) sinta ser ela muito desagradável, (2) julgue-a absurda ou (3) sem importância demais ou (4) irrelevante para o que está sendo buscado. Descobre-se uniformemente que justamente as idéias que provocam as reações por último mencionadas são as que têm valor específico para a descoberta do material esquecido. (FREUD, 1976, v.18, p.290-291).

Como é fácil supor, a tarefa não é das mais fáceis. É muito difícil livrar-se da auto-observação, quando se está na atitude de capturar o pensamento que surge sutilmente, e esta observação de si mesmo, executando a tarefa de capturar o pensamento fugidio, que surge como uma faísca, para logo retrair-se, transforma-se num pensamento paralelo que interroga: “estou mesmo atentando para o pensamento correto, ou perdendo-me em perseguir aquele enganoso?”. Esta situação, é claro, não ajuda a concentração necessária à captura da ideia adequada.

Há uma confusão em que se incorre ao comentar a expressão “associação livre”, quanto à liberdade aí explicitada. Costuma-se afirmar que “o ‘livre’ não é tão livre assim”. Esta confusão vem da crença, ainda que disfarçada para o próprio sujeito, num livre arbítrio. Como vimos, Freud remete a discussão do livre arbítrio ao Inconsciente. Para a psicanálise, portanto, nenhum pensamento é livre, no sentido de que não haja um fator inconsciente que o

³⁴ Consideramos “triagem” um termo mais adequado do que “censura”, como é comumente referido, pois a censura pode ser inconsciente, enquanto a triagem denota a ação consciente de selecionar aqueles pensamentos para os quais a atenção deve ser direcionada. A triagem é feita sempre que nos vem à mente uma ideia: avaliamos se ela deve ser mencionada, levando em conta o seu valor para a discussão em curso. Podemos julgar uma ideia como não merecedora de menção por diversos motivos. Ela pode nos parecer ridícula, pueril, íntima demais, reveladora de nossos defeitos, ofensiva, e assim por diante. Em uma sessão de análise, são exatamente essas características, que socialmente determinariam a exclusão de uma ideia da conversação, que devem ser consideradas relevantes para a sua exposição.

determine. O “livre” da associação designa, como vimos acima, a tarefa de deixá-la fluir livremente, sem uma triagem seletiva, para que o Inconsciente possa expressar-se. Desta forma, deixamos aflorar à consciência as ideias determinadas pela associação, possibilitando perfazermos o caminho de volta, pelo qual a ideia em foco trilhou desde a sua fonte de origem.

O corolário dessa regra é que, no *setting* psicanalítico, o discurso deve ser o mais espontâneo possível. Deve-se deixar fluir a fala de tal forma que ela nos surpreenda. Quanto menos se pensar no que se vai dizer, melhor para a produção de material útil à análise³⁵. À maneira de São Manuel Bueno, herói da novela de Unamuno, podemos dizer da prática psicanalítica: “[...] importa menos o que alguém quer dizer do que aquilo que diz sem querer [...]” (UNAMUNO, 1999, p.18).

Teorizar sobre a livre associação é uma tarefa difícil, ou mesmo inviável. Mannoni, por exemplo, prefere “[...] examinar um exemplo de trabalho analítico real, para tratar de ver como nele funciona a [livre] associação, já que não creio poder dar-lhe uma definição teórica abstrata” (MANNONI, 1992, p.76). Nesta linha, iremos acompanhar, comentando, o melhor exemplo que obtemos da literatura freudiana de uma livre associação, que, surpreendentemente, não tem a sua origem no seu consultório, mas, sim, numa conversa informal travada, durante as suas férias, com um companheiro de viagem, “[...] um jovem de formação acadêmica, que logo constatei estar familiarizado com algumas de minhas publicações psicológicas” (FREUD, 1987, p.25).

A conversa entre eles “[...] recaiu – já não me lembro como – sobre a situação social da raça a que ambos pertencemos, e ele, impelido pela ambição, passou a lamentar-se por sua geração estar condenada à atrofia (segundo sua expressão), não podendo desenvolver seus talentos ou satisfazer suas necessidades” (FREUD, 1987, p.25). Para concluir seus argumentos, o jovem citou Virgílio de forma incorreta: “*Exoriar(e) ex nostris ossibus ultor*”. Percebendo a expressão zombeteira de Freud, ele lhe pede ajuda com a frase, pois não conseguia lembrar-se de uma de suas palavras. “Ajudarei com prazer, respondi, e dei-lhe a citação correta: ‘*Exoriar(e) ALIQUIS nostris ex ossibus ultor*’” (1987, p.26).

A palavra que o rapaz foi incapaz de lembrar-se foi “aliquis”, “alguém” em latim. Em seguida, ele lembra que Freud tinha uma teoria sobre lapsos de memória e lhe diz que gostaria de saber o motivo pelo qual esqueceu daquela palavra. Este aceita “[...] o desafio

³⁵ Costumo dizer para meus clientes na primeira entrevista: “o procedimento socialmente aconselhável de ‘pensar duas vezes antes de falar’, aqui deve ser subvertido. Ao contrário, procure falar antes mesmo de pensar no que vai dizer”.

prontamente, na esperança de conseguir uma contribuição para minha coleção”, relata Freud (FREUD, 1987, p.26).

Disse-lhe, pois:

– Isso não nos deve tomar muito tempo. Só tenho que lhe pedir que me diga, *sinceramente e sem nenhuma crítica*, tudo o que lhe ocorre enquanto estiver dirigindo, sem nenhuma intenção definida, sua atenção para a palavra esquecida.

– “Certo; então me ocorre a idéia ridícula de dividir a palavra assim: *a* e *liquis*.”

– O que quer dizer isso?

– “Não sei.” (FREUD, 1987, p.26).

Deparamo-nos aqui com uma associação que aparentemente não significa nada. Embora, haja o impulso de dividir a palavra em duas, ele não vê razão para isto. O desejo da divisão da palavra emana de algum lugar do sujeito, sem que ele saiba o porquê³⁶. Podemos nos reportar neste ponto aos versos que surgiam à mente do doutor em direito toda vez que ele se percebia sobre a ponte do rio Bidassoa. A ponte sobre esse rio compunha o nome de um poema, que se encontrava associado, por contiguidade (no espaço), com os últimos dois versos do poema constante da página adjacente, fazendo com que os versos surgissem à mente, sem que o sujeito pudesse entender a razão. Da mesma forma, “Boltraffio” surgiu à lembrança, quando Freud procurava lembrar-se do nome do pintor das “Quatro Últimas Coisas”, sem que, mesmo ele, o grande decifrador dos enigmas da mente, nem ao menos percebesse que havia uma conexão entre este nome e o outro, que, em vão, procurava lembrar-se. O motivo do surgimento dos pensamentos na consciência nesses casos só se descortinou quando já se estava de posse da ideia que desencadeou a corrente associativa. No caso dos versos, a contiguidade das páginas no livro de poemas; no caso “Signorelli”, a associação por similaridade sonora entre “Boltraffio” e Trafoi, que, por sua vez, associava-se por contiguidade (no tempo) com a época em que Freud recebeu a notícia, cujo conteúdo estava interdito de aparecer na consciência. Tudo se passa como se houvesse, em nossas mentes, uma conversação, não percebida, entre entidades estranhas ao “eu” consciente. Trata-se de algo de difícil apreensão para o senso comum.

³⁶ Lacan denomina as ideias inconscientes de “o discurso do outro”. Embora este conceito abarque um conteúdo mais complexo, ao acompanharmos um trabalho associativo como esse, somos capazes de vislumbrar em parte o sentido desta formulação. Tudo se passa como se houvesse um outro que articula simbolicamente, através de desejos não apreensíveis, o nosso fluxo de pensamentos.

– E o que mais lhe ocorre? – “Isso continua assim: *Reliquien* [reliquias], *liquefazer*, *fluidez*, *fluido*. O senhor já descobriu alguma coisa?”

– Não, ainda não. Mas continue.

– “Estou pensando” – prosseguiu ele com um sorriso irônico – “em *Simão de Trento*, cujas reliquias vi há dois anos numa igreja de Trento. Estou pensando na acusação de sacrifícios de sangue que agora está sendo lançada de novo contra os judeus, e no livro de *Kleinpaul* [1892], que vê em todas essas supostas vítimas reencarnações, reedições, por assim dizer, do Salvador.”

– Essa idéia não está inteiramente desligada do tema de nossa conversa antes que lhe escapasse da memória a palavra latina. (FREUD, 1987, p.26).

Freud, aqui, dá a deixa: o tema do assunto tratado durante o lapso é retomado por associação, deixando transparecer um vínculo associativo entre a palavra esquecida e este tema.

– “Exato. Estou pensando ainda num artigo que li recentemente num jornal italiano. Acho que o título era ‘O que diz Santo *Agostinho* sobre as mulheres’. Que entende o senhor com isso?”

– Estou esperando.

– “Pois agora vem algo que por certo não tem nenhuma ligação com o nosso tema.”

– Por favor, peço-lhe que se abstenha de qualquer crítica e ... (FREUD, 1987, p.26).

A regra fundamental é evocada para evitar uma tentativa de triagem do material que advém à consciência. Toda vez que frases como essa são proferidas durante o curso da livre associação, percebemos que há material relevante aflorando à mente. Para aqueles que se deparam com a tarefa de seguir o fluxo associativo pela primeira vez, as ideias que aparecem na consciência durante esse processo parecem tão destituídas de relevância que é realmente muito comum que o sujeito sinta-se ridículo durante o trabalho de livre associação.

– “Sim, já sei. Lembro-me de um magnífico senhor idoso que encontrei numa de minhas viagens na semana passada. Ele era realmente *original*. Parecia uma enorme ave de rapina. Chamava-se *Benedito*, se isso lhe interessa”.

– Bem, pelo menos temos uma seqüência de santos e padres da Igreja: São *Simão*, Santo *Agostinho*, São *Benedito*. Acho que havia um padre da Igreja chamado *Orígenes*. Além disso, três desses nomes são também prenomes, como *Paul* [Paulo] em *Kleinpaul*. (FREUD, 1987, p.27).

Freud começa a associar as ideias surgidas com um tema comum. As ideias evocadas começam a mostrar seus vínculos associativos.

– “Agora o que me ocorre é São *Januário* e o milagre de seu sangue – parece que meus pensamentos avançam mecanicamente.”

– Deixe estar; São *Januário* e Santo *Agostinho* têm a ver, ambos, com o calendário. Mas que tal me ajudar a lembrar do milagre do sangue?

– “O senhor com certeza já ouviu falar nisso! O sangue de São Januário fica guardado num pequeno frasco, numa igreja de Nápoles, e num determinado dia santo ele se *liquefaz* milagrosamente. O povo dá muita importância a esse milagre e fica muito agitado quando há algum atraso, como aconteceu, certa vez, na época em que os franceses ocupavam a cidade. Então, o general comandante – ou será que estou enganado? será que foi Garibaldi? – chamou o padre de lado e, com um gesto inequívoco na direção dos soldados a postos do lado de fora, deu-lhe a entender que *esperava* que o milagre acontecesse bem depressa. E, de fato, o milagre ocorreu...” (FREUD, 1987, p.27).

Os pensamentos avançam mecanicamente. O rapaz conseguiu sintonizar-se com a prática da liberdade associativa, pondo de lado a triagem que categoriza as ideias, para deixar o inconsciente fazer seu trabalho³⁷. Freud realiza mais uma associação de ideias com um tema em comum. Santos e sangue fluem numa corrente associativa.

– Bem, continue. Por que está hesitando?

– “É que agora *realmente* me ocorreu uma coisa... mas é íntima demais para ser comunicada... Além disso, não vejo nenhuma ligação nem qualquer necessidade de contá-lo”. (FREUD, 1987, p.27).

“Agora, *realmente*”, o material recalcado começa a aflorar nas associações. O fato de não ver “nenhuma ligação nem qualquer necessidade de contá-lo” denota a proximidade de material “de peso”.

– Pode deixar a ligação por minha conta. É claro que não posso forçá-lo a falar sobre uma coisa que lhe seja desagradável; mas então não queira saber de mim como foi que se esqueceu da palavra *aliquis*. (FREUD, 1987, p.27).

³⁷ Os pensamentos que surgem durante o exercício de livre associação têm, na razão do seu surgimento à mente, motivo semelhante àquele dos sonhos; ambos surgem à mente consciente devido a um estado especial do sujeito. No caso do sonho, o seu aparecimento se dá devido ao estado especial do sono, quando a atividade motora está suprimida, e a censura baixa sua guarda, por assim dizer, por não haver maiores riscos para a atividade do sujeito. No caso especial de uma análise, quando o sujeito estabeleceu transferência com o analista, durante a livre associação, a censura “deixa entrar” material inconsciente devido ao fato de perceber que o sujeito está em “boas mãos”. Podemos concluir daí que, numa análise malfeita, quando a transferência não se instala devidamente, o trabalho de livre associação é extremamente difícil. No caso que acompanhamos aqui, da investigação que visa descobrir a razão do esquecimento de *aliquis*, uma das razões do trabalho ser tão bem-sucedido é a confiança que tem o rapaz no saber de Freud.

Freud, diante de uma demonstração tão valiosa de associação livre, com a sorte de ter encontrado um voluntário tão eficiente na execução da regra fundamental, agora, ante o risco de perder o *gran finale*, ameaça com a grande praga de mantê-lo ignorante da razão do esquecimento. Para ele, sem dúvida, uma grande catástrofe. O rapaz, diante da ameaça, vai em frente e expõe sua intimidade.

- “Realmente? O senhor acha? Pois bem, é que de repente pensei numa dama de quem eu poderia receber uma notícia que seria bastante desagradável para nós dois”.
- Que as regras dela não vieram?
- “Como conseguiu adivinhar isso?”. (FREUD, 1987, p.27).

“Elementar, meu caro Watson”. Não há como não associar aqui o trabalho de Freud com o de um bom detetive, que segue a trilha associativa que o leva do indício encontrado no local do crime até o criminoso. O fluxo associativo é então explicado:

- Já não é difícil. Você preparou bem o terreno. Pense nos *santos do calendário, no sangue que começa a fluir num dia determinado, na perturbação quando esse acontecimento não se dá, na clara ameaça de que o milagre tem que se realizar, se não...* Na verdade, você usou o milagre de São Januário para criar uma esplêndida alusão às regras das mulheres. (FREUD, 1987, p.27).

O trabalho de livre associação revelou a maneira de o Inconsciente costurar ideias associativamente, numa forma poética, compondo uma “esplêndida alusão às regras das mulheres”, através de associações que fluem sem nenhuma razão aparente para a consciência do sujeito.

A seguir, a explicação de Freud (1987, p.27-28) sobre o fato associativo.

- “Sem me dar conta disso. E o senhor realmente acha que foi essa expectativa angustiada que me deixou impossibilitado de reproduzir uma palavra tão insignificante como *aliquis*?”
- Parece-me inegável. Basta lembrar sua divisão em *a-liquis*, e suas associações: *reliquias, liquefazer, fluido*. São Simão foi *sacrificado quando criança*; devo continuar, e mostrar como ele entra nesse contexto? O senhor pensou nele partindo do tema das reliquias.

Aqui, o rapaz retira-se da conversa, mas não sem antes confessar que a dama era italiana e ele estivera com ela em Nápoles. Freud (1987, p.28) dirige-se aos leitores, afirmando que tem “[...] diversas razões para dar valor a essa pequena análise e sou grato a meu ex-companheiro de viagem por ter-me presenteado”.

As razões pelas quais Freud (1987, p.28) valoriza este encontro inusual são, em primeiro lugar, o fato de tratar-se de uma fonte tida como “normal”, ao contrário de seus pacientes neuróticos, “[...] por isso, é particularmente valioso para meus objetivos que uma outra pessoa que não sofra de doença nervosa se ofereça como objeto de tal investigação”. Um outro aspecto importante nesse exemplo é que, ao contrário do esquecimento de “Signorelli”, não houve uma perturbação por uma sequência de pensamentos iniciada e depois interrompida anteriormente. No exemplo de “*aliquis*”, a lembrança foi perturbada devido à natureza do tema abordado pela citação, “[...] por erguer-se inconscientemente um protesto contra a idéia desejante nela expressa” (FREUD, 1987, p.29). Freud dá graças à oportunidade de poder expor a variedade de situações nas quais entra em jogo a interferência do desejo inconsciente, através do vínculo associativo com o material do discurso consciente, perturbando-o. Em seguida, ele expõe a interpretação do fato ocorrido:

A situação dever ser interpretada da seguinte maneira: o falante vinha deplorando o fato de a geração atual de seu povo estar privada de seus plenos direitos; uma nova geração – profetizou ele, como Dido – haveria de vingar-se dos opressores. Nisso ele expressara seu desejo de ter descendentes. Nesse momento intrometeu-se um pensamento contraditório: “Você realmente deseja descendentes com tanta intensidade? Isso não é verdade. Quanto não lhe seria embaraçoso receber agora a notícia de que espera descendentes do lugar que você sabe? Não: nada de descendentes... por mais que precisemos deles para a vingança.” Essa contradição então se afirma exatamente pelos mesmos meios que no exemplo de *Signorelli* – estabelecendo uma associação externa entre um de seus elementos de representação e um dos elementos do desejo repudiado; e dessa vez, de fato, ela o faz de maneira extremamente arbitrária, valendo-se de uma via associativa indireta que tem toda a aparência de artificialidade. (FREUD, 1987, p.29-30).

O discurso inconsciente se fez ouvir através do impedimento da aparição de uma palavra à memória. Conforme toda a corrente associativa que acabamos de acompanhar, “valendo-se de uma via associativa indireta”, o desejo inconsciente registrou seu protesto à afirmação de desejar ter descendentes, impedindo “*aliquis*” de aflorar, o que deixou o “eu” consciente numa situação embaraçosa, como um castigo pela ousadia de tamanha hipocrisia. A culpa exerce um papel fundamental na dinâmica entre o desejo inconsciente e as intenções

do “eu”. Diante de um exemplo tão trivial como esse, de uma mera palavra estrangeira que não vem à memória no instante preciso, deparamo-nos com a espantosa divisão do sujeito em dois: por um lado, um que pretende projetar sua imagem socialmente aceitável, de pessoa bem intencionada que pensa sempre o “melhor”, e, por outro, um que deseja, egoística e inconsequentemente, apenas aquilo que lhe dará prazer ou evitará desprazer. Na conexão entre esses dois lados do sujeito, a associação de ideias sedimenta a via de comunicação, que opera fora percepção do “eu” consciente.

5.5 A ANÁLISE DE UMA ESTÁTUA

Até agora apreciamos as análises que Freud efetua das representações psíquicas de terceiros e dele mesmo. A seguir, acompanharemos uma investigação efetuada por Freud de um objeto inanimado, objetivando desvendar as ideias de um determinado sujeito.

O sujeito em questão é o artista renascentista, Michelangelo Buonarroti. O objeto examinado foi a sua escultura em mármore de Moisés, esculpida quatrocentos anos antes de Freud deparar-se com ela.

Freud foi afetado fortemente por essa estátua. “Nunca uma peça de estatuária me causou impressão mais forte do que ela” (FREUD, 1976, v.13, p.255).

De fato, esse Moisés, esculpido em Carrara, tem causado uma forte impressão em todos aqueles que, ao longo dos séculos, com ele se depara³⁸. A sua imponência suscitou um fascínio muito grande em Freud. O próprio fascínio o instigava. “O que fascinava Freud em relação a essa estátua era exatamente este enigma: por que ela o afetava tão profundamente?” (JONES, 1989, v.2, p.362).

Havia uma cópia em gesso dessa estátua de Moisés na Academia de Arte de Viena. É provável que Freud a tenha visitado repetidas vezes antes de conhecer a original em Roma, como observa Jones (1989, v. 2, p.363).

A maneira intensa como foi afetado por essa escultura tem sido objeto de reflexão de seus comentadores ao longo dos anos. Para Pfrimmer (1994, p.181), “[...] o comportamento de Freud diante desta escultura mostra a que ponto se manifestaram resistências, e quanto ele

³⁸ Um fato pitoresco envolvendo essa estátua ocorreu na determinação do ator que representaria Moisés nas telas dos cinemas no filme “Os Dez Mandamentos” (1956). O diretor Cecil B. DeMille baseou sua escolha devido a sua semelhança com o Moisés de Michelangelo. Este ator, Charlton Heston, mais tarde atuaria no papel de Michelangelo no filme “Agonia e Êxtase” (1965), que tem como tema o relacionamento do artista com o Papa Júlio II.

teve que perlaborar para dominar sua angústia. Ao redigir o texto, transmite boa parte desta emoção viva”.

De fato, a justificativa dada por Freud para escrever seu ensaio sobre a estátua foi a de lançar luz sobre:

[...] certas ambigüidades que fazem o mistério da célebre escultura; mas desde o início confessa francamente as verdadeiras razões do seu interesse pela obra-prima, pois Moisés que descreve tende incessantemente a sair do mármore em que está encerrado, e como por magia se anima e se prepara, como o Comendador no último ato de *Don Juan*, para atingir com o seu terrível punho de pedra o sacrílego que o matou. (ROBERT, 1989, p.141).

O fascínio de Freud por Moisés não se resume à sua admiração por esta obra de Michelangelo, o Moisés histórico sempre o instigou. Seu último livro publicado chama-se *Moisés e o Monoteísmo*, no qual apresenta opiniões polêmicas e que se tornaram fontes de inúmeras especulações sobre a sua visão do judaísmo e de si mesmo. Trata-se de um trabalho “[...] enraizado no passado, que molda o presente e estende sua influência ao futuro” (BERNSTEIN, 2000, p.9).

Freud, em torno de 1908, contou a seguinte piada a seu discípulo e amigo Theodor Reik: “Perguntaram ao menino Itzig na escola: ‘quem foi Moisés?’ Ele responde: ‘Moisés era filho de uma princesa egípcia’. ‘Isto não é verdade’, diz o professor. ‘Moisés era filho de mãe hebréia. A princesa egípcia encontrou o recém-nascido em uma cesta’. Mas Itzig responde: ‘é o que ela diz’” (YERUSHALMI, 1992, p.21). Nesta piada, pode-se vislumbrar a raiz do conteúdo do seu trabalho sobre o patriarca judeu. Um dos principais argumentos do *Moisés e o Monoteísmo* é que o Moisés histórico era de fato egípcio.

De qualquer forma, não resta dúvida quanto à atração que Moisés exercia em Freud. O seu judaísmo e a sua posse de uma nova Lei – naquilo que se constitui a psicanálise – são apenas um dos fatores que o aproximam dessa figura mítica.

O texto, no qual a análise da estátua é efetuada, denomina-se “O Moisés de Michelangelo”, publicado, sob pseudônimo, em 1914. Somente dez anos mais tarde, o verdadeiro nome do autor foi revelado.

O trabalho de associação de ideias nesse texto consiste em verificar cada detalhe da escultura e conectá-la a uma atitude psíquica do Moisés retratado, para determinar que tipo de Moisés Michelangelo edificou.

Somos apresentados à obra de arte:

O Moisés de Michelangelo é representado sentado; o corpo volta-se para frente, a cabeça com a pujante barba olha para a esquerda, o pé direito repousa sobre o solo e a perna esquerda acha-se levantada de maneira que apenas os artelhos tocam o chão. O braço direito une as Tábuas da Lei a uma parte da barba, e, o esquerdo repousa sobre o colo. (FREUD, 1976, v.13, p. 256).

A seguir, temos uma visão frontal dessa estátua. Embora não possamos examiná-la como fez Freud, capaz de, movendo-se em torno dela, observá-la de todos os ângulos, os pontos mais relevantes da observação comentada no texto, entretanto, são visíveis.



Figura 4 – Moisés (de Michelangelo).
Fonte: Arquivo do Autor.

Para Freud, assim como para os demais observadores, essa estátua representa Moisés com as Tábuas da Lei, instantes depois de perceber que o seu povo idolatrava ídolos pagãos. Porém, ao contrário de todas as análises da estátua efetuadas até então, Freud considera que aquele Moisés representado não está prestes a quebrar furiosamente as Tábuas, mas que ele, num controle supremo, reprime as suas emoções, após quase ter sido dominado pela tentação

de, numa explosão colérica, arrebentar as Tábuas da Lei. Não se trata, portanto, do Moisés bíblico, mas de um Moisés especial, o Moisés de Michelangelo.

Freud nos apresenta, então, gravuras por ele idealizadas, representando aquilo que acreditava que teriam sido as posturas corporais exibidas por Moisés nos instantes imediatamente anteriores àquele em que Michelangelo o representou.

As gravuras são as seguintes:



Fig. 1.



Fig. 2.



Fig. 3.



Fig. 4.

Figuras 5, 6, 7 e 8 – Representações de Moisés com as Tábuas da Lei (Conjunto das Figuras 1, 2, 3 e 4).

Fonte: Freud (1976, v. 13, p. 269-270).

A primeira figura representa Moisés, segurando impassivelmente as Tábuas, de cabeça para baixo, pois, desta forma, conseguia um melhor apoio para as mãos, devido ao formato de chifre que possui a parte superior das Tábuas, sendo capaz de evitar um eventual deslizamento e queda.

A segunda ilustração representa o instante em que Moisés dá-se conta do tumulto da turba, em adoração ao ídolo pagão. Sua ira está representada na postura do seu corpo. Um olhar furioso para os infiéis, que ousaram desobedecer às ordens do Senhor. Neste instante, sua perna esquerda prenuncia um movimento de elevação corporal, o que lhe possibilitará extravasar as suas emoções. Enquanto isso, agarra a sua barba asperamente, expressando corporalmente a sua fúria. Mas, quando executa esse movimento, as Tábuas da Lei quase lhe escapam perigosamente da mão. Esse fato faz com que atente para a sagrada missão que lhe era dada cumprir. Avaliando a situação, percebe que sua fúria precisa ser contida em prol de uma tarefa mais importante.

A terceira figura é uma réplica da estátua. Na quarta, um detalhe ampliado desta, Moisés traz de volta a mão, que segurava raivosamente a barba, para poder apoiar as Tábuas, recostando-as no acento, impedindo-as, assim, de cair. “Nessa atitude permaneceu imobilizado e foi nela que Michelangelo o retratou como guardião do túmulo” (FREUD, 1976, v.13, p.272).

Para Freud, o Moisés de Michelangelo, ao contrário daquele das Escrituras, dá início a uma ação, provocada pela ira que o domina diante da visão do comportamento ignóbil dos seus liderados, mas, ao perceber que esta atitude põe em risco a Lei, consegue controlar suas emoções, protegendo as Tábuas, símbolo daquilo que tinha como missão de vida defender a todo custo.

Mas essa criação de Michelangelo constitui-se numa “infidelidade ao texto das Escrituras [...]”. Moisés era capaz de ações geradas por “crises de paixão”. “Foi num transporte de ira divina desse tipo que [...] quebrou as Tábuas da Lei, escritas pelo próprio Deus” (FREUD, 1976, v.13, p.275). O Moisés retratado pelas inúmeras obras de arte que antecederam à obra de Michelangelo, era fiel a esta figura da história religiosa.

Mas Michelangelo colocou um Moisés diferente na tumba do Papa, um Moisés superior ao histórico ou tradicional. Modificou o tema das Tábuas quebradas; não permite que Moisés as quebre em sua ira, mas faz que ele seja influenciado pelo perigo de que se quebrem e o faz acalmar essa ira, ou, pelo menos, impedi-la de transformar-se em ato. Dessa maneira, acrescentou algo de novo e mais humano à figura de Moisés; de modo que a estrutura gigantesca, com a sua tremenda força física, torna-se apenas uma expressão concreta da mais alta realização mental que é possível a um homem, ou seja, combater com êxito uma paixão interior pelo amor de uma causa a que se devotou. (FREUD, 1976, v.13, p.275).

Um Moisés que se controla e reprime a sua cólera, ao contrário daquele milenar que perdeu a calma, cometendo a heresia de quebrar a Lei outorgada pelo Senhor, constitui-se numa subversão às Escrituras. Para justificar essa atitude do artista, teríamos de encontrar uma razão vigorosa. Para Freud, o que levou Michelangelo a representar um Moisés que se contém diante da fúria que o invade, pode ser explicado pela natureza do seu relacionamento com o papa Júlio II, para cujo mausoléu esculpira esse Moisés.

Entre Michelangelo e o Papa, havia um relacionamento difícil. Júlio II era autoritário e irascível e “[...] o fez sofrer muitas vezes com sua ira repentina e sua completa falta de consideração pelos outros” (FREUD, 1976, v.13, p.276). Michelangelo, por sua vez, era um artista que sentia

[...] a mesma violenta força de vontade e, como pensador mais introspectivo, pode ter tido uma premonição do fracasso a que ambos se achavam condenados. Assim, esculpiu seu Moisés na tumba do Papa, não sem uma censura ao pontífice morto, mas também como uma advertência a si próprio, elevando-se, pois, através da autocritica, a um nível superior à sua própria natureza. (FREUD, 1976, v.13, p.276).

O Moisés de Michelangelo, portanto, foge ao padrão tradicional, mas nem tanto. Não se trata de um Moisés dócil, que nunca é presa de uma fúria que o leve a agir violentamente. Ao contrário, continua sendo essa figura histórica, capaz de gestos tempestuosos. Porém, no momento crucial, no qual tradicionalmente ele põe tudo a perder, Michelangelo o refreou, apontando-lhe uma causa maior do que a sua paixão furiosa. “Moisés desejou agir, levantar-se, vingar-se e esquecer as Tábuas; mas dominou a tentação e permanecerá sentado e quieto, com sua ira congelada e seu sofrimento mesclado de desprezo” (FREUD, 1976, v.13, p.272).

Trata-se de um trabalho ousado. Quando Freud analisou a estátua, esta já existia há quatro séculos. Durante esse tempo, a obra tinha sido interpretada de várias maneiras. O trabalho associativo freudiano, de “substituir cada elemento isolado” do Moisés por uma atitude comportamental que determine a intenção do seu criador, é similar àqueles processados nas suas interpretações das formações do Inconsciente.

Para chegar à sua interpretação, Freud descreve minuciosamente a obra de Michelangelo. Mostra as imperfeições das descrições de outros “críticos de arte”, suas contradições, enfim, desce aos mínimos detalhes para finalmente chegar à conclusão de que a interpretação usual da obra não corresponde à intenção do autor. (SILVA, 1994, p.69).

A intenção de Michelangelo é ousada, assim como o é a interpretação de Freud. Podemos argumentar que não há como saber se Freud estava correto na sua interpretação, pois nunca teremos a confirmação do autor, a menos que uma descoberta improvável de algum documento de seu próprio punho confirme esta teoria. Entretanto, a análise freudiana dessa obra de arte é tão rigorosa e convincentemente elaborada que podemos dizer: *se non è vero è ben trovato*.

Para proceder à investigação da estátua, Freud baseou-se em um crítico de arte do século XIX, chamado Giovanni Morelli, cujo método atípico de analisar uma obra de arte para lhe atribuir a autoria, criou bastante polêmica, mas, apesar das críticas, o “[...] método morelliano ainda hoje é comentado pelos críticos de arte” (GINZBURG, 2001, p.143-144).

Similarmente a Freud, Morelli publicou, sob pseudônimo, numa revista de arte alemã, uma série de artigos sobre a pintura italiana. Neles, Morelli propunha um novo método de atribuição autoral de quadros antigos, espalhados por diversos museus que, segundo ele, estavam cheios de trabalhos erroneamente atribuídos. Seu método consistia em distinguir os originais das cópias, sem levar em conta, como era de praxe, as características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros. Morelli propunha um método que, ao contrário, examinaria os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés, etc. Usando esse método, Morelli catalogou várias descobertas de erro de autoria de quadros em museus de vários países.

Freud comenta seu contato com o método morelliano:

Muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise, soube que um conhecedor de arte russo, Ivan Lermolieff, provocara uma revolução nas galerias de arte da Europa colocando em dúvida a autoria de muitos quadros, mostrando como distinguir com certeza as cópias dos originais e criando artistas hipotéticos para obras cuja suposição anterior de autoria fora desacreditada. Conseguiu isso insistindo em que a atenção deveria ser desviada da impressão geral e das características principais de um quadro, dando-se ênfase à significação de detalhes de menor importância, como o desenho das unhas, do lóbulo de uma orelha, de auréolas e de outras trivialidades não consideradas que o copista desdenha imitar e que, no entanto, cada artista executa à sua maneira própria e característica. Fiquei então extremamente interessado ao descobrir que o pseudônimo russo ocultava a identidade de um médico italiano chamado Morelli, que morrera em 1891 como Senador do Reino da Itália. Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações. (FREUD, 1976, v.13, p.264-265).

Para Rodrigué, o método investigativo aplicado por Freud no exame do Moisés de mármore foi uma “[...] aplicação desta lógica tipicamente sherlockiana [...]” (RODRIGUÉ, 1995, p.338). A reunião de Freud, Morelli e Conan Doyle, na figura de Sherlock Holmes, remete-nos ao Paradigma Indiciário, uma sugestão do historiador Carlo Ginzburg, para definir o método de investigação científica baseado no exame de indícios. Na fundação dessa teoria, Ginzburg reúne esses três médicos experientes na prática de analisar pequenos sinais

sintomáticos para desvelar grandes distúrbios, mostrando o que os três têm em comum na suas respectivas metodologias³⁹.

Freud, alguns anos depois da análise do Moisés, ao proferir uma conferência sobre psicanálise na Universidade de Viena, faz um comentário que ressoa como um eco da sua experiência morelliana:

É verdade que a psicanálise não pode vangloriar-se de jamais haver-se ocupado de trivialidades. Pelo contrário, o material para sua observação é geralmente proporcionado pelos acontecimentos banais, postos de lado pelas demais ciências como sendo bastante insignificantes – o refugio, poderíamos dizer, do mundo dos fenômenos. (FREUD, 1976, v.15, p.41).

De fato, como temos observado neste trabalho, são os pequenos indícios, aparentemente insignificantes, que representam a ponta de uma cadeia associativa, que precisamos trilhar, no sentido contrário em que foi concebida, para descobrir suas causas originárias, cuja revelação constitui-se na razão de ser do trabalho de investigação psicanalítica.

Na época em que publicou o ensaio sobre Moisés, Freud encontrava-se lidando com a deserção de importantes discípulos, entre eles, Adler e Jung.

O *Moisés* foi escrito no mesmo mês que os longos ensaios em que Freud anunciava a seriedade das divergências entre as suas concepções e as de Jung e não há dúvida que na época ele se sentia amargamente desapontado com a defecção de Jung. Foi à custa de uma luta interna que conseguiu controlar suas emoções de maneira firme o suficiente para que pudesse dizer calmamente o que sentia que tinha que dizer. Não se pode evitar a óbvia conclusão de que nessa época, e provavelmente antes, Freud se havia identificado com Moisés e estava lutando para imitar a vitória sobre as paixões que Michelangelo retratara em sua grandiosa realização. (JONES, 1989, v.2, p.364-365).

Muito pode ser dito sobre a influência que esse período conturbado pelas separações de discípulos importantes teve sobre a impressão deixada em Freud pela configuração da estátua de Moisés. Mas sabemos muito bem que ninguém está livre de influências advindas da sua história de vida quando analisa a condição de outrem. No caso de Freud com essa estátua, podemos arriscar dizer que havia um longo relacionamento entre os dois, suficiente para que

³⁹ Este paradigma foi o tema da nossa dissertação de mestrado, na qual examinamos detalhadamente a sua aplicação na teoria freudiana.

Freud pudesse aparar as arestas das interpretações, livrando-as do risco de contaminação. Se isto não foi possível, temos um caso a mais de um erro de interpretação derivado da confusão em análise das questões do analista com aquelas do analisante. Freud, porém, era um homem bem estruturado mentalmente por essa época, pois tinha empreendido a sua autoanálise e dera provas da sua capacidade analítica através dos diversos casos clínicos publicados, que ainda hoje são exemplos excepcionais de rigor investigativo e de critério profissional.

Falta-nos aqui, entretanto, observar o que aconteceu durante a investigação das partes componentes dessa estátua no que se refere ao fluxo associativo das ideias. Limitar-nos-emos a examinar apenas um dos primeiros passos dessa análise para evitarmos a repetição da exposição de um processo que permeia toda a investigação.

Freud realiza um exame cuidadoso, parte a parte, do Moisés, atentando para a configuração de cada pormenor da estátua. Chama-nos a atenção para dois pontos que até então tinham escapado à observação:

São a postura da mão direita e a posição das duas Tábuas da Lei. Podemos dizer que essa mão forma uma ligação muito singular e pouco natural, a pedir uma explicação, entre as Tábuas e a barba do herói cheio de cólera. Ele foi descrito como passando os dedos através da barba e brincando com seus anéis, enquanto a borda exterior da mão repousa sobre as Tábuas. Mas evidentemente não se trata disso. Vale a pena examinar mais de perto o que esses dedos da mão direita estão fazendo e descrever mais minuciosamente a pujante barba com a qual se acham em contato. (FREUD, 1976, v.13, p. 265).

Esses dedos, que parecem brincar com os anéis da barba, na verdade, indicam tensão, pois [...] “uma das madeixas à extrema direita, nascida no rosto, sofre a pressão do dedo indicador que a pressiona para dentro, retendo-a”. Os demais dedos não contam, pois “[...] somente o dedo indicador se acha em contato efetivo com a barba”. O indicador faz todo o trabalho de retenção da barba que se encontra fora de seu lugar natural. Este dedo encontra-se “[...] tão profundamente premido contra a massa de cabelos que esta se sobressai acima e abaixo dele, isto é, tanto no sentido da cabeça como do abdome. Os outros três dedos estão apoiados contra a caixa torácica e curvados nas juntas superiores, mal sendo tocados pela madeixa direita extrema da barba, que cai por trás deles” (FREUD, 1976, v.13, p.265).

Para Freud, aqui há uma estranheza: não se pode entender o gesto de apertar a barba com um só dedo. Deparamo-nos com a primeira associação de ideias a partir da representação de um fragmento da estátua. A posição dos dedos com relação àquela da barba revela uma representação não condizente com a crença que se tinha até então da atitude deste Moisés. A

posição do indicador, em contraste com a dos outros quatro dedos (o polegar está oculto), indica uma atitude inesperada. Em outras palavras, a configuração da mão direita denota uma postura tal que se associa com uma ideia que destrói a hipótese de uma mão que brinca com a barba. Ao invés disso, vemos surgir a representação de uma postura, que, por contiguidade, pressupõe um parcial afrouxamento de uma premência que a precedeu.

Freud prossegue analisando cada componente particular deste Moisés, e, a cada um deles, a ideia de uma atitude é associada. Por fim, o resultado final é anunciado: trata-se de um Moisés inesperado, cuja conduta havia estado oculta do saber cultural por séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos primeiros capítulos deste trabalho, observamos o mecanismo da associação de ideias, funcionando de uma forma contínua na elaboração dos pensamentos cotidianos, através da conexão entre as ideias que se encontram no repertório mental do sujeito, sem que a volição participe desta ação. Além disto, pudemos constatar que essa ação, na grande maioria das vezes, processa-se sem que a atenção consciente a perceba, embora, como tivemos a oportunidade de verificar, seja possível efetuar, posteriormente, o rastreamento da cadeia associativa, a partir da ideia que foi enfocada pela atenção consciente. Para isso, é necessário que percorramos o fluxo associativo no sentido contrário em que foi desenvolvido. No entanto, para a efetivação desta tarefa, são necessárias certa prática e perseverança. Trata-se de uma atividade que requer empenho, da maneira como pudemos observar com o personagem proustiano, na sua árdua busca pela ideia associada ao afeto que o invadiu ao provar a *madeleine* embebida em chá.

Nesse exemplo, percebemos que aquilo que aflorou à consciência não foi uma ideia, mas o afeto a ela associado. O sujeito sabia que o estímulo responsável por aquele afeto não poderia ter sido o sabor das migalhas da *madeleine* umedecidas, porém uma ideia que a ele estaria associada. A busca foi realizada para capturar essa ideia. O sujeito estava cômico de que uma conexão entre duas representações tinha sido realizada em sua mente fora do domínio do seu “eu” consciente.

Para nós leitores que nos deparamos com esse trecho literário, não há nenhuma estranheza na ação do personagem em procurar uma ideia que se associou a outra fora de sua atenção consciente. Sabemos que se trata de um fenômeno normal e corriqueiro, porém não nos damos conta do quanto este automatismo associacionista subverte o senso comum que reputa à razão consciente o domínio da ação de pensar.

Outro exemplo da automação desse mecanismo da associação foi possível observar na minha experiência, exposta no primeiro capítulo deste trabalho, na qual, enquanto eu contemplava um rosto aparentemente familiar de alguém que passava na rua, me veio à lembrança, sem que eu pudesse saber de onde surgiu, o fato de ter esquecido de responder a um *e-mail* de uma amiga.

A corrente de pensamentos que se estabeleceu fora da minha atenção consciente, a partir do momento em que divisei este rosto que me parecia familiar na calçada ao lado, acionou o seguinte discurso: rosto similar ao da antiga colega de trabalho, cujo nome é X, que

é também o nome da senhora, que é mãe de Y, que mandou *e-mail*, pedindo uma informação, que não foi enviada. Toda essa argumentação se processou na minha mente, fora da minha atenção e do meu conhecimento consciente, portanto, trata-se de um discurso independente da ação do “eu”.

Essa atividade, de natureza inconsciente, obedece a leis próprias sobre as quais a consciência não tem influência. Aquilo que me veio à mente, em forma de lembrança de um pedido não atendido, gerando constrangimento, e que foi produto de um encadeamento de associação de ideias, determinou, a partir daí, o rumo do meu pensamento consciente, e, devido ao constrangimento que me afetou, fez com que minha mente se envolvesse inteiramente nesse assunto. Decisões foram tomadas, determinadas por este pensamento que surgiu como se fora saído do nada. Fenômenos como este acontecem continuamente em nossa vida mental. O incomum neste exemplo não é o fenômeno em si, nem a grande frequência com a qual ocorre, mas o fato de ele ter sido percebido após sua efetivação.

A não percepção desse processo associativo atende a uma necessidade prática: não seríamos capazes de nos ocupar com os pensamentos relevantes para as nossas atividades cotidianas, se atentássemos para as inumeráveis ideias componentes da cadeia associativa que os concebe. Porém, a sua percepção, quando se dá, serve para nos indicar a existência de atividades mentais que se processam fora da atenção consciente.

A existência desse processo, que consiste num discurso argumentativo através de uma cadeia associativa, determinando, de forma significativa, o rumo de nossas ideias, faz-nos entender que a elaboração dos nossos pensamentos é controlada por um mecanismo independente do “eu”.

Aquilo que nos é apresentado pela teoria freudiana, mostrando-nos a dependência que o “eu”, racional, consciente, tem dos fenômenos inconscientes, animados por leis próprias, já pode ser antecipado pelo mecanismo responsável pelo fenômeno corriqueiro que agrupa as ideias em nossas mentes. Esse fenômeno as transforma em pensamentos inteligíveis, além de trazer à mente ideias com as quais não nos ocupávamos até o momento, mas que interferem determinantemente no curso de nossos pensamentos.

Na teoria freudiana, examinamos a concepção de ideias incapazes de serem acessadas pela atenção consciente, mas que podem ser inferidas a partir das suas correlatas conscientes, que com elas se associam segundo os princípios associativos já considerados. Além disso, segundo esta teoria, são essas ideias, cujo conteúdo desconhecemos, que determinam o curso de nossa vida mental. Freud chega mesmo a comparar a consciência a “[...] um palhaço de circo que, pelos gestos, tenta convencer a platéia de que toda mudança no picadeiro está sendo

executada por ordem sua. Mas só as crianças se deixam enganar por ele⁴⁰” (FREUD, 1976, v.14, p.67).

Segundo essa concepção, somos governados por ideias que são processadas fora do domínio do “eu”, portanto independentes da influência da razão e do conhecimento da consciência. O mecanismo que opera os fenômenos inconscientes, conectando as ideias recalçadas com os seus representantes na consciência, parece, entretanto, ser subordinado aos princípios associativos com os quais nos familiarizamos no decorrer deste trabalho. São estes mesmos princípios que norteiam o trabalho de análise que perfaz o caminho de volta, possibilitando ao “eu” desvelar, a partir desses representantes – as “formações do inconsciente” –, as ideias que os originaram.

A maneira pela qual esses representantes das ideias recalçadas associam-se com estas é pela via associativa, essa mesma via que vemos funcionar na elaboração dos nossos pensamentos corriqueiros. As mesmas regras que atuam sobre a formação dos sintomas, dos sonhos e dos atos falhos, estão presentes no encadeamento normal de nossas ideias.

Não há nada de inusitado, portanto, na dinâmica que rege os fenômenos responsáveis pelo intercâmbio de representações entre o inconsciente dinâmico e as demais regiões topológicas da mente. Em outras palavras, os fenômenos responsáveis pela determinação dos representantes das ideias inconscientes no lado consciente do sujeito são governados pelos mesmos princípios que norteiam a maneira pela qual nossos pensamentos são articulados na “normalidade” de nossos discursos cotidianos.

A busca por uma maneira de equacionar a investigação que pretende desvendar a fonte de uma cadeia associativa através da reconstituição de seus passos, a partir do indício de que se dispõe, remonta há séculos. Os primeiros caçadores investigavam as pegadas dos animais para descobrir onde iriam encontrá-lo, em uma associação por contiguidade, ao conectar um tipo da impressão no solo com a pata correspondente àquela do animal que se desejava capturar. Trata-se de signos que compõem uma mensagem: ‘por aqui passou tal animal’. Há um mito chinês “[...] que atribuía a invenção da escrita a um alto funcionário, que observara as pegadas de um pássaro imprimidas nas margens arenosas de um rio” (GINZBURG, 2001, p.152).

Há registro de leituras de sinais em formas de rastros de animais mais sutis do que as simples pegadas das presas de uma caçada. Na literatura, temos o exemplo das deduções do arguto Zadig, que, quando perguntado se tinha visto o cão da rainha, afirmou que não era um

⁴⁰ Freud parece insinuar, com essa última frase, que só as pessoas intelectualmente infantis não são capazes de perceber que o “inconsciente dinâmico” é quem rege a vida mental dos humanos.

cão, mas uma cadela. Em seguida, disse que ela era muito pequena e “[...] deu cria há pouco; manqueja da pata dianteira esquerda e tem orelhas muito compridas”. Quando perguntado se a tinha visto, respondeu que nunca a vira na sua vida, “[...] nem nunca soube se a rainha tinha ou não uma cadela” (VOLTAIRE, 2004, p.17). A explicação para o seu conhecimento das características do animal perdido, que nunca vira, viera das pistas deixadas por este na areia.

Passeava eu pelas cercanias do bosque [...], quando vi na areia as pegadas de um animal. Descobri facilmente que eram as de um pequeno cão. Sulcos leves e longos impressos nos montículos de areia, por entre os traços das patas, revelaram-me que se tratava de uma cadela cujas tetas estavam pendentes, e que portanto não fazia muito que dera cria. Outras marcas em sentido diferente, que sempre se mostravam no solo ao lado das patas dianteiras, denotavam que o animal tinha orelhas muito compridas; e, como notei que o chão era sempre menos amolgado por uma das patas do que pelas três outras, compreendi que a cadela de nossa augusta rainha manquejava um pouco, se assim me ousou exprimir. (VOLTAIRE, 2004, p.18-19).

Mais uma vez, nota-se a leitura de um texto impresso sem a intenção do autor, de forma análoga à leitura realizada pelos detetives que se exibiram, no primeiro capítulo deste trabalho, analisando as expressões gestuais de seus companheiros e conectando-as com os assuntos que sabiam ser de seu interesse, para deduzir o pensamento que passava pela consciência deles em um determinado instante. Já a investigação empreendida por Freud da estátua Moisés, na qual perscrutou suas configurações, associando-as a uma determinada atitude humana, para determinar a intenção do escultor ao representá-la, tratou-se de uma transcrição de uma mensagem presumivelmente intencional.

Freud, em um texto no qual disserta sobre o interesse linguístico⁴¹ da psicanálise, afirma:

[...] pode-se salientar que as interpretações feitas por psicanalistas são, antes de tudo, traduções de um método estranho de expressão para outro que nos é familiar. Quando interpretamos um sonho estamos apenas traduzindo um determinado conteúdo de pensamento (os pensamentos oníricos latentes) da ‘linguagem de sonhos’ para a nossa fala de vigília. À medida que fazemos isso, aprendemos as peculiaridades dessa linguagem onírica e nos convencemos de quem ela faz parte de um sistema altamente arcaico de expressão. (FREUD, 1976, v.13, p.211).

Um sistema arcaico, ainda assim um sistema de linguagem. A expressão na qual o sonho – assim como as demais formações do inconsciente – é representado, obedece a uma

⁴¹ O termo, de fato, usado nesse texto é “Filológico”.

estrutura linguística. Interpretar um sonho, assim como um sintoma, ou um ato falho, é transcrever uma linguagem numa outra. Freud nos transmite isso, afirmando que “[...] a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios” (FREUD, 1976, v.13, p.212).

No quarto capítulo, pudemos apreciar o trabalho de Jakobson sobre as afasias, classificando-as em dois grandes grupos e relacionando cada um deles com dois aspectos da linguagem – metáfora e metonímia, que correspondem às regras associativas de similaridade e contiguidade. Estes dois princípios, além de delimitarem a configuração dessa doença do uso da linguagem, definem os aspectos das representações artísticas e literárias e são os responsáveis pela determinação da escolha das nossas simbolizações. São, também, como vimos, os princípios determinantes da conexão entre nossas ideias, na estruturação de nossos pensamentos.

Esse texto de Jakobson serviu, como expomos, para a estruturação da concepção lacaniana do “inconsciente-linguagem”, que estabelece os princípios teóricos de grande parte dos estudos psicanalíticos atuais. Verificamos que Freud já havia, implicitamente, considerado a linguagem como determinante do sentido do sintoma quando ponderou que seria, talvez, um erro considerar que o sintoma neurótico produzisse as sensações através de simbolização, mas, possivelmente, ele “[...] não tome em absoluto o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria quanto o uso da língua extraíam seu material de uma fonte comum” (FREUD, 1976, v.2, p.231). Argumentamos que esta fonte comum seria a linguagem no seu sentido mais profundo: a estrutura lógica da simbolização. A partir do desenvolvimento deste nosso trabalho, revelando que os princípios que regulam a associação de ideias são os mesmos que estruturam a dinâmica que intercambia as representações nas regiões topológicas do psiquismo freudiano, e, tendo apreendido a natureza linguística desses princípios, constatamos que a teoria freudiana articula-se no campo da linguagem.

Concluimos, portanto, é que o objeto de investigação da psicanálise não está disposto ao mero acaso, mas são conteúdos linguísticos analisáveis, devido ao fato de estarem subordinados a regras lógicas que os ordenam de forma inteligível. Isso faz deste método de pesquisa uma ciência humana que tem como paradigma princípios de representabilidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Da lembrança e da rememoração*. Tradução, notas e comentários: Cláudio Veloso. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2003 (Cadernos de História e Filosofia da Ciência, Série 3, v.12, n. especial, jan./dez. 2002).

BERNSTEIN, Richard J. *Freud e o legado de Moisés*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

BONNET, Gérard. *Les voies d'accès de l'inconscient*. Belgique: Editions Universitaires, 1987.

BORGES, Jorge Luís. O conto policial. In:_____. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. v. 4, p.220-230.

COUTINHO J. P. O futebol não é um jogo. *Folha de S. Paulo*, 6 jul. 2010. Ilustrada.

DOYLE, Sir Arthur Conan. *Sherlock Holmes: obra completa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. v.1 e 3.

FREUD, Sigmund. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos [1900] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.4 e 5.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável [1937] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.23, p 239-287.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos: (2) Frau Emmy von N .[1895] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.2, p. 91-152.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos:(5) Fraülein Elisabeth von R.[1895] In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.2, p. 184-231.

FREUD, Sigmund. Conferência introdutória sobre psicanálise: conferência 2 – Parapraxias. [1916]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.15, p.39-55.

FREUD, Sigmund. Conferência introdutória sobre psicanálise: conferência 17 – O sentido dos sintomas [1917]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.16, p.305-322.

FREUD, Sigmund. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen [1906]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.9, p. 11-95.

FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia [1922]. In:_____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18, p.285-312.

FREUD, Sigmund. Fetichismo [1927]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.21, p.173-185.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente In: _____. *Obras completas*. Nova tradução de Paulo Cézar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v.12, p.99-150.

FREUD, Sigmund. O interesse científico da Psicanálise [1913]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.13, p.195-226

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo [1914].]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.13, p.249-280.

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. 2.ed. Revisão da Dra. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GABBI Junior. Osmyr Faria. *Notas a projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. v.3: Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 1: Sobre as afasias; O projeto de 1895.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.143-179.

HORTA, Nina. A fome da noite. *Folha de S. Paulo*, 13 maio 2010. Ilustrada.

HUME, David. Da Associação de Ideias. In: _____. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Unesp, 1999. p.31-42.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Unesp, 2001.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia [1956]. In: _____. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. p.34-62.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3 v.

JOYCE, James. Counterparts. In: _____. *Dubliners*. Hertfordshire (England): Wordsworth, 1993. p.61-69.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LEAR, Jonathan. *Freud: L'invention de l'inconscient*. Paris: Groupe Eyrolles, 2006.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LOCKE, John. *Essai sur l'entendement humain: Livres I & II*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2001.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Cônego ou metafísica do estilo. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 2: Várias histórias, p.570-573.

MacINTYRE. A. C. *L'inconscient, Analyse d'un concept*. Paris: Puf. Perspectives Critiques. 1984.

MANNONI, Octave. O que é associar livremente? In: _____. *Um espanto tão intenso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p.5-79.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MELVILLE, Herman. *Billy Budd, marinheiro*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.

PFRIMMER, Théo. *Freud, leitor da Bíblia*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

POE, Edgar Allan. Os crimes da rua Morgue. In: _____. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.9-150.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Porto Alegre: Globo, 1981. v.1: No caminho de Swann.

ROBERT, Marthe. *De Édipo a Moisés: Freud e a consciência judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud, o século da psicanálise, 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995. 3 v.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Antonio Franco Ribeiro da. *O desejo de Freud*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

UNAMUNO, Miguel de. *São Manuel Bueno, Mártir*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

VOLTAIRE, . *Zadig ou o destino*. Belo Horizonte, Itatiaia, 2004.

WITTGENSTEIN. Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Edusp, 1993.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. *O Moisés de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.